

Almas em Chamas

The book cover features a vibrant, textured background of blue and green. Overlaid on this are several cutouts of human figures made from various colored papers (yellow, orange, red, pink). One prominent yellow cutout shows a person with arms raised in a gesture of praise or joy. Other cutouts show profiles of faces and limbs in various poses, creating a sense of movement and human form. The overall aesthetic is artistic and expressive.

Romance Mediúnico do
Espírito Josué

Psicografia de Eurípedes Kühl

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Almas em Chamas

**Romance Mediúnico do
Espírito Josué**

Psicografia de Eurípedes Kühl

Almas em Chamas
Romance Mediúnico do
Espírito Josué
Psicografia de Eurípedes Kühl

Data da publicação: 28/03/2017

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro

REVISÃO: Cíntia Cortegoso

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

J73a

Josué, (Espírito).

Almas em chamas : romance mediúnico / ditado pelo espírito Josué, psicografia de Eurípedes Kühl; revisão de Cíntia Cortegoso, capa de Cláudia Rezende Barbeiro. - Londrina, PR : EVOC, 2017. 234 p.

1. Literatura espírita- romance. 2. Espiritismo. 3. Doutrina espírita. 4. Psicografia. I. Josué (Espírito). II. Kühl, Eurípedes. III. Cortegoso, Cíntia. IV. Barbeiro, Cláudia Rezende. V. Título.

CDD 133.93
19.ed.

SUMÁRIO

DIREITOS AUTORAIS.....	5
ATENÇÃO	6
1. O CIRCUITO DO TEMPO	7
2. "TOUCHÉ"	21
3. RAZÃO À FORÇA, OU FORÇA PELA RAZÃO?.....	32
4. A FORÇA DA OBSESSÃO	48
5. TEMPERATURA ELEVANDO-SE... ..	63
6. DA LUZ À SOMBRA	89
7. OS CLARÕES E AS SOMBRAS	103
8. GANÂNCIA A DOMICÍLIO.....	125
9. ALVORADA DO AMOR	148
10. MEMORANDO A DEUS	162
11. AMOR NA TEMPERATURA MÁXIMA	203

DIREITOS AUTORAIS

Este livro foi originalmente editado pela Lúmen Editorial Ltda., de São Paulo - SP. Os direitos autorais das edições impressas foram cedidos pelo médium à Sociedade Espírita Allan Kardec, com sede em Ribeirão Preto - SP, em colaboração às suas atividades de amparo permanente a famílias necessitadas.

Por decisão da EVOC e do médium, a presente edição, eletrônica, é ofertada gratuitamente aos leitores.

ATENÇÃO

Com exceção das citações religiosas e das personalidades devidamente qualificadas, as demais personagens e Instituições – públicas ou particulares – constantes desta obra são fictícias, não guardando identidade com eventuais homônimas, as quais, se existem, caracterizam simples coincidência.

1. O CIRCUITO DO TEMPO

A Feira Internacional de Automóveis, anual, seria aberta ao público dentro de setenta e duas horas.

Muitos expositores estavam com os arranjos atrasados. Alguns, quase ao desespero, aceleravam os retoques finais nos seus estandes, culpando a natureza que fez os dias só com vinte e quatro horas.

Além do capricho nos detalhes, outra grande preocupação era evitar que os concorrentes vissem sua decoração, receosos que algumas ideias fossem "pirateadas".

Assim, todo mundo ali, trabalhava nos três enormes pavilhões – um para carros de passeio, outro para ônibus e caminhões e o terceiro para tratores e motoniveladoras – com grandes cortinas de plástico encobrendo ou impedindo a visão da sua área de exposição. E, internamente, redobrados, eram os cuidados quanto à ocultação dos produtos.

De longe, o maior movimento era no pavilhão dos carros de passeio.

Os operários, à surdina, divertiam-se a mais não poder com o malabarismo dos responsáveis pela apresentação de cada estande, muitos deles portando-se histericamente, quando se tratava de ocultar suas ideias "geniais", quanto à decoração.

A toda hora chegavam carros, de vários países. Todos, sem exceção, "embrulhados" em plástico opaco, de forma que ninguém conseguisse adivinhar suas formas ou cores. Iam direto para os estandes, onde o mistério se duplicava: decoração e veículos a serem expostos.

Já nos outros dois pavilhões, as máquinas não estavam ocultas e os responsáveis até "pagavam" para que os repórteres, técnicos e comentaristas, fossem até lá.

O estande principal do pavilhão dos veículos de passeio, estrategicamente localizado, mais parecia a "recepção" dos visitantes, os quais não tinham alternativa: só passando por dentro dele conseguiriam ir aos demais expositores. Esse era o estande da multinacional que se constituía em "âncora" da Feira. Suas grandes vedetes daquele ano seriam de extremos opostos: numa ponta, o sensacional lançamento de toda a Feira: um superesportivo, para duas pessoas, luxuosíssimo, linhas arrojadas, fantástica potência, acabamento quase artesanal peça a peça, em cor única – vermelho escarlate; na outra ponta, um modelo popular, tamanho pequeno, com todos os requisitos de segurança – este, em várias cores. E a preços reduzidíssimos.

Aliás, nos preços é que se podia avaliar mais adequadamente a diferença entre um e outro veículo daquele estande: com o de luxo, se poderiam adquirir cinquenta populares.

Moças lindíssimas já estavam selecionadas por Karl Heinrich, o vice-presidente da multinacional, para atuarem como demonstradoras do superesportivo: o "Konkord".

"Konkord", no caso, era o carro-vedete, assim batizado, para imaginariamente ser comparado ao portentoso avião "Concorde" (quadrirreator supersônico de transporte comercial, franco-britânico, então recentemente inaugurado: 1976).

Nesse instante chegou o presidente da multinacional – Helmuth Heinrich, pai de Karl. Com ele, o indefectível séquito: Ester, a secretária; Mirênio, o gerente de "recursos humanos" (RH) e Campos, o motorista.

Mirênio levantou parte da cortina de plástico para a "comitiva" entrar. Nesse momento, foi "aquinhoad" por uns três quilos de serragem na cabeça, pois não tinha reparado que havia se acumulado nas dobras da cobertura.

A gargalhada geral explodiu, incoercível.

Se Mirênio "deixasse" os operários abrirem a cortina não teria sido premiado com aquele banho de serragem. Contudo, a

sofreguidão em agradar aos superiores nele falava mais alto que a prudência e até mesmo que a própria segurança pessoal.

O mais engraçado da cena foram os desesperados e inúteis esforços do "rendo homenagem", como era chamado Mirênio, para livrar-se das serragens, que àquela altura, obrigavam-no a se coçar todo.

Até mesmo operários de estandes próximos riam sem nenhum cuidado, contagiados pelas gargalhadas dos colegas. Para cúmulo do desconforto, e do ridículo, Mirênio viu-se alvo de indisfarçados sorrisos de Helmuth, Karl, Ester e Campos, aqueles com direito, por serem seus superiores, mas a secretária e o motorista... Nada podia contra eles: serviam ora ao pai, ora ao filho. Eram mais poderosos que ele.

Não restou alternativa a Mirênio senão retirar-se, humilhado, indo para casa, banhar-se e trocar de roupa. Saiu coçando-se.

Embora Mirênio não fumasse, trazia sempre consigo uma caixa de fósforos. Tinha a mania de, a cada cinco minutos, riscar um fósforo, a esmo, apagando-o logo. Quando estava nervoso, reduzia o intervalo para dois minutos. Naquele momento, refreou o impulso de riscar um e incendiar todo o estande... Até chegar em casa, gastou uma caixa de fósforos inteira.

Karl estava orgulhoso com a genial decoração do estande da empresa "H&H" (de Heinrich-pai e Heinrich-filho, ele próprio). Lá estava um reluzente "Konkord". Com saída privativa para uma pista externa dos pavilhões, o cenário denominado "circuito do tempo", preparado em função do carro-vedete, pontificava a originalidade. Com efeito, apropriando espaços, o veículo se deslocava pela pista artificial, em baixíssima velocidade, passando em ambientes que reproduziam, ora chuva, ora sol, ora dia, ora noite, calor e frio. Todas as condições climáticas e de horário ali estavam replicadas, e cada eventual cliente poderia, em menos de cinco minutos, testar o comportamento do "Konkord" em todas elas. Realmente, sensacional.

Já estava aberta uma fila de eventuais interessados – havendo-os às dezenas – na aquisição do superesportivo. Calculava-se que durante a exposição, à razão de dez clientes por hora, das 14 às 22h, por nove dias consecutivos, mais de 700 pessoas sentiriam o “gostinho” de pilotá-lo.

Isso mesmo: na intensa propaganda já em andamento, o carro não teria motorista e sim, “piloto”. Só ali na Feira, provavelmente seriam vendidas de 70 a 100 unidades, isto é, de dez a quinze por cento dos felizardos experimentadores. Quanto ao modelo popular, aguardava-se um verdadeiro “boom” de vendas. Essa a expectativa.

Quando Helmuth chegou, mudou o clima psicológico dos operários. Superada a insólita cena protagonizada por Mirênio, reinou a frieza. Helmuth raramente se dirigia a empregados. Só falava “de diretores para cima”. Como sempre, tossiu e murmurou coisas que só ele e Campos, motorista e homem de confiança, entendiam. Este, a um gesto de Helmuth, “traduziu” a ordem do presidente: Karl passou a mostrar ao pai a lista dos clientes em potencial, do “Konkord”, bem como o trajeto que o carro faria no “circuito do tempo”.

Helmuth, condescendendo, falou, sentenciando:

– A inauguração será coisa de presidente a Presidente: serei a primeira pessoa a realizar essa prova. Em segundo lugar, o Presidente da República. Depois, o resto...

– Pai, o senhor não quer fazer um teste agora, para saber direitinho como proceder, na inauguração?

– É bom. Outra coisa: já lhe disse que aqui não sou seu pai, sou o presidente...

– Sim, senhor presidente. Mil perdões...

Karl abriu a porta do “Konkord” para o pai entrar e deu a volta para também ele entrar e acompanhá-lo até o “circuito do tempo”, explicando os detalhes.

– Ahn, ahn... Campos é que vai comigo.

– Mas pai, isto é, senhor presidente, ele não sabe como funcionam todos os comandos.

– Ensine a ele. Você tem três minutos!

Tossiu e murmurou. Olhou para Campos, impositivo.

– Ele está dizendo que o senhor já perdeu meio minuto – disse Campos, olhando fixo para Karl, aguardando as instruções de funcionamento do veículo.

Karl engoliu em seco a humilhação de ter que passar para o subalterno as características do veículo. Mas, sem contradita, cumpriu a ordem do “senhor presidente”. Terminada a explicação, Helmuth instalou-se no “Konkord” e determinou aos técnicos que acompanhassem seu deslocamento, para eventual assessoria a Campos. Karl iria ao lado.

Ficou claramente configurada a humilhação imposta pelo pai, ao filho. Este, ardeu de ódio. Se era para os técnicos acompanharem, por que seu pai o obrigara a passar para Campos todos os detalhes? Só pelo prazer de rebaixá-lo perante os subordinados?

O espumante ódio inundou-o de veneno todas as veias, causando-lhe maior desconforto por dentro, do que aquele que há pouco “brindara” Mirênio, por fora. Iniciado o trajeto, com Campos na direção e os técnicos orientando-o quanto ao painel dos controles, Helmuth tossiu e resmungou. Campos acelerou levemente. Novos resmungos e maior velocidade. Karl e os técnicos tiveram que correr, compondo um quadro hilário.

Terminada a fantástica volta “em todos os climas do mundo”, Helmuth determinou que fossem alterados os níveis de chuva e frio, pois julgou-os fracos. Queria-os intensos.

– Mas, senhor presidente – ponderou Karl, arquejando pelo cansaço –, os computadores já programaram tempo e intensidade. Mudar isso agora poderá atrapalhar o desempenho do “Konkord”.

Tosses e resmungos do presidente. Novamente, Campos decodificou:

– O senhor presidente disse que não está pedindo e sim mandando.

– Sim. Faremos isso.

Tosses e resmungos.

– Já sei – adiantou-se Karl, silenciando Campos, que já se preparava para a devida tradução. Na verdade, não sabia. Mas, o nível de humilhação ultrapassara o suportável.

Karl retirou-se, livrando-se de ver o sorriso irônico e vencedor que perpassou pelo canto da boca do pai. De Ester e Campos também.

Antes da visitação ser franqueada ao público, houve a inauguração oficial da Feira, só para autoridades, imprensa especializada e convidados ilustres, todos de vários países. Nos deslumbrantes cenários, os veículos quase pareciam ter vida. Os imensos galpões, feericamente iluminados e com impressionantes motivos decorativos, apenas com a presença dos convidados, mais pareciam cenários de filmes interplanetários.

Aboletada no reluzente superesportivo da “H&H”, uma jovem de físico atraente, trajando vestido longo de seda branca, contrastando com o escarlata da máquina, em postura sensual, competia qual das duas a mais deslumbrante.

Na véspera a “H&H” recebera comunicado de que o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, grato pelo honroso convite, estando impedido de comparecer, designara o Ministro da Indústria e Comércio para inaugurar a Feira.

Assim, após a inauguração oficial, Helmuth acompanhou o Ministro até seu estande e ao chegar, determinou a Karl:

– Acompanhe sua excelência.

Um frenesi percorreu Karl, por sentir-se prestigiado pelo poderosíssimo presidente.

– Sim, senhor presidente. Com prazer.

Karl abriu a porta para o Ministro e deu a volta para assumir a direção do fantástico “Konkord”. Maior humilhação não poderia

atingi-lo, quando Helmuth, do alto do posto de mando absoluto, decretou:

– Campos dirige. Você fica na supervisão dos controles eletrônicos, para nada falhar.

– Mas... é o Ministro – balbuciou Karl, para o pai.

– Sim: por isso mesmo, não pode haver falhas.

Tossiu e resmungou. Campos, presto, assumiu a direção do veículo.

Karl, a “milissegundos” de violenta reação, engoliu aquela que era a maior desfeita de toda sua vida. Até então, a desfeita mais cruel tinha sido a do dia anterior. Dirigiu-se ao painel, na mesa de controle e, constrangido, permaneceu ao lado dos técnicos que a manuseavam. Não tinha conhecimento suficiente para operá-la. O pai sabia disso. Mas, a intenção foi deliberada: humilhá-lo.

A vários repórteres, não passou despercebido o inusitado lance. Só quem já trabalhou junto à mídia pode avaliar o nível de pressão a que são submetidos os repórteres, principalmente se novatos. O editor-chefe do jornal, por exemplo, dirige os acontecimentos num ambiente tal, que toda vez que o profissional vai a campo, em busca de uma reportagem, tem a sensação de que na volta será despedido, por insuficiência de sensacionalismo.

Ali, na abertura da Feira, muitos eram os repórteres que haviam sido convidados pela “H&H”, sem quaisquer despesas para eles, sendo hospedados em hotéis de cinco estrelas, tendo carro com motorista à disposição, por vinte e quatro horas. Óbvio que esse investimento aguardava retorno: reportagens especializadas, enaltecendo o superesportivo, então oficialmente apresentado como “Konkord”. Na propaganda, após o nome do carro havia um número 500, não aleatório: a “H&H” informava que só seriam feitos 500 exemplares. Esse ousado lance de “marketing” açulou a vaidade dos ricos, alguns dos quais encomendaram um exemplar, apenas para coleção.

Quanto aos profissionais da imprensa, sabiam que terminada a Feira teriam que continuar em seus empregos. Foi para garanti-lo

que, mesmo tendo que se portarem com leveza ética, alguns deles julgaram ser seu dever fustigar os poderosos Heinrich. Se acrescentassem pitadas de intriga familiar no alto escalão da "H&H", suas reportagens não seriam apenas técnicas...

Um repórter aproximou-se de Karl:

– Senhor vice-presidente, tudo bem?

– Sim.

– O senhor não deveria estar na direção do "Konkord"?

– É... deveria... mas achamos melhor o motorista dirigir-lo.

– O senhor não acha estranho um motorista acompanhar o Ministro? Isso não deveria ser incumbência sua?

– Acontece que considere melhor ficar nos controles, supervisionando.

– Seu pai tem algo a ver com a sua, digamos, "consideração"?

– Não. Nada a ver. Aqui, mando eu.

A repórter dirigiu-se a Helmuth, que estava próximo:

– O senhor aprovou a decisão do responsável pela "H&H"?

– Qual decisão? E qual responsável?

– Seu filho...

– Ele não é responsável pela "H&H". Aqui, nem é meu filho, *apenas* vice-presidente. Eu sou o dono. E quem decide tudo! Tudo, minha filha! Entendeu?

– Então por que o senhor não acompanhou o Ministro no carro?

– Estaria a bordo, minha filha, se ao meu lado estivesse o Presidente da República...

– Nesse caso, por que o senhor Karl não acompanhou o Ministro?

– Porque acompanhará... você. E não se esqueça de enaltecer o nosso carrinho, conforme combinei com seu chefe.

Na verdade, Helmuth havia convidado as emissoras de televisão e jornais que, em troca de generosas verbas de

propaganda da "H&H", deveriam contemplar o "Konkord", nas "imagens gerais" da Feira.

Concluída a volta do senhor Ministro, um batalhão de repórteres entrevistou-o:

– Senhor Ministro... senhor Ministro... senhor Ministro..., exclamavam os repórteres, quase engalfinhando-se. "Como foi"? "Qual sua impressão"? "Sentiu mesmo frio e calor"?

– Sim, sim. Nunca vi nada igual. Coisa fantástica! Imagino que esse carro só deveria ser lançado no próximo século. A "H&H" está de parabéns!

E arrematou:

– O "Konkord" não é deste planeta!

Devolvia assim, o senhor Ministro, a gentileza de Helmuth, que pusera à disposição dele seu jato particular, para trazê-lo e levá-lo de volta à Capital, além de hospedá-lo regamente, com a comitiva ministerial, formada de dois chefes de Departamento e da secretária.

Karl tentava a todo custo participar da entrevista que o Ministro concedia aos repórteres, mas seu pai roubou-lhe esse gosto. Aos tossidos e resmungos de Helmuth, Campos traduziu-os para Karl:

– O senhor presidente manda o senhor dar uma volta com os repórteres, começando pelas televisões.

A Karl não restou senão obedecer. Foram distribuídas senhas a cinco repórteres e, a todos, o vice-presidente demonstrou o fabuloso veículo.

Nos dias seguintes, conforme o previsto, a vedete da Feira foi mesmo o "Konkord". O número de encomendas ultrapassou a previsão: foi o dobro.

Terminada a exposição, Karl programou um churrasco no clube de campo da "H&H", com participação de todos os empregados, para comemorarem o êxito obtido. Determinou a data e horário e toda a programação, passando as ordens para Mirênio providenciar. Informou ao pai:

– Senhor presidente: determinei a realização de um churrasco, em comemoração às vendas do “Konkord” e apreciaria que o senhor nos prestigiasse, comparecendo. Será no sábado.

– Ah, é? E quanto vai custar?

– Ainda não sabemos, mas a “H&H” vai pagar, revertendo em lucro, pois precisamos motivar os empregados na fabricação das encomendas, o que vai exigir deles muita dedicação e trabalho.

– Cancele!

– O quê?!

– Cancele!

– Mas... pai... já está tudo preparado...

– Quem manda aqui ainda sou eu!

Tossiu e resmungou. Campos, ao lado, traduziu ainda uma vez:

– Disse para o senhor se retirar...

Dessa vez foram ultrapassados todos os limites toleráveis, todas as fronteiras entre o equilíbrio e o descontrole psíquico, quebrada foi toda a hierarquia funcional. Com a voz surda e o olhar extravasando cólera, Karl perdeu o controle, desprezou todo o respeito que a duras penas demonstrara até ali. Aliás, não era robusta a linha divisória funcional que o obrigava à subserviência ao presidente. Menos, filial. Explodiu:

– Se o senhor fizer isso, deixo a empresa!

– Ótimo! Dentre os mil candidatos à sua vaga, uns 999 serão mais competentes que você.

– Se eu sair daqui, deixo de ser seu filho e imagino que o senhor não vai encontrar outros 999 por aí...

– Olhe o respeito, rapaz! O respeito!

– Respeito?! Quando foi que o senhor me respeitou? Até esse motorista, o Campos, recebe mais consideração do senhor que eu. Ou nega isso?

– Ele faz mais por mim do que você, só isso. Questão de custo-benefício, meu caro.

– Se o senhor pensa assim, estou me demitindo neste momento!

– Jamais! Jamais!

– Veremos: ninguém pode impedir-me de sair desta empresa. Prefiro passar fome a continuar aqui.

– Jamais você se demitirá, seu imprestável: eu é que determino sua demissão! Está demitido!

Karl achegou-se à mesa do pai e com os braços estendidos “varreu” tudo o que estava em cima, atirando aos ares objetos e papéis. Retirou-se, chutando os objetos e pisando propositadamente nos documentos espalhados pelo chão. Retornou ao seu gabinete e determinou a Ester:

– Convoque agora mesmo uma coletiva para as 17h: TV, rádios e jornais, Federação das Indústrias, Associação Comercial e Industrial e Sindicatos. Todo mundo! Todo mundo!

– A pauta: o senhor pode adiantar?

– Uma bomba!

– Ahn?!

– Surpresa! E chame o Mirênio.

Quando o gerente de “RH” adentrou, captou que Karl estava irritadíssimo. Bajulou-o, como sempre:

– Se o senhor quiser, volto outra hora... não quero incomodar...

– Como, seu tonto, se fui eu que mandei chamá-lo?

– É verdade: sou tonto mesmo!

– Prepare meu pedido de demissão!

– Céus! Não faça isso! De jeito nenhum! Prefiro morrer!

Não conseguindo controlar-se, Mirênio acendeu um fósforo, apagou-o, começou a chorar.

– Deixe de cenas. Faça o que mandei.

Nesse momento Ester entrou, aflita:

– Senhor Mirênio: o senhor presidente exige sua presença agora mesmo.

– Mas... Estou atendendo ao senhor Karl...

– Ele sabe. Deu dois minutos para o senhor apresentar-se a ele.

Mirênio começou a tremer. Voltou a chorar. Riscou outro fósforo. Nunca enfrentara situação tão complicada: se ficasse com o filho, desagradaria ao pai e certamente seria despedido! Se fosse atender ao pai, sabia que quando os dois se reconciliassem ele passaria a ser o “bandido” daquela história.

Falou mais alto a sobrevivência:

– Mil perdões, senhor Karl, mas seu pai é o presidente...
– Pode ir atendê-lo, mas logo em seguida prepare minha carta de demissão.

Da sala de Karl à de Helmuth, Mirênio foi acendendo fósforos...

Quando Mirênio adentrou, espantou-se com tantos papéis pelo chão. Num ato reflexo, jogou-se ao chão e começou a juntá-los.

Helmuth não disfarçava a soberba, vendo o gerente de “RH” engatinhando daqui para a li, qual um cachorrinho travesso atrás de uma bola.

Campos, impassível, imóvel, sorria, sarcástico.

Quando Mirênio terminou começou a ordenar os papéis. Só depois de alguns minutos concluiu a voluntária tarefa. Eufórico, autocelebrando competência, juntou os calcanhares com energia e estrépito, como se militar fora. Perfilou-se, depois se curvou e ofertou:

– Às suas ordens, meu presidente.
– Não vou falar duas vezes. E não quero ouvir nenhuma palavra sua. Entendeu?

Houve um silêncio profundo.

– Ótimo. Estamos entendidos. O “garoto” (assim referia-se ao filho) está meio nervoso, mas isso passa. Não faça nada que ele mandar, sem primeiro consultar-me. Entendido?

Tossiu e resmungou. Campos registrou:

– O senhor Helmuth está perguntando se o senhor entendeu a ordem.

– Sim. Não quis falar porque ele determinou que não queria ouvir minha voz.

Tosses e resmungos. Campos:

– Ele está mandando o senhor mostrar com a cabeça que entendeu.

Mirênio abaixou e elevou a cabeça umas seis vezes.

– Muito bem — proseguiu Helmuth —, já fiquei sabendo que o garoto chamou a imprensa para uma entrevista hoje à tarde, às 17h, no auditório. Você já sabia?

Mirênio confirmou, meneando a cabeça.

– Pois então prepare a pauta da entrevista e eu é que vou atender os repórteres. Quero que todos os empregados compareçam. Vou sortear três carros. Providencie com a segurança que ninguém da empresa entre no pátio depois da minha chegada. E não divulgue que eu estarei lá. Senão...

Mirênio abaixou e elevou a cabeça várias vezes.

Saindo dali, foi até a sala do vice-presidente, mas ele havia saído. Deu graças a Deus, pois assim livrava-se do terrível desconforto de ter que desobedecê-lo e ainda por cima estar impedido de justificá-lo.

Cumpriu as ordens do “doutor” Helmuth, de imediato.

Mesmo após a intempestiva saída de Karl, a jornada na multinacional de veículos continuou em aparente calma. Só na aparência. Por um desses inexplicáveis mecanismos da convivência humana, de muitas pessoas principalmente, quase todos ficaram sabendo, até com detalhes, o áspero diálogo, há pouco, entre os donos – pai e filho.

Todos os empregados foram convidados para comparecerem no pátio, às 17h, onde seria servido um coquetel. De forma a tornar irrecusável o convite, ficaram sabendo que seriam sorteados três veículos “zero quilômetro” dentre os presentes.

Ferveram comentários, deduções e prognósticos.

Falava-se em demissão em massa.

Quanto a Mirênio, aquele "senão" de Helmuth, ecoava intermitentemente em sua mente, provocando-lhe o gostinho de guilhotina...

Riscou vários fósforos.

2. "TOUCHÉ"¹

Quando Karl chegou em casa e contou para Cássia que estava demissionário, a esposa quase teve uma síncope:

– Você está maluco? Perdeu o juízo? A "H&H" é sua, seu bobo. Como é que vai sair de lá? E nós? E eu? Você não tem um emprego, tem uma fábrica, ou melhor, será toda sua quando seu pai morrer. Mas agora, por enquanto, pelo menos a metade já é sua. Nossa!

– Não aguento mais tanta humilhação do meu pai...

– É por que você não se dá ao respeito.

– Ah, é? Pois fique sabendo que o velho trata melhor o Campos do que eu. Seu eu pudesse... mandava ele embora com um pontapé bem dado...

– Não acredito. Acorde-me, pois devo estar sonhando: um simples motorista tem mais prestígio que o vice-presidente? Isso não existe!

– Não é bem assim, meu pai dá cobertura àquele atrevido. Se eu pudesse...

– Olhe aqui, meu bem, não adianta ficar resmungando "se eu pudesse... se eu pudesse...". Você pode!

– Falar é fácil...

– Vamos dar a volta por cima. Tenho um plano e sei que vai dar certo. Em pouco tempo, menos do que você pensa, a "H&H" estará em suas mãos.

– Falar é fácil...

– Esse é o seu problema: negativismo, medo, passividade. Nós estamos falando de milhões, bilhões, talvez, e você me vem choramingar que um motorista é mais poderoso que *nós*. Faça-me

¹ Exclamativo, em francês, sobre esgrima, quando um duelista atinge o adversário - Nota do Médium

o favor Karl... Acorde! Põe seu bloco na rua, meu amor! *Nosso bloco*, aliás.

– Como? Como? Não volto mais àquele caldeirão fervente, pois lá não passo de uma simples batata esturricada...

– Haja paciência para aguentar você! Vou pôr meu plano em prática e a primeira parte é você voltar lá, agora mesmo, e pedir desculpas ao seu pai.

– Nunca! Prefiro morrer! Jamais me humilharei outra vez diante daqueles dois.

– Como você é infantil! Dê ordem ao Mirênio para inventar qualquer desculpa e chamar o Campos até a Seção do Pessoal e segurá-lo lá por meia hora. Enquanto isso, você vai até seu pai e explica para ele que foi convidado para assumir um importante cargo no segundo escalão do governo federal.

– Ele não vai acreditar...

– Vai, sim. Agora mesmo vou telefonar para minha amiga S. Meire, colunista social e passar para ela "em primeira mão" essa notícia...

– Mas não é verdade...

– Claro que não é verdade. Essa não será a primeira nem a última vez que aquela fogueira vai fazer uma fogueira fria. O jornal para o qual ela escreve coluna social é talvez o mais poderoso de todos. Como eu vou empenhar meu nome para ela, mas pedir segredo, é certo que a notícia será publicada. O resto, bem, o resto, meu amor, fica por conta da sede de fofocas do mundo. Entendeu?

– Mais ou menos...

– Pois é. Quando os repórteres chegarem hoje à "H&H", minha amiga já terá vazado o "furo de reportagem", em edição-extra pela TV, mais ou menos nestes termos: *"Vice-presidente deixa a "H&H" para assumir importante cargo no governo federal. Especula-se que o convite tenha partido do Presidente e que o novo local de trabalho seja bem pertinho do gabinete número um da República. Detalhes completos, amanhã, em nossa coluna social"*.

– Mas, e depois? O que fazer?

– Seu pai, sim, vai “pegar fogo” de verdade, quando souber que não poderá mais humilhá-lo. Ou você ainda não percebeu que a motivação do meu sogro é nos fazer desfeitas, magoar-nos o tempo todo? Também venho aguentando grosserias dele, mas agora chegou a hora do ajuste de contas.

– Você tem razão. Mesmo sendo mentira, passo a ter cotação elevada para negociar minha permanência na “H&H”, com os direitos que me pertencem.

– Direitos, não, meu bem, poderes! Não se esqueça disso: só quem tem poder sobrevive. Se para ter poder, for preciso, ajoelhe-se e peça perdão. O mundo é uma selva e quanto mais nós pudermos ser leões ou tigres, melhor viveremos. Imite o leão, que deixa a leoa caçar a presa, para depois devorá-la. Antes de atacar a presa, os dois rastejam, ficando em nível inferior a ela... Nunca se esqueça disso. Rasteje, se necessário, para que o poder seja todo seu.

– O que... você quer dizer com isso?

– Exatamente o que você ouviu: vou acuar as nossas presas e você vai se impor depois. No instante que você entrar na sala do seu pai, mande o Mirênio informar-me. E quando terminar a reunião, quero ser a primeira a saber as novidades. Não se esqueça de me telefonar, imediatamente. Quero sentir o gostinho de ver você começar a derrotar seu pai.

Às 16h30min, Cássia telefonou para o maior jornal do país, convocou S. Meire e passou-lhe o “furo”. Demonstrando grande emoção, pediu à amiga para aguardar confirmação da notícia para só, então, publicá-la. Isso foi o mesmo que pedir imediata divulgação, o que foi feito, quinze minutos após, pela TV, como notícia-extra. Como, aliás, Cássia planejara.

No mesmo instante, isto é, às 16h45min, Karl retornou à “H&H” e entrou em seu gabinete, nem precisando chamar Mirênio, pois este o aguardava, à entrada, qual insólito plantão.

– Chame agora mesmo o Campos à Seção do Pessoal e segure-o lá até eu sair do gabinete do meu pai.

Karl nem de leve referiu-se ao pedido de demissão e Mirênio sentiu grande alívio com isso, pois Helmuth determinara que só cumprisse suas ordens, e essa ele não dera.

Quando Campos chegou à Seção do Pessoal, Mirênio informou a Karl, que em seguida dirigiu-se à sala do presidente.

– Pergunte ao meu pai se ele pode atender-me.

Ester assustou-se, primeiro por ver Karl, que sabia demissionário e também porque aquela era a primeira vez que pedia permissão para falar com o pai. Cumpriu a ordem, levantando-se e indo até a sala do senhor Helmuth, ao invés de usar o interfone. Logo retornou:

– O doutor Helmuth aguarda-o. Faça o favor de entrar.

Helmuth também estranhara o fato de o filho pedir permissão para falar-lhe, contudo, deduziu que isso significava pedido de perdão. Vitorioso e soberbo, aguardou a presença do filho.

Quando se olharam, pai e filho, uma estranha eletricidade alcançou-os, simultaneamente. Helmuth surpreendeu-se com as feições de Karl, denotando grande calma interior. Com efeito, Karl mantinha a mente em absoluto controle, para executar o plano de Cássia, o qual sancionara por completo.

– Pai, fui impulsivo e quero me redimir. Estou com a cabeça quente, pois fui convidado para assumir um alto cargo em Brasília... Por isso, pedi demissão, ou melhor, pensei em demitir-me, considerando que o senhor não precisa de mim... espero que o senhor me perdoe...

Essa era a primeira vez que Karl tomava uma decisão e isso pegou o pai desprevenido. Helmuth engoliu em seco. Tinha um bem elaborado plano para a "H&H", que contava com a presença do filho, não tanto mesmo pela competência, mas pelo "nome" – Heinrich. Tratava Karl com brutalidade para desenvolver nele a "dureza dos fortes", que sempre vencem, com ou sem razão.

Enrijecendo o filho, faria dele um vencedor. E Karl só chegaria a esse ponto se tratado com brutalidade, pois não nascera com “fibra”. Assim pensava Helmuth.

– Quem o convidou?

– Desculpe, mas não posso revelar. Ainda está em sondagens... Apenas fui informado por um amigo, chegado ao primeiro escalão...

– Quem faria isso sem meu conhecimento?! – explodiu Helmuth.

– Por que “seu conhecimento”, pai? É o meu futuro que está em jogo.

Dessa vez Helmuth não censurou-o por chamá-lo, ali, de pai.

– Cale a boca! O único futuro que me interessa é o da “H&H”. Quem foi o atrevido? Vamos... diga-me logo.

Karl, de caso pensado, mil vezes mentalmente ensaiado, levantou-se, fazendo menção de retirar-se.

– Sinto, pai, mas não posso dizer.

A voz era calma, de domínio absoluto das emoções. Em total contraste com a revolta de poucas horas atrás.

– Eu é que vou decidir isso – exasperou-se Helmuth, agora ele, perdendo o controle.

Resmungou e tossiu. Mas Campos não estava lá. Levantou-se abruptamente e alcançou o filho que já dera dois ou três passos em direção à saída.

– Não faça nada sem me consultar!

– Mas, pai, o senhor mesmo me demitiu há menos de cinco horas. Há dias eu já havia sido sondado pelo pessoal “lá de cima” e penso que foi Deus que me respondeu...

– Deixe Deus fora disso, pois é sujeira que estão fazendo comigo. Nunca isso poderia acontecer...

Ester informou pelo interfone que havia um telefone urgente para o presidente. Helmuth, antes de atender, determinou que o filho voltasse.

– Alô, aqui é Helmuth.

Karl percebeu que o pai ficou lívido com o que ouvia, irritando-se com o interlocutor:

– Na TV?! Não confirmo nada. Claro que já sabia... há dias meu filho me contou... mas não decidi, ou melhor, não decidimos ainda. Logo mais terei resposta, na reunião que convoquei. Passe bem.

– Esses fofoqueiros... imagine que querem saber se a reunião será para divulgar seu afastamento e qual a data da sua posse lá na Capital.

– Incrível, pai, como essas coisas se espalham. Não disse uma única palavra para ninguém. Nem para Cássia.

Do outro lado da linha telefônica, na casa de Karl, estavam Cássia e S. Meire. Esta, convidada por aquela, viera até ali, para uma visita de amigas e “mais detalhes”. Fora Cássia que sugerira à repórter que ligasse, dali mesmo, para o todo-poderoso presidente da “H&H” e confirmasse a veracidade da notícia, há pouco divulgada pela TV. Cássia sabia, por Mirênio, que pai e filho estavam “em reunião” e assim o momento daquele telefonema era estrategicamente propício para seu plano.

Mais falsidades, difícil.

A irritação de Helmuth só fez aguçar a curiosidade da repórter social, dando-lhe convicção que realmente havia brasas embaixo das cinzas.

Às 17h o pátio fervia, com os diretores, gerentes, chefes, encarregados e centenas de operários aguardando o que estava por vir.

Sem que ninguém conseguisse explicar, todos já sabiam que houvera discussão entre pai e filho, o pedido de demissão deste, bem como sua ida para a Capital, onde seria Ministro...

Mirênio estava a ponto de “entrar em órbita”, pois precisando agradar aos superiores, segundo seu manual secreto de sobrevivência profissional, não sabia como fazê-lo, estando em oposição pai e filho – presidente e vice-presidente. E ambos dando-lhe ordens, opostas também. Já tinha tomado três comprimidos

calmantes, cada um acompanhado de meio litro de água com açúcar.

Alguns repórteres tentaram conseguir informações com os diretores, outros com gerentes e outros ainda, com empregados, quanto ao que seria tratado. De modo geral, todos souberam do que se tratava. Sobre Karl...

– Senhoras e senhores – iniciou Helmuth, chegando com o filho –, a “H&H” tem a satisfação de acolhê-los, pois temos grandes notícias.

Pigarreou e resmungou. Campos fez um sinal para alguém, distante. Logo, três carros foram trazidos para a frente do palanque onde estavam os convidados especiais, diretores e repórteres. Houve uma salva de palmas, inaugurada, ou melhor, “puxada”, por um Mirênio quase à histeria.

– Desculpem esse pobre velho – brincou Helmuth, cujo gracejo só contou com o apoio de Mirênio, que se vendo isolado nisso, pegou um fósforo e quase riscou-o, contendo-se a tempo. Helmuth prosseguiu. – Nossa reunião é para informar a todos uma grande mudança que ocorrerá nesta empresa.

O “suspense” foi criado. Helmuth continuou:

– Tão grandes serão as mudanças que muitos de vocês hoje entraram aqui com um cargo e quando saírem terão outro, mais elevado...

Os olhares concentraram-se em Karl. Se fosse possível analisar os funcionários, um por um, seriam registrados os maiores absurdos:

- Os diretores, todos, viram-se guindados à vice-presidência;
- Os gerentes, sem exceção, viram-se diretores;
- Os chefes tiveram “certeza” de que seriam gerentes;
- Os encarregados de setor julgaram-se os mais novos chefes;
- Os operários, esses, coitados, uns viram-se encarregados, outros, chefes, havendo até um que se julgava em condições de ser diretor.

Em todos esses devaneios havia um denominador comum: euforia ante a elevação de "status" profissional. Não poucos, fizeram as contas dos respectivos aumentos salariais e planejaram, em segundos, viagem internacional, troca de casa, de carro, compra de lancha, de motocicleta, de bicicleta e por aí vai.

– Senhor presidente – apartou um afoito repórter, como afoitos sabem ser todos eles – o que o senhor nos informa tem algo a ver com o cargo da vice-presidência?

Helmuth pigarreou e agrediu:

– Você quer vir para meu lugar e presidir a reunião?

Agora, sim, o riso foi geral. Quando todos pararam de rir, aguardando o desfecho, Mirênio continuou gargalhando, pois percebera que o presidente apreciara o fato de a própria piadinha ter sido bem aceita pelos presentes. Quando Mirênio deixou, Helmuth contemporizou, do alto do seu cargo, aliviando o repórter do constrangimento:

– A impetuosidade faz muita gente comer cru, meu jovem. Já vamos atendê-lo, falando do meu filho querido. Antes, temos um "furo" para todos.

Chamar Karl de "filho querido" não se coadunava com demissão. Alguma coisa diferente estava no ar.

Helmuth olhou para Campos, que logo serviu-o água. Tomou um gole. Respirou fundo e soltou o "furo":

– A "H&H" tem a prioridade da instalação de uma fábrica de ônibus e caminhões aqui mesmo neste país e estamos decidindo em que Estado será localizada.

– Senhor presidente...

– Senhor presidente...

– Senhor presidente...

Os repórteres, mesmo mantidos a distância pelos encarregados da segurança, atropelavam-se para poder inquirir Helmuth.

– Responderei a todas as perguntas. Antes, deixem-me concluir a boa notícia: já tenho em mente onde será instalada a nova fábrica.

Olhando para Karl prosseguiu:

– Só tenho uma dúvida: quem será o presidente dessa nova unidade e quem nós poderemos levar daqui mesmo para nos ajudar na sua implantação.

Novamente a ambição percorreu as mentes. Uns viram-se promovidos à presidência; outros, à diretoria... Helmuth aduziu:

– O presidente da nova fábrica irá estagiar por uns três meses na Europa e Estados Unidos para verificar detalhes de outras fábricas iguais à que implantaremos aqui. Com ele, irão os assessores que julgar necessários.

O frenesi tomou conta de muitos.

Helmuth adotou ainda mais a pílula:

– Os casados poderão levar as esposas...

Mirênio não se conteve: irrompeu em enérgicos aplausos, seguidos de risos curtos e descontrolados. Já se via, ele, com a mulher, em Paris... Viena... Roma... Nova York. Pensou: "em Miami e na Disneyworld não vou, pois qualquer um já pode ir, isso já está vulgar...". Nervosamente, riscou alguns fósforos e apagou-os antes mesmo da chama irromper por completo.

Helmuth jogou seu trunfo, levantou-se, aproximou-se do filho e disparou:

– Quem vocês acham que deve ser o presidente da nova fábrica?

A expressão corporal era clara. Era uma ordem.

Mesmo assim, as pessoas não obedeceram de pronto. Aguardavam uma notícia de demissão e ouviram um convite tácito para o "futuro demitido".

Helmuth captou o clima e reagiu rápido: olhou para Mirênio, tossiu e resmungou. O gerente decifrou, no ato:

– Viva o novo presidente, o senhor Karl!

Batendo palmas sem parar, não houve como não ser acompanhado pelos presentes, a partir dos diretores, embora não com o mesmo entusiasmo, mas a isso coagidos pelo duro olhar de Helmuth, fulminando-os, exigente.

– Vocês acham que meu filho deve ser o presidente?

– Sim – gritou Mirênio.

– Quem pensa diferente, levante as mãos...

Ninguém ousou. Muitos, contudo, bem que gostariam.

– Bem... ouçamos o próprio...

Helmuth, num gesto de grande efeito psicológico, passou o microfone para o filho.

– Vocês sabem... – gaguejou Karl – que estou numa encruzilhada... a sorte me sorri duplamente neste momento... preciso pensar...

– Nada disso – atalhou Mirênio, perdendo a compostura –, o senhor tem que ser o nosso presidente na nossa nova fábrica.

Os dois Heinrich adoraram a impetuosidade do adulator.

– Mas o senhor não foi convidado para ser Ministro? – gritou um repórter.

– Na verdade, fui sondado para um alto cargo federal, mas agora...

Estava rendido. Helmuth percebeu-o e decretou:

– Estamos decididos. Prepare seu passaporte e o da minha nora.

Tímidos e esparsos aplausos deram conta da impopularidade de Karl.

– Senhor Karl – gritou outro repórter –, o senhor não pediu demissão? Ficamos sabendo que hoje de manhã houve uma discussão com seu pai...

– Para início de conversa, meu caro, aqui não existe “meu pai” e, sim, o senhor presidente. “Pai”, só quando nós dois saímos das dependências da “H&H”. Tivemos uma discussão, sim, pois quero localizar a fábrica num Estado e o senhor Helmuth em outro. E, quanto à minha demissão, vocês todos têm razão: como poderia

ser presidente da nova fábrica, sem primeiro, pelo menos em termos internos, demitir-me da vice-presidência administrativa desta?

– E qual é o Estado onde ficará a nova fábrica?

– Bem... agora é você que quer me demitir da presidência lá, antes mesmo da minha chegada... se eu revelar esse segredo...

A gargalhada foi geral.

– Fiquem sabendo que só aceitei a presidência na nova fábrica porque impus a condição de que eu decidiria seu endereço.

Helmuth sentiu o inesperado golpe que seu filho acabava de desferir-lhe. Não havia previsto isso, mas admirou-se da rapidez de raciocínio e esperteza de como o filho se valia daquela oportunidade para pregar-lhe semelhante peça.

Na verdade, uma nova fábrica estava na cogitação da "H&H", mas nem o próprio Karl sabia a quantas andavam as negociações com congêneres internacionais. Helmuth, por telefone, há dois dias, havia fechado contrato com elas, aguardando a redação dos respectivos contratos. Ficara acertado, em princípio, que forneceriam parte da tecnologia para a "H&H", à troca de prioridade na comercialização na Europa e América do Norte.

O esperto arroubo de Karl, diante de toda a mídia, não possibilitava reversão daquele quadro. Pelo menos, por enquanto...

Após o sorteio dos três carros, a reunião terminou.

Karl telefonou para Cássia e disse uma única palavra:

– "Touché"!

3. RAZÃO À FORÇA, OU FORÇA PELA RAZÃO?

Saindo da reunião, uma sensação de vitória-derrota visitou a mente de Helmuth e também a dos diretores em geral, do gerente de "RH" e de alguns outros gerentes, chefes e encarregados. Na verdade, havia ficado no ar um clima de inúmeras promoções, contudo, a nem todos agradava a ideia de serem subordinados diretos de Karl. Além disso, como sempre, nesses casos, a expectativa gerada ultrapassava as futuras vagas.

Após algumas entrevistas, Karl retornou à sua sala. Surpreso, ali encontrou Cássia.

– O que... você está fazendo aqui?!

– Após seu telefonema vim "dar uma força", caso seja necessário.

– Como assim?! Já resolvi tudo.

– É o que você pensa. Seu pai não vai engolir sua escolha de local para a nova fábrica.

– Como é que você sabe da nova fábrica? E do meu pai?

– Simples. Assim que cheguei aqui chamei o Mirênio e enquanto você era entrevistado por aqueles chatos, determinei-lhe que me contasse tudo o que tinha acontecido na reunião. Sobre seu pai, é dedução minha.

– Aquele ...

– ... ótimo aliado nosso! Isso é o que o Mirênio é! Temos que prestigiá-lo, talvez com uma promoção.

– Ele já chegou ao ponto máximo de um funcionário...

– Mas podemos criar um cargo intermediário, entre a gerência e a diretoria, algo assim como subdiretor.

O telefone tocou. Helmuth convocava seu filho, agora mesmo.

– Eu não disse? – jactanciou-se Cássia.

– Não disse o quê?

– Que seu pai ia mudar sua escolha?

– Como você sabe que é isso que ele quer falar comigo?

– Pura intuição feminina. Aposto cem contra um que é isso mesmo. Aliás, adianto-lhe que, minutos antes de você chegar, telefonei à Heleninha, esposa do Governador do meu Estado e garanti a ela que a fábrica será lá, pois você gosta do casal e conta com o apoio do Governador quanto às facilidades tributárias estaduais que certamente ele concederá à nova “H&H”. Para todos os efeitos, a escolha do local foi feita por você.

– Fez e prometeu tudo isso sem me consultar?!

Cássia envolveu o marido num abraço sensual e beijou-o, sussurrando:

– Olhe, meu bem, fiquei orgulhosa da sua inteligência, dizendo à imprensa que *você* escolheria o local da nova fábrica. Você já pensou na paparicação que teremos, tendo a Heleninha como amiga? Pense que finalmente “nosso” cargo e “nosso” poder vai aparecer.

Karl rendeu-se.

Quando Karl chegou ao gabinete do presidente, adentrou-o sem se anunciar e sem pedir permissão, contrariando seu costume. Campos estava de pé, ao lado de Helmuth. Este tossiu e resmungou.

– Estamos mandando você sair – antecipou-se Karl, usando de uma desconhecida autoridade, pelo menos até ali jamais exercida.

O motorista, indeciso, olhou para o patrão, que também estava surpreso com a inédita postura do filho.

– Agora! – determinou Karl, elevando a voz.

A Campos não restou senão obedecer.

– O que o senhor quer? – indagou Karl a Helmuth.

– Essa história de você decidir o local da fábrica vai ser o seguinte: eu escolho, como aliás já escolhi e nós dois confirmaremos que foi você mesmo quem decidiu.

“Cássia tem razão”, pensou Karl. E removeu uma frustração íntima: “tanto ela quanto meu pai consideram-me um incapaz...”.

– Qual é o Estado, pai?

– No Nordeste.

– Pode parar! Já decidi onde será e não é lá.

– E desde quando você manda aqui? Ou manda em algum lugar?

– Não vamos iniciar nova discussão. Se o senhor acha que eu não tenho capacidade para escolher o melhor local da nova fábrica, que aliás será onde eu terei que trabalhar e residir levando minha família, demita-me.

O lance foi forte.

Helmuth sentiu-se terrivelmente acuado pela lógica filial.

– Você está de cabeça quente. Amanhã conversaremos.

Como Karl não se mexesse, Helmuth sugeriu:

– Pode voltar aos seus afazeres...

– Olhe aqui, pai... se o senhor pensa que manda em mim e pode manipular-me como um objeto, isso acabou. Nesse jogo que o senhor mesmo me envolveu, quem tem as melhores cartas agora sou eu.

– Melhores cartas? Desde quando, fedelho, você é melhor do que eu?

– Posso mesmo não ser igual ao senhor, mas não se esqueça de que nos separando não existe apenas seu cargo...

– E o que mais?

– Apenas trinta anos de diferença, o que lhe confere, além do cargo de presidente, o de velho e, como consequência, sério candidato à cova...

Helmuth sentiu uma fisgada no peito. Karl prosseguiu:

– Há muito tempo quero dizer-lhe umas verdades e decidi que chegou a hora.

Helmuth sentiu ligeiro torpor e a vista escureceu. Ficou meio tonto. Karl não percebeu e continuou:

– O senhor é um ditador, sem sentimentos, egoísta e vaidoso. Já estou cheio de suas poses e suas ordens malucas. Considero que está na hora de o senhor ir tratar da esclerose.

Helmuth sentiu uma segunda fisgada. Mais forte, dessa vez. Teve a impressão que o braço esquerdo estava sendo eletrocutado. Ainda Karl:

– Sabe por que o senhor ficou viúvo? Sabe?

Terceira fisgada.

– Porque mamãe cansou de ser maltratada pelo senhor e, para ela, a morte foi a liberdade.

Helmuth tombou, fulminado pelo infarto do miocárdio.

Vendo o pai “ensaiar” um desconforto qualquer, segundo imaginou, longe de se assustar ou compadecer-se, Karl elevou a voz:

– Ester!

– Pois, não – aconteceu a secretária, adentrando, assustada.

– Veja se meu pai quer um copo d’água.

Ester aproximou-se tímida e tocou no ombro de Helmuth.

Balbuciu:

– Ele ... não se mexe...

Karl, com displicência, rodeou a mesa e tocou no pai. Só então percebeu que algo grave tinha acontecido.

– Chame o doutor Celso, já. Corra!

Quando o médico chegou, só restou-lhe atestar o óbito.

Karl assumiu a presidência da “H&H”, dispensando quaisquer formalidades.

A fábrica ficou parada por três dias, em luto pelo falecimento do presidente. Por ordem de Karl, só o gerente de “RH” trabalhou e assim mesmo para providenciar duas demissões: de Ester e de Campos.

Campos não se conformou com a demissão. Até porque, cumprindo ordens de Karl, Mirênio pessoalmente executou-a, com indisfarçáveis cenas humilhantes para com o demitido. Só pensava em vingança o prestigiado motorista do “número um”, como

vaidosamente apelidara o luxuoso automóvel do senhor Helmuth, parafraseando o portentoso avião presidencial norte-americano. Perder o emprego já tinha sido grave punição, contudo, ser humilhado, isso não aceitava de nenhum modo. O orgulho exacerbado era-lhe companheiro há anos...

Aliás, é sabido que alguns, talvez quase a maioria dos motoristas de grandes autoridades ou personalidades importantes, com o tempo, passam a se julgar parelha com seus patrões. É inevitável no ser humano essa autoconcessão, só explicada pela Psicologia, que a enquadra na categoria de devaneios, cuja repetição leva-os a uma enganosa certeza, abstraído o paradoxo.

Campos chefiava um grupo de várias pessoas, reunindo-se semanalmente em sua casa. Ali, eram invocados poderes espirituais, para a consecução de objetivos nem sempre espiritualizados, e mais que isso, os componentes do grupo não pediam só para si, mas sob encomenda, para terceiros. Tudo, mediante pagamento. Quase sempre, obtinham o que solicitavam às "forças invisíveis", como declaravam. Aliás, Campos acreditava que seu emprego fora conquistado através de oferendas que ele fizera "aos gênios", por sete sextas-feiras seguidas.

Assim, não pensou duas vezes, de que forma iria vingar-se: apelaria aos "amigos do além" e com a ajuda deles não tinha dúvidas que "faria justiça".

Esteve por várias semanas fazendo os petítórios e as respectivas ofertas, mas nada de ser atendido. Quase desanimando, julgando que os "amigos do lado de lá" tinham o abandonado, deixou de fazer as oferendas, pois o custo delas já tinha afetado suas economias. Quase todas as inúmeras pessoas que pagavam-lhe para ser o intermediário de seus pedidos aos Espíritos, deixaram de procurá-lo, até porque já nenhum desses pedidos vinha prosperando. Aliás, o próprio Campos era prova disso, pois estava desempregado. Assim, começou a procurar novo emprego. Batalhou de agência em agência, de empresa em empresa, mas em

todas sentia um intransponível muro à sua frente, muro esse que parecia ter sido construído “só para ele”.

Entregou-se à bebida.

Reunindo-se nos bares com outros invigilantes, em pouco tempo, era um alcoólatra a mais na face da Terra. Era amasiado, sem filhos. Sem tardança e sem contemplação, a companheira abandonou-o. Sumiu. Contaram a Campos que “com outro”. Se faltassem motivos ou argumentos, isso fez com que o ex-motorista bebesse mais, agora com tal “habeas-corpus”.

Numa das suas entregas ao álcool, começou a andar a esmo, ou melhor, dirigia-se cambaleante e em passos tortuosos, dizendo que ia “para lá”.

– Lá... aonde? – perguntou-lhe, certa vez, outro bêbado.

– Lá – e apontou para o céu.

– O que... você vai fazer... lá?

– Vou nadar...

– Ué... nadar... lá no céu?

– É!

E saiu, trôpego, caindo e levantando, resmungando:

– Meu chefe precisa de mim.

– Que chefe, meu chapa? Que chefe? – perguntou o colega, gritando, pois Campos já estava distante.

– O... senhor... Helmuth. Ele está me chamando.

Campos lamentou-se intimamente: “se ele ainda fosse vivo... ou se ao menos os ingratos do outro mundo ainda fossem meus amigos...”.

Forte atração de dois Espíritos infelizes que conheciam Campos. Dialogaram entre si:

– Vamos ajudar esse bobão, pois é só o que nos resta... vamos aproveitar que está bêbado, pois quando não bebe é perigoso...

– Tem razão. Por causa dele, que deixou de dar os presentes, perdemos o direito de continuar na equipe.

A “equipe” a que se referiam, era o grupo de desencarnados que atendia Campos, quando de suas equivocadas evocações, atraindo Espíritos inteiramente voltados para o conúbio com encarnados, mercantilistas das forças espirituais.

Empurraram Campos que caiu, ferindo-se na testa².

Essa, a “ajuda”.

Campos, caído na sarjeta, era uma figura patética: fazendo desengonçados movimentos, simulava estar nadando. Um carro da polícia passou por ali e os militares não conseguiram evitar o riso quando se acercaram do bêbado, no chão, com o corpo encharcado pelo filete de água que escorria junto à guia da calçada, balbuciando: “estou quase chegando... estou quase chegando...”.

– Aonde? – perguntou-lhe um dos soldados.

– Lá...

– Aonde?

– No céu... meu amigo precisa de mim.

Vendo que estava ferido, conduziram-no ao Pronto-Socorro (PS), onde o recepcionista determinou:

– O doutor só poderá examiná-lo depois de um banho e quando você trocar essa roupa, cheia de lama, com esse cheiro de esgoto...

Por coincidência, um dos militares ofertou a Campos roupas usadas, dele, que iria doar a alguma instituição de caridade. Após se banhar, Campos foi atendido recebendo apenas um curativo porque o ferimento tinha sido superficial. Passou a noite ali. De manhã, pediu “suas roupas sujas”, sendo informado que estavam na lavanderia. O atendente prontificou-se a ir buscá-las e logo voltou, acompanhado da funcionária encarregada de lavar as peças.

² A propósito desse fato, no Cap V, nº 91, do “O Livro dos Médiuns”, A. Kardec trata das “Manifestações Físicas Espontâneas”. A Revista Espírita, também de A. Kardec, de Fev/1860, relata o caso de um homem que, sozinho em casa, recebeu uma bofetada de um Espírito que mais tarde foi identificado. - Nota do Médium

- Ester?!
- Campos?!

Sim. A elegante secretária de Helmuth agora era lavadeira no Pronto-Socorro.

- Não me diga que as roupas sujas... são suas...
- São, sim. Perdão.
- As peças estão secando. O que você andou aprontando?
- Deixa prá lá...
- Quero saber.
- Outra hora, outra hora.

Ester retornou ao trabalho e Campos, duas horas depois, recebeu suas roupas, limpas e passadas, retirando-se a seguir, cabisbaixo. Humilhadíssimo. Trancou-se em casa o dia todo e ficou pensando.

À noite, completamente desorientado da vida, ainda pensando mil maneiras de sair do “fundo do poço” no qual “a vida o jogara”, recebeu inesperada visita:

- Ester! O que você veio fazer aqui?
- Quero saber aquela história do seu amigo “lá no céu”...
- Que amigo?
- Os enfermeiros me contaram que você passou a noite lá no PS dizendo que um amigo lá no céu, embora muito rico e poderoso, estava pedindo ajuda. Será que esse amigo é... o senhor Helmuth?
- Não sei do que você está dizendo.
- Procure se lembrar... em quem você pensa quando olha para o céu?
- Deixe-me ver... Meu Deus: penso, sim, no senhor Helmuth! Mas ele está morto! Como é que pode?!
- E por que então você pensa nele? Do que se lembra?
- É complicado e não sei se você acredita em certas coisas...
- Tente me explicar. Só vim aqui porque também não consigo evitar lembranças dele.

Com efeito, os dois Espíritos infelizes que perturbavam Campos não tiveram a menor dificuldade em envolver Ester em suas vibrações, conduzindo-a a um encontro com o ex-motorista. Tinham planos...

– O senhor Helmuth – prosseguiu Ester – era tão bom para mim... e veja agora como estou: de secretária-executiva à faxineira... de roupas imundas, de vagabundos...

Não conseguira impedir o desabafo e quando percebeu sua brutalidade para com Campos, já era tarde. Este, abaixou a cabeça, como se acabasse de ser condenado à pena capital. Arrependidíssima, ao perceber que o ferira psicologicamente, Ester acercou-se dele e passando-lhe suavemente a mão nos cabelos, mais suavemente ainda sobre o curativo, implorou:

– Perdoe-me... não pude evitar; não queria ofendê-lo, mas minha mágoa não tem limites. Estou desesperada... só penso em me vingar... e agora estou maltratando a pessoa errada... Perdoe-me.

O momento era de singular fraternidade, posto que entre duas pessoas unidas pelo infeliz denominador comum do desejo de vingança. Ainda e sempre pela lei de sintonia e atração, Campos captou o vigoroso clamor psíquico daquela alma feminina, mais humilhada do que havia sido ele humilhado. Pensou: "eu era um simples motorista, mas ela, a secretária do presidente. Quantas e quantas vezes o senhor Helmuth a incumbiu de assuntos particulares, de extrema importância? Altamente competente, ela jamais decepcionou o patrão".

Ester continuava junto dele, alisando-lhe os cabelos. Sentiu o perfume e a delicadeza daquela mulher, que tantos e tantos homens, em vão, tentaram conquistar. Ester era muito bonita. Nela, a sensualidade aflorava pelos gestos delicados, pelo corpo de linhas perfeitas, pela voz aveludada e sempre segura.

Campos devaneou: "tantos a desejaram e ela aqui com carinhos..."

Entrosavam-se as duas almas, agora pelo também singular calor vindo do mesmo ódio que os envolvia, qual explosivo vulcão que sobre eles derramava lava de sentimentos perturbados, logo derivando-se para a sensualidade.

Sentiu o calor feminino que lhe era transferido e que mentalmente passou a devolver. Nesse tom, a infelicidade mútua, alimentada vigorosamente por frustrações, humilhações, desespero, planos vingativos e outros mais pensamentos infelizes, logo provocou combustão espontânea no sangue de ambos.

De início, a troca de calor era mental. Logo, passou a ser epidérmica.

A dupla espiritual que os assessorava, incutindo-lhes mais e mais ideias de vingança, também aderiu ao incontrolável despertamento erótico que assaltou aos encarnados. Com vigorosas inflexões mentais, induziram o homem e a mulher a um estado alucinado de sensualismo³.

Energizados por fluidos deletérios, sexualizados, o que poderia ser amparo moral recíproco, explodiu em sensualidade indômita.

Vivendo de quedas em quedas, de infelicidades em infelicidades, os dois, num átimo de segundo, entregaram-se ao fulgor de um erotismo avassalador, que súbito lhe irrompeu incontrolável, exigente...

Dois destinos selavam ali enlace rígido, em moldes espirituais absolutamente contrários às respectivas programações reencarnatórias.

³ Em o “O Livro dos Espíritos”, questão 459, A.Kardec perguntou aos Espíritos Instrutores qual a “influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos”. Obteve em resposta: “*Influem muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem*”. - Nota do Médium

O sexo sem responsabilidade não oferta o sentimento de realização.

Nele, sexo, enquanto criação divina, corpos, almas e auras, formam um só conjunto. Já na paixão desenfreada, oriunda da libido, sem trânsito pelo amor, o sexo provoca o efeito de curto-circuito mental, cedo ou tarde.

Demonstrativo disso, Ester e Campos, esgotada a volúpia, nem sequer conseguiam se olhar. O fulgor sexual que a revolta lhes imprimira na alma, teve rápida vazante física, assim que foram satisfeitos os anseios que visitaram seus corpos. O ódio e o desejo de vingança permaneciam-lhes na mente. Contudo, em ambos, nenhum vestígio de que a atração física tivesse maior significado.

Ester despediu-se e dali foi à igreja, confessar-se.

Campos, para o bar, embriagar-se.

A frustração, agora, era-lhes maior: nela, por “ter descido tanto”; nele, consciente de ter sido usado como simples objeto, descartável.

Mas as tramas da vida tecem poderosa malha, cujas faces, interna e externa, envolvem os seres que nelas se agasalham.

Uma semana após a imperdoável loucura que fizera, a de entregar-se a um reles motorista, segundo avaliava, Ester voltara à ruína psíquica. Exercendo simples tarefas de faxina no PS, convivendo só com acontecimentos infelizes e com pessoas doentes e pobres, sua revolta crescia.

– Desde quando uma faxineira pode ler revista de rico?

Era o encarregado do plantão noturno, que buscando uma surrada revista que só trazia fofocas da alta sociedade, flagrara Ester folheando-a, no meio da noite.

– Estou... só dando uma olhadinha...

– E o seu serviço? Quem faz? Eu?

– Sempre dou conta das minhas obrigações...

– Vamos parar com essa folga, entendeu, mocinha?

Alimentando-se de revolta em revolta, ódio em ódio, desempenhando funções que jamais soubera sequer existirem,

Ester não perdoava o destino por tê-la reduzido a uma simples “mulher de limpeza”. Contudo, aquele foi o único emprego que conseguiu, naqueles tempos de recessão econômica, com a avassaladora onda de desemprego que campeava por todo o país. Fruto de tanto desgosto, explodiu:

– Olha aqui, chefinho de bêbados, fique com esses alcoólatras imundos que cada noite são trazidos para aqui. Para mim, você e eles são iguais, aliás, eles são melhores, pois não me ofendem.

– O quê, meu amor? A donzela está bravinha? Eu é que sei bem do que você está precisando...

À insinuação, o encarregado acrescentou um gesto grosseiro. Indignada, Ester não conseguiu dominar-se.

Sonora bofetada estalou no rosto do encarregado.

Em consequência, perdeu aquele emprego, “por justa causa”. Bem que tentou, por dias e dias, arranjar outro. Mas, de balde.

Duas semanas após, imaginou ser irrecorrível procurar a única pessoa que naquela cidade talvez a ajudasse:

– Campos... fui demitida, não tenho onde ficar, estou devendo na pensão e lá só poderei voltar quando pagar a dívida...

Dizendo essas palavras, entrecortadas de soluços, Ester estava, na verdade, propondo união com o ex-motorista. Que a aceitou.

Ester não estava sozinha, os dois Espíritos que não haviam se desligado de Campos, urdindo um plano para lucrarem, após subjugar-lo, eram os mesmos que, no PS haviam atizado o encarregado contra Ester e ela para reagir. Calcularam, com alguma base dedutiva que se ela não conseguisse trabalhar teria que procurar o ex-colega da “H&H”, o que acabou acontecendo.

Naquele momento, estavam exultantes:

– Agora podemos arranjar emprego para os dois...

Não por acaso foi que no dia seguinte uma vizinha comentou com Campos que havia uma vaga de empregada doméstica, numa residência luxuosa.

Ester tentou essa vaga e como referência profissional, deu o endereço da pensão, cuja dona concedeu em atestar bons antecedentes, mediante promessa de Ester de pagar a dívida, logo com o primeiro ordenado. Senão...

Aquele "senão" foi pesada ameaça que Ester carregou por um mês, até quitar sua dívida, por conta da qual sofreu inimagináveis humilhações, receosa de perder esse novo emprego.

Ester estava no emprego há duas semanas quando soube que o motorista da família estava doente. Convenceu Campos a se candidatar àquela vaga, mesmo que a exercesse por pouco tempo, até a volta do titular.

Campos aquiesceu e sem dificuldade, testado na prática, foi admitido.

No emprego, a empregada doméstica e o motorista ao menos se olhavam, não despertando quaisquer suspeitas nos patrões quanto ao fato de serem amantes. Aliás, sua convivência fora do emprego era também apenas administrada por ambos, sob acomodação, inexistindo afeição. Não se amavam, não se apreciavam, nada tinham em comum, a não ser um grande ódio pela perda do emprego na fábrica de automóveis, sob condições as mais humilhantes. A vertiginosa derrocada dos dois, profissional e social, debitavam-na inteiramente a Karl, devotando-lhe ódio implacável, crescente a cada nova humilhação que lhes acontecia.

Voltando a ter algum dinheiro, Campos retornou também às atividades às quais requeria o concurso "das almas" e a primeira coisa que fez foi pedir a elas que afastassem definitivamente o motorista titular, para que ele fosse efetivado.

Coincidência ou não, o fato é que três dias após foi informado que fora aprovado no período experimental e que o motorista anterior havia se mudado para o interior, com a família, onde cuidariam de uma plantação.

Três meses após, um desses acontecimentos incríveis visitou a vida de Ester e Campos: os filhos dos patrões entraram em férias escolares e toda a família foi passar quinze dias na casa que tinham junto ao mar.

Já há dez dias na praia, para onde levaram a empregada e o motorista, a família recebeu convidados para um churrasco. Campos estava lustrando o veículo dos patrões, soberbamente estacionado no amplo gramado da residência, quando viu os convidados irem chegando. Seu coração, por pouco, não parou, quando viu um casal chegar. Disfarçou, abaixando-se, como quem estivesse limpando as rodas. Com isso, não foi visto pelos visitantes.

Mil pensamentos desencontrados lhe visitaram a mente, deixando-o sem condições de concentrar-se para decidir qualquer ação. Estava nesse torpor já há alguns minutos quando novo abalo o atingiu:

– Miseráveis, miseráveis, vocês hão de arder no inferno...

Era Ester que, aos gritos e em desabalada correria, deixava aquela mansão, ainda com o avental de serviçal. Os filhos dos patrões vieram até o gramado e com eles alguns visitantes, todos espantados.

– Você aqui, também?!

Era Karl, reconhecendo-o.

Não houve como responder. Karl gritou, gesticulando nervoso:

– Esse aí foi motorista do meu pai e eu o despedi porque andou aprontando... e aquela dona, também era secretária lá na fábrica... deve estar envolvida com ele... será bom chamar a polícia e apurar o que estão tramando.

– Não há necessidade de chamar a polícia – contemporizou o dono da casa, acrescentando. – Eles têm cumprido bem suas obrigações.

– Chame, sim – insistiu Karl, maldosamente. – Serei testemunha, com prazer. Dessa gente deve se esperar tudo de ruim.

– Se o senhor pensa que somos bandidos – reagiu, por fim, Campos –, então é melhor mesmo chamar a polícia. Eu e a Ester somos dois seres humanos que foram humilhados pelo filho do senhor Helmuth e agora estamos tentando reconstruir nossas vidas... Moramos juntos, sim, e ninguém tem nada a ver com isso.

– O mesmo Campos de sempre, arrogante, de fala mansa e calma – debochou Karl, acrescentando. – Talvez seja mesmo bom a polícia fazer uma investigação nas atividades desses dois. Alguma coisa devem estar tramando...

Como as suspeitas quase sempre têm mais força que os fatos, Campos e Ester foram despedidos, no ato, sem maiores explicações.

Pela segunda vez foram humilhados sob ação direta de Karl.

Mas um terceiro ataque moral os alcançaria: os grandes jornais da cidade onde moravam, por três dias, publicaram um anúncio, com título ambíguo, sob patrocínio ostensivo da poderosa "H&H":

"DUPLA DESPEDIDA

A 'H&H' comunica que ALTIVAR P. CAMPOS e ESTER N. SILVA, amasiados e residentes nesta cidade, há meses não mais pertencem ao seu quadro de funcionários. Infelizmente, não podemos emitir quaisquer referências sobre ambos."

O "infelizmente" era arrasador: dali em diante, quem se arriscaria a empregar a "dupla"?

Foi assim que, sem o menor remorso, e até com redobrada energia, Campos elegeu a vingança contra Karl como projeto máximo de sua vida. Já não lhe importava nem mesmo morrer, só queria vingar-se. Nesse avassalador propósito, recebeu o incenso de diversas fontes: a primeira, de Ester, conjugando com ele a

mesma cartilha de vingança; a segunda, de Espíritos obsessores que buscavam alguma brecha na existência de Karl para igualmente se vingarem e acertarem “contas pendentes”; a terceira, os pensamentos de ódio de outros desempregados que haviam sido demitidos da mesma indústria, como aliás é rotina de “turn-over” (substituições, renovações – de pessoal), nas grandes empresas; uma quarta fonte surgiu inesperada: um fabricante de autopeças, reprovado pela “H&H”, “por implicância do senhor Karl”, segundo ficou sabendo pela indiscrição de um funcionário, procurou Campos e Ester e ofertou-lhes emprego. Esse homem mudara de ramo e agora comprara uma frota de táxis.

Houve mais um vetor de apoio ao ódio de Ester e Campos a Karl...

Das trevas que o rodeavam, submetido a todo tipo de privação, Helmuth, sob angústias, aflições e dores inenarráveis, destilava fervente ódio contra o filho.

4. A FORÇA DA OBSESSÃO

Tudo na natureza é vibração, é dinamismo.

A obsessão não foge a essa regra, pois seus efeitos espraiam-se pelos circuitos individuais dos envolvidos, não raro atingindo periféricamente outros seres que nada têm a ver com o processo negativo.

Nada têm a ver, diretamente.

Indiretamente, sim, esclarece-nos o Espiritismo. Não existe injustiça nos acontecimentos infelizes que independem da ação dos que por eles são alcançados.

Apenas como conjectura, citemos um exemplo de ônus moral, adquirido indiretamente, isto é, sem ação do devedor. É muito comum observarmos pessoas ociosas, em horários nos quais milhões de outras estão labutando pela conquista do pão de cada dia. Muitas dessas pessoas, inativas, entre aposentados, ou desocupados por vocação, certamente poderiam prestar pequenos serviços à comunidade, voluntários e gratuitos.

Quanto a desempregados, não se espera, naturalmente, que trabalhem de graça, mas o fato de se dedicarem a alguma entidade assistencial, por exemplo, atrairia para junto deles vibrações positivas. Não tem sido raro que na sequência dos acontecimentos, passando a conhecer pessoas e empresas, não tarde a surgir a vaga profissional, remunerada.

Não se imagine, jamais, que só os Espíritos infelizes têm poder de influenciar determinados fatos dos encarnados. Não! Ao contrário, a Espiritualidade Amiga acompanha a trajetória encarnada das pessoas, muitas delas sob sua proteção, por ligações afetuosas do passado ou por atendimento a preces, deles, ou de outrem que lhes queira bem. E esse acompanhamento, perimetrado por inteiro dentro do perfeito equilíbrio estabelecido pelas Leis

Divinas, muitas vezes, confere-lhes autoridade e capacidade para auxiliar àqueles que detenham merecimento.

No exemplo que citamos, mas não apenas nele, fator inexorável de atendimento à necessidade será o merecimento individual.

Jesus recomendou oração e vigilância permanentes⁴ e esse alerta hoje, 1999, tem seu significado integral decodificado pelo Espiritismo: a Terra é um planeta onde o mal prepondera sobre o bem; no plano espiritual que a circunscreve habitam e circulam cinco ou seis vezes mais Espíritos desencarnados do que os 5,7 bilhões de encarnados, pelo que têm eles a responsabilidade de não se deixarem influenciar pelo negativismo.

Um obsessor, encarnado ou desencarnado, extremamente imbuído de ódio, é cem vezes mais destruidor do que um animal predador, do que uma serpente venenosa ou do que um inseto pestilento. Tem ele a capacidade letal do vírus, pois que também, assim como este, a obsessão é invisível e de ação sorrateira, quão insistente.

Dissemos, acima, que tudo na natureza é vibração, dinamismo.

Acrescentamos, agora, que todas as associações espirituais, entre encarnados ou desencarnados, são regidas pela sintonia vibratória. Quando no plano espiritual, havendo semelhança de pensamento e de influxo mental, não há a menor dificuldade para os Espíritos se identificarem e se reunirem uns com os outros. Diferentemente, quando no plano encarnado, as almas se agrupam por sintonia, mas também, por condições sociais.

Lembrassem disso e não poucas pessoas já brindadas pelas luzes espíritas policiariam seus pensamentos e ações, quais se fossem equilibristas permanentemente na corda bamba, a grande altura. Quanto aos que ainda desconhecem o Espiritismo, talvez

⁴ Mateus, 26:41 – Nota do Médiun

essa seja outra providência que deve acometer aos espíritas: informá-las sobre isso.

Ester e Campos, trabalhando na empresa de táxis, pouco se falavam. Entre ambos havia como que um campo de defesa impeditivo de se aproximarem. Contudo, a cada dia que passava, em suas almas crescia o ódio contra Karl e, decorrente desse ódio, um enorme desejo de vingança.

Nem demorou e os dois, com a alma parcialmente emancipada pelo desdobramento que o sono proporciona, reuniam-se no plano espiritual, ali mesmo no local que residiam.

Não podemos deixar de assinalar como é assombroso o fato de pessoas encarnadas tramarem algo, quando espiritualmente libertas em parte pelo sono, mas ligadas ao corpo físico, pelo cordão fluídico⁵. Assombroso, mas real.

Havia algo tenebroso no ambiente. Sombras que se moviam, gemidos, gritarias distantes. Ester alegrou-se ao ver Campos aproximar-se:

– Oi, Campos, que bom você chegar, pois estou com medo e com frio. A culpa é dele... não vejo a hora de arrasar com aquele bandido...

– Oi, Ester, também eu não penso em outra coisa. Mas vamos falar baixo... sinto que somos espreitados.

– Ele é poderoso, talvez sejam empregados deles.

– Acharemos um meio de nos vingarmos... não vamos ter medo de nada.

– Se ao menos o pai dele nos ajudasse...

⁵ Filamentos e fios luminosos constituem o cordão fluídico, também chamado de “cordão de prata”, ou “cordão prateado”. Por sua propriedade elástica possibilita ao Espírito, quando desdobrado, mas revestido do perispírito, ir a grandes distâncias, mantendo-se o organismo físico em repouso, seja pelo sono, ou por outra causa do desdobramento (estado de coma, sob anestesia, sob hipnose etc.). Rompido, provoca a desencarnação - Nota do Médiun.

– O senhor Helmuth sumiu nas sombras da morte e não adianta esperar por ele... se tivesse que fazer alguma coisa, já teria feito. No entanto, o que vemos? O miserável do filho progredindo cada vez mais...

– Quem falou para você que ele “sumiu” nas sombras da morte?

– Ora, então você não percebe? Cadê ele?

Esses encontros passaram a repetir-se quase todas as noites. Tanto Ester quanto Campos, ao acordarem, não se lembravam. Mas em suas mentes, o ódio por Karl cada vez mais cristalizava.

Numa noite, estavam ambos no plano espiritual, como sempre destilando ódio e sob terrível sensação de estarem sendo vigiados. De repente, apareceram dois homens, jovens, que foram se aproximando. Tinham aspecto sombrio, olhar vidrado, gestos lentos. Ester quis fugir. Campos acalmou-a:

– Então vocês apareceram, finalmente?

– Você os conhece?! – perguntou Ester, trêmula de pavor.

– Claro, pois então não ganharam um montão de presentes que eu lhes dava, às sextas-feiras, lá nas nossas reuniões?

E dirigindo-se aos dois:

– Onde estavam? Por que sumiram? Não gostei da sua ingratidão. Vocês estão me devendo favores e vão ter que pagar.

Embora de robusta complexão, temiam a Campos. Submissos:

– Nós... – balbuciou um deles – fomos obrigados a trabalhar para uma quadrilha que furta residências luxuosas.

– Como assim?

– Nossa tarefa era fazer a família brigar, na hora de dormir...

– Para quê?!

– Quanto mais feias as brigas, mais perturbadas ficavam as pessoas das famílias e, com isso, quando dormiam, chegavam aqui desorientadas, sendo fácil a outros de nós (Espíritos) prenderem um a um e só soltarem quando o furto se consumava.

– Mas – interveio Ester, não contendo o espanto – o que vocês, isto é, a quadrilha, ganhava com esses furtos?

O próprio Campos explicou:

– Os encarnados furtam valores materiais e em troca, oferecem “coisas” que os desencarnados precisam... uns ajudam aos outros... e vice-versa...

– Não entendi nada! Que “coisas”?

– Depois explico. Agora quero acertar umas contas com esses dois ingratos.

Os dois rapazes encolheram-se, receosos. Campos inquiriu-os:

– Então? O que ganharam com a quadrilha que eu já não lhes houvesse dado? Hein? Hein? Respondam!

– Eles nos prenderam e bateram muito... Não havia como desobedecer.

– E onde estão agora? Quero falar com o chefe deles. Ele vai ter que me dar explicações.

– Juntaram-se a mais umas quatro ou cinco quadrilhas e nos abandonaram dizendo que não prestamos para o golpe que iriam dar...

– Golpe? Que golpe? Que história é essa de juntar quadrilhas?

– É isso mesmo. Vão dar um grande golpe. Expulsaram nós dois e mais outros porque fomos reprovados em alguns testes.

– Quero saber agora mesmo qual o grande golpe e que testes foram esses que reprovaram vocês para atuarem nele. Vamos! Falem logo!

– Os testes foram muito ruins. Tínhamos que bater, um no outro, até não aguentar mais. E isso, nós dois, nos recusamos e mais alguns também se recusaram a fazer.

– Mas, como bater um no outro?! Para quê?

– Para provar que não respeitamos nem os amigos...

Ester não acreditava no que ouvia. Sem ao menos conhecer as quadrilhas, passou a temê-las. Assustou-se mais ao ouvir Campos:

– Mais tarde vocês me levem até essas quadrilhas. Agora tenho um trabalho e não vou admitir que falhem.

– Sim, senhor.

– É o seguinte: compareçam no “meu escritório” no dia de sempre e na mesma hora. Não faltem.

Acordaram. Ester, ao abrir os olhos, deparou com o olhar fixo de Campos, dirigido a ela. Seus olhares imantaram-se e por momentos, nem mil frases teriam produzido idêntica simbiose mental de suas fixações mentais com os seus silêncios somados.

Ao café, ainda como sempre sem se recordarem do que sonharam, Ester comentou:

– Como estará a alma do senhor Helmuth?

– Engraçado... estava pensando nele...

– Coincidência! Que pena que ele morreu... Penso que, assim como ele, também morri... pelo menos um pouco. Não tenho mais graça de viver... se é que se pode chamar de vida o que estou passando.

– Minha casa e minha companhia são tão ruins assim?

– Você é a única coisa boa que me restou... sem você eu já não estaria mais neste mundo... nunca poderia ser ingrata, depois de ser acolhida na sua casa e nos seus braços.

– Então, que negócio é esse de “não ter mais graça de viver”?

– É isso mesmo. Só espero uma coisa do mundo. Arrasar aquele canalha.

– Interessante. Estava pensando a mesma coisa.

Fazendo longa pausa, Campos retomou:

– Não sei se você acredita numas coisas... com as almas. Elas nos ouvem, nos ajudam ou nos atrapalham...

– Cruz credo! Não gosto desse assunto.

– Mas, escute. Eu e você jamais poderemos chegar perto do senhor Karl, não é verdade? Mas há quem pode...

– Quem?

– Amigos meus, invisíveis.

– Almas do outro mundo? É isso? Tenho pavor!

– Sei como conversar com as almas e como fazê-las nos ajudarem. Basta dar com a direita e receber com a esquerda... tanto nesse mundo como no outro, a lei é uma só: favor trocado deixa de ser favor, é negócio!

– Mas... o que dar às almas se elas não podem pegar?

– Aí é que está. As almas com as quais eu negocio gostam de sentir prazeres e isso podemos ofertar, criando ou dividindo ocasiões nas quais o prazer jorra igual ao petróleo.

– Não estou entendendo...

– Preste atenção. Conheço dois companheiros que andam nas drogas... de vez em quando eu os convido para assistirem a meu "trabalho", pois, assim, ao se drogarem depois, já não estarão sozinhos, uma ou outra alma que também gosta das drogas gruda neles.

– Mas, Campos, por que uma alma ficaria com eles se as almas já morreram?

– Morreram, nada, estão mais vivas, até! Como a droga dá sensações fortes, essas almas sintonizam o drogado e roubam parte dessas sensações. Assim, os vivos, sem saber, são fornecedores indiretos dos mortos... entendeu?

– Estou com medo!

– Na próxima sexta-feira, se você quiser assistir, verá que não precisa temer. Eu mando nas almas. Decidi, agora mesmo, que voltarei a realizar reuniões com meus amigos "do lado de lá". Aliás, minha decisão é porque acordei com a impressão de que eles estão com saudades de mim e precisando de presentes...

– Mas... por que na sexta-feira?

– Não sei, direito. Talvez porque, pelas tradições, foi numa sexta-feira que o mundo cometeu o maior mal da história contra o

Cordeiro de Deus. Assim, para resgatar aquele erro, o resultado dessas reuniões é um ato de justiça com cobrança para os malvados do mundo. Sim, porque quem é bom nada tem a temer...

Reagrupando os Espíritos conhecidos, Campos comandou, na sexta-feira seguinte, uma equivocada reunião mediúnica, como sempre fizera. Evocou "Espíritos fortes", pois pretendia que realizassem "um trabalho pesado".

Se ele soubesse, nem se teria dado ao trabalho de ficar quase uma hora requerendo a presença "das almas", como repetiu exaustivamente. Antes mesmo de o grupo estar completo, já pululavam Espíritos na sua casa. Dialogavam esses Espíritos:

– Oba! O amigão voltou à ativa. E trouxe munição para nós.

De caso pensado, Campos convidara toxicômanos que aceitaram o convite. Esses infelizes irmãos eram a "munição".

– Que bom! Voltaremos à vida mansa.

– Pois é, ele está com raiva do ex-patrão que o demitiu de forma humilhante. Só de pensar no homem, nosso amigo ferve.

– Quem é o ex-patrão?

– É um ricoço, dono de uma fábrica de automóveis. E eu já estou com raiva dele também.

– O que ele fez para você não gostar dele, se não o prejudicou?

– Nada. Mas se o Campos não gosta dele, eu também já não estou gostando. Inimigo dos meus amigos são meus inimigos...

– E a mulher que está com o Campos, quem é?

– É amiguinha dele, que também foi demitida. Juntaram-se na vida e na raiva contra o tal ricoço.

– Olha aqui, uma coisa... já não gosto também desse que anda por aí demitindo seus empregados. Se precisar de mim, vamos lá dar uma lição nele.

Vários outros Espíritos fizeram a mesma profissão de apoio, todos já odiando Karl. Sem sequer conhecê-lo.

Dispensando-nos dos detalhes, o fato é que após o infeliz ato de mediunismo⁶, Campos e Ester já não estavam sozinhos no ódio contra Karl. Muitos Espíritos infelizes se acumpliciaram a eles num sinistro plano de prejudicarem o poderoso herdeiro do formidável império industrial.

Aos dois Espíritos que Campos conhecia, foi atribuída a tarefa de localizar onde estava Helmuth e trazê-lo para o grupo, já que seria útil ao plano de vingança contra o próprio filho, face sugestão de Ester.

Naquela mesma noite, os momentos de intimidade de Campos e Ester já passaram a ser testemunhados por estranhos coparticipantes do além, que a eles se ligaram, roubando-lhes parte das sensações. Ali, mais uma vez a lei de ação e reação se manifestava – tanto quanto os viciados em drogas, também eles passaram a ser “municipadores” de sensações promíscuas para usurpadores do além.

Ambos não souberam explicar por que a partir daquela semana exacerbaram seus impulsos sexuais.

É que o êxtase resultante era dividido por mais de dois.

• • •

⁶ “Mediunismo” é o intercâmbio entre encarnados e desencarnados, que tanto pode ser realizado sob inspiração de Jesus, quanto para objetivos puramente interesseiros, materiais. O Espiritismo sugere que reuniões mediúnicas realizem-se no recolhimento de um ambiente totalmente desinteressado e harmônico. E que ali, os médiuns caridosos e estudiosos do Espiritismo coloquem-se à disposição dos Espíritos Protetores, objetivando essencialmente atendimento fraternal — conselhos, esclarecimentos evangélicos e doação de energia psíquica (fluidos revitalizadores) —, a Espíritos necessitados e sofredores, que àquele local são conduzidos pela caridade de Jesus - Nota do Médium.

Quando o filho o enfrentara, pela primeira vez, discordando frontalmente quanto ao local da nova fábrica, Helmuth teve a sensação de que um tijolo atingira sua cabeça, na nuca. Seu primeiro impulso fora o de demiti-lo no ato, promovendo cenas de grande humilhação àquele “moleque atrevido”.

Na sequência da agressão verbal de Karl, incensada esta pela sua não-reação, imaginou que um segundo tijolo atingiu-lhe a boca do estômago.

E como o “moleque” açoitasse ainda mais sua autoridade, chegando ao cúmulo de culpá-lo pela desencarnação de sua venerada Madeleine, decidiu, no ato, mesmo em meio a inesperadas e fortíssimas dores, na cabeça, braço esquerdo, peito e no estômago, que a punição teria que ser muito mais forte. Só demissão seria pouco. Campos seria encarregado de providenciar-lhe um corretivo físico, que o amansasse no hospital para o qual teria que ser conduzido para recuperar-se da surra que lhe seria aplicada. “Pedagógica surra”, pensava.

Aí, veio um terceiro tijolo.

Esse, bem no meio do peito.

“Engraçado”, imaginou, “vou sair daqui...”.

E, com efeito, sem que fizesse o mínimo esforço ou movimento, percebeu-se em duplicata, metade no ar, fora do corpo, com a outra metade dentro, mas saindo...

– Quem são vocês?! – indagou nervoso e autoritário para três indivíduos mal-encarados que entraram no gabinete presidencial, sem bater. Ameaçou-os:

– Quem são? O que querem? Saiam já! Não veem que estou ocupado? Atrevidos! Logo que der uma lição nesse outro infeliz, meu filho, cuidarei para que a polícia os distraia.

Não entendeu por que não foi obedecido. Pela primeira vez na vida.

Os três intrusos dirigiram-se para onde estava “sua duplicata”, com a cabeça tombada sobre a mesa. Sem o menor respeito ou pudor, começaram a se agarrar a ele, bem entendido, à

duplicata inerte. Quase desmaiou ante a visão infernal dos homens colando a boca em várias partes do seu corpo inanimado, sugando. Mas, sugando o quê?⁷ Helmuth sentiu-se presa de pavor. E o pavor, às vezes, confere desconhecidas forças. Helmuth-espírito atirou-se intempestivamente sobre os malfeitores que vampirizavam-lhe a “duplicata”:

– Animais, hienas, chacais... vou mandar matar vocês!

Os homens simplesmente o ignoraram e prosseguiram na ação sinistra.

Perturbado por ter se transformado em dois; com ódio do filho malcriado e daqueles invasores que de forma vampiresca se agarravam ao “outro ele mesmo” e aturdido diante daquela cena de horror, onde ele era objeto, Helmuth sofreu um curto-circuito cerebral e desmaiou. O que lhe foi suprema bênção.

Quando recobrou os sentidos, já não raciocinava bem e no mesmo instante veio-lhe à mente: vingança! Olhou em volta e só a escuridão lhe era companhia. Por inúmeras vezes tentou desesperadamente se mexer, mas não conseguia. Começou a gritar, ou melhor, esforçou-se por gritar, mas a voz não o obedecia. Revolta e mais ódio o envolveram. Tamanho esforço logo levou-o à perda da consciência novamente. Mais tarde, voltou a “acordar”. Mesma coisa, imobilidade física total e sem voz. Novas tentativas, mesmo fracasso. Perdeu a noção do tempo e do espaço, pois além de nada ver, não conseguia movimentar-se e nem mesmo emitir

⁷ Desencarnações de pessoas muito apegadas à materialidade, ainda mais quando prematuras, decorrentes de graves perturbações, geralmente impedem a providencial assistência dos Espíritos especialistas no desate do cordão prateado. Com isso, há maiores dificuldades para o Espírito libertar-se da forte atração magnética do corpo físico. E, nesses casos, Espíritos infelizes, sequiosos de fluido vital, ainda remanescente no corpo físico, buscam avidamente sorver tal energia - Nota do Médiun.

uma única palavra. Todas as tentativas que fazia redundavam em sono irresistível. Pior, faltava-lhe o ar.

Numa das vezes que se imaginou desperto, ajudou-o o cérebro altamente adestrado para análises, fruto de mais de quarenta anos sempre em posição de mando. Embora só voltadas para o dinheiro, nesses anos todos, as suas decisões eram sempre resultantes de demoradas reflexões.

Assim, raciocinou precariamente, com dois ou três centésimos da capacidade cerebral: "acordo e durmo, acordo e durmo; tento movimentar-me e não consigo; não vejo nem ouço nada; isso não existe e devo estar num pesadelo; só se alguém me ajudar poderei sair daqui... mas, quem?".

Subitamente, sentiu um calor no peito.

Voltou a refletir: "se eu me desesperar, volto a dormir... o negócio é usar meu dinheiro, meu cargo, meu poder. Mas o ar... quero ar...".

Teve um estalo: "onde estará aquele ingrato do Campos que nem sequer vem me dar uma ajuda?".

Campos captou o apelo, pela forte sintonia existente entre ele e o ex-patrão, exatamente quando, embriagado, dizia que o senhor Helmuth o chamava.

Isso aconteceu no preciso instante em que Helmuth, preso aos despojos mortais, pensara no "ingrato motorista", que não vinha socorrê-lo.

Como se vê, é poderosíssima a atração que algema espírito a espírito, mente a mente, cérebro a cérebro, pessoa a pessoa.

É pela sintonia vibratória que tal ligação se processa, e é mil vezes mais forte do que a algema feita do melhor aço. Isso porque a algema material é vista e a simbiose espiritual negativa se disfarça em sentimentos contraditórios. Oculta-se em equivocadas justificativas que concedem "todo o direito do mundo" para os cativos fazerem o que for preciso para se libertarem, pois convence-os que são inocentes. Para ambos, configura-se a

alegórica advertência de Jesus: “*Guias cegos, que coais o mosquito, mas engolis o camelo!*”⁸

Algo inacreditável aconteceu: o ar começou a apresentar uma leve claridade e pela primeira vez, desde o início daquele já demorado tormento, Helmuth conseguiu mover-se. Logo avistou dois vultos que o olhavam curiosos. Eram dois rapazes, robustos. Estavam de pé e ele deitado. Deram-lhe a mão ao mesmo tempo e ajudaram-no a erguer-se. Quando ficou de pé olhou para sua cama e diante do que viu emitiu um grito pavoroso: era um caixão, apodrecido, e dentro dele, despojos cadavéricos. Seus despojos.

Cambaleou, foi amparado pelos dois “salvadores” e vislumbrou o cenário à sua volta: um cemitério. Forte demais, a comoção roubou-lhe a consciência. E assim permaneceu por período mais ou menos longo.

• • •

– Você não pediu ajuda ao Campos? – um daqueles rapazes aduziu. – Foi ele que nos contratou para ajudá-lo.

Olhou em volta. O ambiente era outro.

– E... o cemitério?

– Ficou para trás. Aqui é onde passamos o tempo. Nós dois trouxemos você há dias, desmaiado.

Olhou em volta e novo choque, estava em seu gabinete.

– Mas... isso aqui é meu!

– Era! Agora é do seu filho.

– Ah! Aquele moleque me paga. Quando eu pegá-lo... vai ver só.

– Sim, você vai acertar contas com ele.

– “Você”, não... senhor – corrigiu Helmuth.

⁸ Mateus, 23:24 – Nota do Mèdium

– Mais uma gracinha dessas e volta para lá – ameaçou um deles.

O poderoso Helmuth captou que falavam sério. Sabia, ou melhor, entendeu para onde ameaçavam levá-lo. De alguma forma, no momento, sentiu-se inferior. Julgou prudente não reagir agora. Mais tarde, colocaria as coisas em ordem e aqueles dois serviçais também teriam sua lição de bons modos.

– O Campos – ordenou um dos rapazes – mandou-nos tirá-lo da sua toca e como pagamento você vai fazer um *servicinho* para ele.

– Toca? Qual toca? Não sou fera para ficar em toca. E que *servicinho*? E mais... desde quando um subalterno dá ordens ao chefe?

– Não tem jeito – resmungou o outro jovem — ele ainda precisa completar o estágio de obediência... Precisa ficar mais uns tempos lá... parece que cinco ou seis meses não amansaram a “fera”.

Agarraram-no à força e sem que entendesse o que se passava levaram-no de volta ao cemitério. Com violência aproximaram-no de onde o haviam tirado e informaram que iriam deixá-lo ali, “do lado de fora da toca”, preso.

Sem entender como aquilo era possível, Helmuth sentiu-se inexoravelmente atraído para seus despojos. Relutando como fera, o máximo que conseguiu foi ficar do lado de fora da sepultura, mas impedido de afastar-se.

Sombrio ambiente envolvia aquelas paragens, com vultos deslocando-se sorrateiros, alguns deles vindo para perto dele e logo se afastando.

Tanto ele quanto os “colegas” espantavam-se quando se olhavam, pois suas fisionomias denunciavam as alterações da decomposição física.

Dessa vez não desmaiou.

E também, agora, conseguia gritar.

Quanto mais imprecações dizia, mais lhe doía o peito.

Quanto tempo ficou ali? Dias? Semanas?
Não saberia dizer.

5. TEMPERATURA ELEVANDO-SE...

Três reuniões de mediunismo após Campos determinar aos dois auxiliares do plano espiritual que fossem localizar o senhor Helmuth, ainda não tinha recebido qualquer notícia do cumprimento da missão. Assim, antes de adormecer, comentou com Ester, certa noite:

– Aqueles malandros estão demorando a me obedecer. Por que será que não me dão notícias do senhor Helmuth?

– Sinto arrepios quando você fala dessas “almas penadas”, contudo, seria tão bom se o senhor Helmuth ainda estivesse vivo...

Foi o suficiente. Ao adormecer, tão logo se viram parcialmente desdobrados pelo sono, ambos se encontraram com os dois Espíritos a que se referiram. Encontros tais no plano espiritual, entre encarnados desdobrados e Espíritos afins são plenamente explicados no Espiritismo pela sintonia vibratória entre eles, funcionando como fortíssimo ímã que os atrai. Outro não é o motivo pelo qual os Protetores Espirituais sempre recomendam que antes de adormecer, será de grande utilidade para a paz interior, a leitura de uma página do Evangelho de Jesus, seguida de prece em favor dos inimigos, ocultos ou não.

– E aí, por que não me procuraram? O que já fizeram? E o bandido?

– Fomos readmitidos pelos antigos companheiros. Quanto ao pai, está em estágio pedagógico... agora, para o bandido do filho, está sendo armada uma grande confusão, que vai dar-lhe muita dor de cabeça e prejuízo.

– Muito bom, muito bom. Para quando, tudo isso?

– É sobre isso que “Fogo Aceso” quer falar com vocês dois.

– “Fogo Aceso?! Quem é? Onde está?

– Acompanhem-nos.

Um tanto quanto desconfiados, Campos e Ester seguiram os dois jovens, por uma trilha. Após caminharem bastante, vencendo vários obstáculos, tais como lama, lodo e arbustos espinhosos, chegaram ao pé de um pequeno monte, em volta do qual várias barracas estavam armadas.

O local era muito quente. Estranhamente quente.

Os visitantes foram levados à barraca maior, de cujo interior vinham estranhos ruídos e clarões esparsos, fantasmagóricos, iluminando a lona, que se via, estava rota. Dali escapavam estranhos odores.

Um animal medonho, metade orangotango, metade rinoceronte, farejou os quatro. Ester arrependeu-se amargamente de ter ido ali. Campos, embora mais afoito, também não disfarçava o medo. Ester agarrou-se a ele. Pressentiam que algo terrível poderia acontecer a qualquer momento. O animal deu um rouco grunhido. Ato contínuo, uma mulher, vindo do interior da barraca, assomou à porta. Não teria mais que vinte anos.

– São eles? – dirigiu-se aos dois jovens.

– Sim, senhora, são os dois que encomendaram o serviço.

– Entrem!

Campos e Ester mal acreditavam no que viam. Uma jovem, tão jovem, comandando tudo ali. Só de olhar para ela já brotava medo em suas almas, aliás, perceberam, medo em todos. Sim, porque na barraca, havia mais cinco pessoas, ou melhor, cinco Espíritos.

– Então, vocês querem “aprontar” com o famoso Karl?

Como ela sabia o nome dele? E por que os convidara a vir até ali? O que os aguardava? Tais eram os pensamentos de Campos e Ester.

– Vamos – insistiu a mulher. – Respondam. Querem ou não acabar com ele?

Naquele ambiente, onde o tom feminino dava o ar de comando, Ester adiantou-se e confirmou:

– É isso mesmo! Ele tem de nos pagar.

– É também o que você pensa? – dirigiu-se a Campos.
– Sim... sim... – tartamudeou o ex-motorista, ainda sob impacto e presa de medo.

– Muito bem. Só terão que me obedecer. Eu cuido de tudo. Positivo?

– O quê... – gaguejou Ester –, teremos que fazer?

– No momento certo eu avisarei. Estão dispensados. Antes, prestem bem atenção: quem manda sou eu. Daqui para frente, não mais se dirijam àqueles dois idiotas. Somente a mim. Para serem readmitidos no meu grupo eles trouxeram-me a notícia das suas pretensões.

Sumariamente, Campos e Ester foram catapultados.

Um homenzarrão estava ali, no mesmo local onde estivera o monstro.

– Ele?! – exclamou Ester, não se contendo.

– Isso mesmo. Quando chega algum convidado ele se transforma no monstro, por alguns instantes...⁹

Já deixando o local escoltados pelos dois rapazes, a jovem surgiu à porta e alertou ao casal de encarnados:

– Obedeçam e tudo vai dar certo. O fogo fará justiça.

– Fogo?

– Sem perguntas. Quando chegar a hora, vocês verão.

No caminho de volta, Ester insistiu com os rapazes:

– Que história é essa de fogo fazer justiça?

– Eu não disse para vocês que o nome dela é “Fogo Aceso”?

– Disse. E daí?

– Ela tem uma técnica esquisita, pois descobre alguém, do lado de vocês, que tem essa mesma técnica e juntos conseguem pôr fogo nas coisas ou nas casas...

⁹ No “O Livro dos Médiuns”, Cap VI, nº 30, consta que Espíritos muito inferiores podem apresentar-se, momentaneamente, sob a forma de animais – Nota do Médium

– Não acredito! Como pode alguma alma penada causar incêndios? E o que querem dizer com “alguém do lado de vocês”?

– Como ela faz isso, não sabemos, mas já vimos acontecer, muitas vezes. Primeiro, ela pesquisa até achar a pessoa do lado de vocês, isto é, encarnada, para descobrir se tem os mesmos fluidos dela. Aí, com uma técnica de misturar os fluidos dela com os dessa pessoa, o fogo irrompe, espontâneo.

– Mas... como ela ou a pessoa “do nosso lado” acende o fogo?

– Como é que vamos saber? Umas quatro pessoas, essas do nosso lado, levam a mistura dos fluidos e passam sobre o objeto ou o lugar que ela manda e em poucos minutos, após várias massagens deles, o fogo começa, bem naquele ponto.

– Massageando?!

– É. Depositam fluidos deles para ajudar o início do fogo, inspirados nas fogueiras que os índios sabem fazer, através de atritos permanentes de gravetos, ao Sol. Na civilização, para se acender um fogo qualquer, muitos colocam algum material de combustão rápida, numa pilha de lenha, para acender... daí, é só acender um fósforo.

– Então, é isso o que ela faz? “Risca um fósforo”?

– É.

– E qual é o fósforo que ela usa, se vocês não têm?

– Ora bolas, por que pensam que ela se chama “Fogo Aceso”?

– Não sei...

– É porque tem fogo dentro dela, que sai da ponta dos dedos...

Dali, Campos e Ester foram levados pelos jovens a outro sítio.

Novamente foram invadidos por pavor, ao identificarem onde estavam: num cemitério. E era noite alta...

Conduzidos por entre dezenas de criaturas angustiadas que por ali perambulavam, logo a surpresa maior causou-lhes terrível

choque: Helmuth, o poderosíssimo Helmuth, estava roto, sujo, escavando a terra com as mãos.

– Senhor Helmuth!!!

Naquele ambiente lúgubre, onde a angústia dava o tom, desequilibrando mentes menos vigilantes, houve um momento de estupor que se sobrepôs a tudo. Não se poderia dizer de quem era a surpresa maior: do desencarnado cativo aos restos mortais ou dos dois ex-empregados. Na verdade, nenhum dos três deveria estar ali, o que lhes roubava o entendimento do tremendo equívoco que o ódio lhes armara e mesmo incentivava.

– Imprestáveis! – bradou Helmuth.

A voz traía-lhe o tom autoritário, pois não passava de um rouco e sinistro som gutural, qual grunhido.

– Senhor Helmuth... o que está fazendo aqui?

– Então não vê, seu inútil? Estou tentando arrebentar essa corda que me prende lá no fundo.

Referia-se o infeliz espírito ao seu cordão fluídico, já arrebentado pelo infarto, mas ainda submetendo-lhe o perispírito a forte atração magnética aos despojos físicos, já putrefatos.

– Posso ajudar?

– Idiotas: o que estão esperando?

Os dois jovens nem se mexeram. E quando Campos e Ester tentaram puxar aquela espécie de corda fracamente iluminada, viscosa, de dentro da terra, sentiram um tremendo choque, como se tivessem segurado um fio elétrico energizado e sem capa de isolamento.

– Inúteis, inúteis – bradava-lhes Helmuth, sem cessar.

Nisso, chegou “Fogo Aceso”. Havia os seguido, sem se deixar notar. Com ela vinham mais de trinta desencarnados, sob seu comando. Determinou:

– Ótimo! Vocês cumpriram minhas ordens direitinho, trazendo-me até esse velho bobo. Agora é conosco. Podem se retirar.

Não havia como discutir. Campos e Ester, sobressaltados, ante os olhares irados dos Espíritos que ali estavam, tiveram que se afastar, e bem rápido. Iam já se distanciando quando olharam para trás e viram que “Fogo Aceso” parecia mesmo estar incendiada, pois abraçou Helmuth. Em seguida, seis auxiliares, com as mãos dadas e em círculo em volta do sinistro casal abraçado, começaram a rodar, rodar, rodar... Campos e Ester não acreditavam no que estavam vendo: do interior da terra subiam pequenas labaredas, que logo se incorporavam nas que se desprendiam de “Fogo Aceso”. Algum tempo depois, Helmuth estava livre daquele laço infernal que o prendia à terra.

Triste ilusão: o cordão prateado é de uma engenhosidade sublime, agindo como poderosa proteção aos encarnados, possibilitando-lhes a bênção do deslocamento espiritual a grandes distâncias, rotineiramente, pelo sono. Por terrível engano, com tanto afinco muitos homens entregam-se aos prazeres sensuais ou a outros enganosos êxtases do mundo, particularmente às mordomias do dinheiro ou do poder. Para logo, precipitam seu retorno ao plano espiritual, onde chegam tão jungidos à materialidade que não conseguem desligar-se do corpo físico, face o desmesurado apego às posses e posição social.

Nesse momento, agravando o fato, obsessores especialistas em escravização apresentam-se e num fatídico paradoxo, dão a liberdade a quem assim está cativo. Só que essa liberdade é simplesmente troca de grilhões: se antes o asco era constante, naquela enganosa liberdade, a tortura e inclemência de atitudes mantêm pavor nos escravos. O que, em breve, precipita-os na loucura.

“Fogo Aceso” e sua estranha comitiva deixaram o chamado “campo santo”, levando Helmuth. Após tormentosa caminhada, chegaram ao sítio no qual tinham sede.

Helmuth vinha de susto em susto, já com a mente destrambelhada, mas com o instinto de conservação ativo. Quando foi farejado pela monstruosa sentinela-animal, deu um salto para o

lado, com tamanha desenvoltura, que causou admiração. “Fogo Aceso” debochou:

– O quê, hein? Então nosso ex-poderoso amigo é atleta...

Todos gargalharam, irônicos. Menos Helmuth. Ele próprio estava admirado de sua insuspeitada elasticidade, há tantos anos perdida, junto com a juventude...

Entraram. “Fogo Aceso” foi contundente:

– A partir de agora você me pertence!

– De forma alguma – cortou Helmuth, empinando o queixo – tudo o que quero posso fazer. Os outros é que me obedecem, pois sempre sou eu quem dá as ordens.

– Muito bem. Como você ainda pensa que é o patrão, olhe em volta e veja meus auxiliares. Aqui somos uma comunidade, de mais ou menos cem elementos. Mande qualquer um obedecê-lo. Vamos, mande!

Helmuth vacilou, mas logo assumiu:

– Venha até aqui! – ordenou a um rapaz franzino, que lhe pareceu totalmente indefeso.

O espírito olhou para “Fogo Aceso”, que não disse palavra, apenas levantou levemente o dedo mínimo esquerdo. Foi o suficiente. O rapaz aproximou-se lentamente de Helmuth. Este, encheu o peito, todo orgulhoso, em ver-se obedecido. Mas, o que aconteceu, não pode e nem mesmo deve ser descrito, em respeito às sagradas tradições às leis da Vida e à Lei do Amor. A gratidão à sublime bênção divina da palavra, falada ou escrita, o impede.

Cedo, Helmuth se compenetrou que saíra do purgatório e caíra no inferno. Num inferno muito pior do que aquele que se supunha anteriormente. Sem condições de conciliar um único pensamento a outro, ante o desencontro de ideias e o império maiúsculo do mal que o subjugava, incensando-lhe rancor e desejo exacerbado de vingança, perdeu mesmo a razão.

Uma semana após assim viram-no Ester e Campos, que no desdobramento do sono, foram conduzidos à presença de "Fogo Aceso", que ao vê-los, sentenciou:

– Chegou a hora!

– ?!

– Não queriam arrasar quem os despediu? Pois, então, chegou a hora. O pai vai se mudar para a casa do filho e só isso já vai causar bastante desconforto. Enquanto isso, nós iremos fazer umas visitinhas ao filho, lá no serviço dele.

– Podemos ajudar? – perguntou Ester, tímida.

– "Podem", não. Devem! Tratem de arrumar um pouco de distração para "meu povo".

– Distração, como? – inquiriu Campos.

– A mesma de sempre: reúna seus amigos e façam as festas com as mesmas alegrias...

– "Alegrias"? — perguntou Ester.

– É, sim, bobinha. Tudo o que dá prazer para vocês dá também para nós. Entendeu?

Sim, tinha entendido mais pelo olhar e gestos do que por palavras. Ester entendeu que "Fogo Aceso" referia-se a tabagismo, álcool, sexo desvairado. Então, era isso o que Campos certa vez lhe dissera, quando quisera saber sobre o que os encarnados podem dar "de bom" aos desencarnados... Embora Campos já houvesse dado algumas explicações, o entendimento de Ester agora foi integral.

– Não se esqueçam de convidar a "turma da pesada".

– Os viciados em tóxicos – adiantou-se Campos, explicando a uma apavorada Ester o impressionante intercâmbio entre Espíritos distanciados do Evangelho, mas atados entre si pelos fortes laços das tendências inferiores.

Campos, mesmo ali no plano espiritual, mostrava-se um fiel decodificador de murmúrios e palavras soltas, como no tempo em que servia ao ex-poderoso senhor Helmuth, que a tudo ouvia, encorujado num canto da barraca.

Já à saída, como havia acontecido quando chegaram, a sentinela-animal não lhes causou o menor temor, pois nem mesmo quis farejá-los. Aliás, sem causar qualquer surpresa a ninguém, ali, não tardou em reassumir sua aparência real, de um homenzarrão mal-encarado.

Entre os dois encarnados e aqueles Espíritos todos já havia o triste laço de união, equalizando-lhes as vibrações, pela lei de sintonia.



Quase um ano após a desencarnação de Helmuth, Karl e Cássia retornaram da Europa e Estados Unidos, onde haviam passado um mês, visitando a matriz da fábrica que se associara à "H&H", fornecendo tecnologia para a sua nova fábrica de caminhões e ônibus.

Em troca dessa tecnologia, as fábricas da Europa e dos EUA teriam a exclusividade na importação e comercialização daqueles veículos pesados.

No Brasil, além da área da nova fábrica, com toda a infraestrutura, incluindo até escolas para os filhos dos funcionários, foram ofertados vários incentivos fiscais à "H&H-Caminhões e Ônibus".

O local escolhido foi mesmo aquele que Cássia "sugerira" a Karl.

Recompensando as concessões, as indicações de preenchimento dos principais cargos, no nível de gerência, naquela cidade, foram ofertadas "gentilmente" por Karl às autoridades locais.

Mirênio, para suma alegria, foi designado o administrador geral da construção, que logo iniciou. Quando pronta a obra, seria

mantido na mesma, porém sendo promovido a diretor de recursos humanos.

Sua família ficou na Capital e quando podia ia visitá-lo. Nilce, a esposa, argumentou com ele que se mudarem para o interior naquela época do ano seria prejudicial a Tom, o filho, preparando-se para ingressar na faculdade.

Mirênio, zeloso até demais, trocou o conforto do hotel em que se hospedara, pela rusticidade do canteiro de obras, onde improvisara um tosco gabinete, inclusive com cama para pernoite. Com isso, visava manter a ordem dos trabalhadores da construção e simultaneamente evitar furtos de material.

Andava sempre com muitas caixas de fósforos.

Várias vezes levantava-se, no meio da noite, e sorrateiro, fazia ronda pelo acampamento. Numa dessas incertas, como denominava suas inopinadas caminhadas em meio às madrugadas, o Lalau, um cão vira-lata que se instalara inarredavelmente por ali, rosnou de forma invulgar. Esse cão, dócil e muito esperto, elegera o acampamento como lar e adotara Mirênio como seu dono. “Se o cão está percebendo alguma anormalidade, é bom acautelar-me”, pensou Mirênio, ficando à espreita. Lalau começou a uivar e isso acordou muitos trabalhadores.

– Hoje é sexta-feira. Será que esse bicho viu alma do outro mundo? – comentavam alguns homens, irritados com o animal.

Como o cão se aquietasse, foram todos dormir.

Uma semana após, estando já esquecido aquele episódio, ele repetiu-se. Só que agora sem Mirênio estar de pé. Outra vez alguns homens se levantaram, chateados com o cão, lanternas acesas:

– Esse animal só fica inquieto nas sextas-feiras...

Mirênio também levantou-se e ao chegar perto do cachorro assustou-se de ver como ele estava com os pelos em pé, arrepiadíssimo e rangendo as poderosas mandíbulas.

– Lá, Lá – como o chamava –, o que está acontecendo?

O cão, todo arrepiado, dirigiu-se à porta do almoxarifado número um.

Alguns homens entenderam na hora. Pegaram um pedaço de pau pelo chão e seguiram o animal, imaginando que um ladrão talvez estivesse no interior do almoxarifado. Mirênio, o único que tinha a chave da porta daquela dependência, foi até seu aposento e apanhou-a. Veio até a entrada e quando ia abri-la ouviu-se ruídos de materiais sendo quebrados. Mirênio, cautelosamente, abriu o almoxarifado, sob proteção de alguns peões. Assustaram-se todos ante o que os focos das lanternas iluminaram e que logo que a luz foi acesa pode ser constatado melhor: várias caixas com material hidráulico estavam jogadas pelo chão, vários sacos de cal tinham sido rasgados e muitas lâmpadas estavam quebradas. Um pequeno foco de incêndio numa prateleira foi logo debelado.

Evidente que alguém tinha feito aquele estrago. Mas quem? Como esse vândalo entrara, estando a porta sem sinais de arrombamento e só Mirênio detinha a chave? Devia estar ainda lá. Uma rigorosa busca resultou infrutífera, pois ninguém foi encontrado.

Fosse porque era madrugada, e fria, fosse porque ninguém quis se aprofundar em descobrir o autor daquilo, os homens voltaram ao leito e logo adormeceram. Só Mirênio não conseguiu mais pegar no sono. Com a mente fervilhando de perguntas não respondidas, viu o dia amanhecer e a natureza, ofertando outra bênção, acender a mais poderosa lâmpada, para iluminar e aquecer metade do planeta: o Sol.

No dia seguinte, um sábado, ninguém sequer quis comentar sobre o mistério da noite passada. O meio expediente transcorreu normalmente.

Na madrugada de sábado para domingo, porém, um grave acontecimento voltou a agitar aquele canteiro de obras: um incêndio irrompeu no almoxarifado número dois, no setor de tintas. Mirênio não estava na construção, pois a esposa e o filho tinham vindo passar o fim de semana com ele, estando a família

hospedada num hotel. Quando os poucos peões que dormiam na obra tentaram fazer algo para debelar o fogo, algumas explosões impediram-lhes a ação. Em pouco tempo as labaredas dominaram todo o almoxarifado. Nada pode ser feito para apagar as chamas, cada vez mais intensas. Quando os bombeiros chegaram, só restou-lhes impedir que o incêndio se propagasse pelo resto da construção, pois os dois almoxarifados haviam sido rapidamente consumidos pelas chamas. Embora o seguro cobrisse os prejuízos, grande foi a perda de tempo, atrasando o cronograma das obras.

Mirênio fez questão absoluta de acompanhar as investigações oficiais que buscaram identificar a causa do incêndio e que ao fim de exaustivas análises, proclamaram que fora espontâneo. Inquiriu energicamente aos bombeiros:

– Mas, como espontâneo?

– Temos registro de que em situações especiais, onde várias circunstâncias ocorrem ao mesmo tempo, pode mesmo irromper combustão espontânea.

– Então – disse ao oficial encarregado do inquérito –, que o senhor nos diga quais são essas “situações especiais” para que, de futuro, possamos evitar novos incêndios.

Ao militar não passou despercebido o tom irônico e de incredulidade do administrador daquela obra. Respondeu com a serenidade de quem já enfrentou situações muito mais adversas.

– Pois, não. Quando um composto se une ao oxigênio, liberando calor, temos a combustão; se a reação for muito rápida, a ponto do calor levar o combustível à incandescência, teremos a *combustão viva*, isto é, o fogo. No caso que analisamos, temos como certo que talvez a queda de alguma peça de metal ao solo, tenha provocado uma faísca que levou o calor ao material inflamável estocado, no caso, as tintas. Como essa peça caiu não sabemos, mas pode-se conjecturar que algum animal, talvez um rato, tenha sido o responsável.

Karl ficou furioso quando soube do incêndio.

Visitou o acampamento na segunda-feira e quando concluiu uma rápida sindicância, retornou aos seus duplicados afazeres de presidente da "H&H".

Mirênio, embora antecipando uma promoção, não estava nada feliz com a função de encarregado geral das obras, na futura filial da "H&H". Principalmente, pela solidão que sentia, sem a família. Para acrescentar contrariedade à sua vida, não era consultado nem mesmo pelos trabalhadores mais simples da obra, pois, na verdade, não entendia nada de construção.

Assim, no ridículo papel de "grande chefe", não perdia uma oportunidade, por menor que fosse, para impor autoridade. No entanto, só para autorizar horas-extras e nos momentos de novas contratações era acionado. Não tardou e descobriu um jeito de aparecer: demissões. Como a época era de desemprego, em que a oferta de mão-de-obra suplantava a demanda, começou a demitir empregados sem justa causa, pois as despesas com tais dispensas não eram consideráveis, já que os demitidos tinham pouco tempo de serviço.

Quando ocorreram fatos estranhos no almoxarifado, com grande desarranjo de material, seguido do misterioso incêndio, Mirênio aventou junto à polícia a hipótese de vingança, por parte de alguma pessoa que houvesse perdido o emprego ali. Investigações policiais não conseguiram comprovar tal hipótese, mas, sim, desencadear uma onda de revolta, por parte dos investigados, todos inocentes.

Enquanto isso, "Fogo Aceso" rejubilava-se, referindo-se a Mirênio:

– Nosso estafeta está dando o recado direitinho.

Com efeito, sem o saber, o gerente de RH vinha sendo presa fácil de más influências espirituais, despejadas sobre ele pelos Espíritos malvados. Valendo-se da compulsão de Mirênio em provocar minúsculos incêndios, não houve a menor dificuldade para os obsessores, sob o comando de "Fogo Aceso", a quem chamavam de "F A", aproximarem-se de sua família, particularmente de Tom –

médium de “efeitos físicos”, inconsciente – de quem coletavam estranha matéria mental. Depois, misturavam essa matéria aos fluidos deletérios deles próprios – principalmente os dela –, obtendo a propriedade de desencadear combustão espontânea¹⁰.

“F A”, após provocar danos na construção da filial da “H&H” convocou seu grupo e passou-lhes minuciosas instruções:

– De dois em dois vocês deverão infundir nos operários a “certeza” de que aquele lugar é assombrado. Para tanto, a cada dois ou três dias, providenciarei novas “manifestações misteriosas”.

O fato é que decorridas três semanas, a construção da fábrica teve que parar, por falta de mão-de-obra. Os operários, em pânico total, desertaram daquele lugar, invadido pelas assombrações, pois “as almas penadas tinham fixado residência ali”, segundo acreditavam.

Na construção ficaram apenas dois engenheiros, o mestre-de-obras, alguns poucos pedreiros e carpinteiros. Nenhum deles pousava ali. Só Mirênio. Mas, a este, os Espíritos perturbadores não molestaram, pois de que adiantaria? Segundo instruções de “FA”, ele deveria ser poupado, pois fazia parte dos planos a permanência dele por ali.

Diante de tão insólita crise, a de não se conseguirem empregados numa fase geral de desemprego, Karl resolveu fazer uma inspeção, para certificar-se daquela estranha situação, paradoxal, sob todos os pontos de vista. Assim que chegou, de surpresa, no local das obras, determinou a um “apavorado” Mirênio:

¹⁰ Combustão espontânea, provocada por ação de desencarnados: Apenas para registro, citamos que o saudoso Dr.Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), investigador de fenômenos paranormais, conhecido internacionalmente, fundador do I.B.P.P. (Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas), com sede em Bauru/SP, onde residiu, foi o criador do neologismo **parapirogenia** = combustão espontânea paranormal. O Dr.Hernani escreveu várias obras sobre *poltergeist*, exaustivamente pesquisados por ele - Nota do Médium.

– Quero entrevistar, agora, alguns operários que se demitiram.

Quando mais tarde Mirênio apresentou três dos operários que haviam se demitido, Karl dispensou-o, fechou a porta e disse-lhes:

– Então, me digam a verdade, sem nenhum receio: por que vocês abandonaram o emprego?

Silêncio, dos três.

– Foi por causa do salário?

Silêncio, ainda.

– Alguém maltratou vocês? O Mirênio? Os engenheiros? Os chefes de setor? O mestre-de-obras?

Nenhuma resposta.

– Dou cem reais a cada um, pela verdade – arriscou Karl, valendo-se do argumento que julgava invencível: o dinheiro.

Pegou três notas e colocou-as em frente aos homens. Para sua surpresa, os operários se levantaram e fizeram menção de se retirar, sequer olhando para as três notas sobre a mesa.

Raramente, em toda a sua vida, Karl estivera em igual situação: ele, presidente da poderosa “H&H”, vencido por simples operários. Desconcertado, sem conseguir compor o raciocínio, emergiu no grande executivo o primitivo instinto de sobrevivência. Captou que algo terrível ocultava-se sobre a construção, a ponto de imunizar pobres contra o dinheiro (as notas, novinhas, ainda sobre a mesa, eram testemunhas mudas daquela sombria ameaça-realidade). Percebendo que ali estava em inapelável inferioridade, de súbito temeu que seu sonho da grande filial explodisse em fracasso. Aí, então, só aí, despontou nele o maravilhoso recurso da comunicação humana, espírito a espírito, sem quaisquer molduras ou peias sociais. Não conseguindo impedir grossas lágrimas, de existência jamais suspeitada, colocou a mão no ombro de um operário:

– Pelo amor de Deus, contem-me o que está acontecendo!

Os homens entreolharam-se, atônitos. Rudes, mas sinceros em suas concepções existenciais, não tiveram a menor dificuldade em dar a palavra aos seus corações. Palavras, aliás, desobedientes à ortografia, ou melhor, à ortofonia, mas emolduradas cem por cento de sinceridade – que rogamos aos leitores perdoar a reprodução no original:

– *O senhor não arrepara, seu dotô – disse Ananias –, mas nós não temo nada contra o senhor, não senhor. Nem contra ninguém, daqui da obra. O pobrema é que ...* – gaguejou.

Antônio, outro pedreiro, tomou coragem:

– *Nóis não queria deixar o emprego, nós tem mulher e filhos, precisamos do salário, mas não dá prá lutar contra o capeta...*

– ?!

Altamiro, o terceiro homem, complementou:

– *Aquela obra tá empenhada prá umas almas do purgatório e outras do inferno!*

Karl estava perplexo, sem entender.

– *É isso mesmo* – aduziu Ananias, agora desenvolto, mas antes fazendo o sinal da cruz: *então o senhor não ficou sabendo as coisa que se assuvederam aqui?*

– Mais ou menos – mentiu Karl, incentivando-os: contem-me, por favor, que coisas foram essas? Quero saber se o que sei é a verdade.

– *Primeiro, os materiá do almoxarifado caiu sozinho das prateleiras, depois um incêndio também pegou fogo sozinho, lá drento. E tudo isso sem ninguém lá. Era de madrugada...*

– Isso eu fiquei sabendo. Vocês até sabem que vim aqui, no dia seguinte, para examinar o que tinha acontecido e o Mirênio me disse que suspeitava de gente que tinha sido demitida.

– *Prá ele é fácil acusar os outros...*

– Mas, depois daquilo, o que mais aconteceu?

– *É isso aí: as roupa dos operários que dorme lá amanheciam com uma rodela de fogo.*

– Como assim, rodela de fogo?

– *Pois é: o fogo não chegava a furar a calça, mas a mancha era igual aquelas do ferro de passar roupa, quando fica parado mais do que deve.*

– E onde estão essas roupas?

– *Todo mundo queimou, com medo das má influência. O senhor sabe: as roupa queimada era sempre calça... e sempre na barguía...*

– Na barguilha? Em todas as calças?

– *Então! Que nem feitiço prá os home não sê mais home...*

Realmente, aqueles fatos eram fantásticos. Karl não sabia o que dizer.

– *Uns três peão evangélicos leram a Bíblia lá, mas não adiantou nada. Até parece que irritaram mais as almas, pois as manchas de queimadura passaram a surgir nas parede, no chão, nas cama...*

Não restando quaisquer outras perguntas, Karl cumprimentou um a um dos ex-empregados, agradeceu-lhes a colaboração e dispensou-os. Nenhum dos três, supersticiosos, quis levar a nota de cem reais que lhes foi ofertada.

Karl entendeu que estava diante de algo insólito, desconhecido, extremamente poderoso. E contra ele. Pessoalmente contra ele!

Tão logo teve esse pensamento, pensou no pai.

Um súbito frio percorreu-lhe o corpo, e sem conseguir explicá-lo, sentiu ali, quase palpável, a presença paterna.

No resto do dia nada mais conseguiu averiguar.

À noite, antes de dormir, ruminava mentalmente tudo o que ouvira dos operários. Da mente não saía a figura paterna. “Sim”, pensava, “se meu pai não tivesse morrido diria que ele é que está querendo me arrasar, pois não queria a fábrica nesta cidade; ainda bem que morreu e tantos eram seus pecados que deve estar no inferno. Bem feito, quem mandou ser tão ruim comigo?”.

Demorou a adormecer e a um instante de entregar-se ao sono ainda olhou no relógio: 23h 57min.

Tão logo dormiu viu o pai. De fato, Helmuth houvera sido instantaneamente trazido por "F A" à sua presença, pois ele próprio, Karl, involuntariamente, o convocara, ou melhor, o invocara.

A lei de atração é infalível: pai e filho, mesmo em dimensões diferentes, mantinham vivo o forte antagonismo, por pensamentos recíprocos de ódio.

"F A", que trouxera Helmuth, determinou-lhe:

– Você não queria dar uma lição no seu filho? Pois aí está o moleque.

Hipnotizado pelos obsessores e subjugado pelo desamor que nutria por Karl, o triste Espírito aproximou-se do encarnado, carne de sua carne... De forma inesperada e selvagem, agarrou-o pelo pescoço, para enforcá-lo.

Desguarnecido em sua postura moral, equalizada esta com a do pai, que naquele momento agredia-o brutalmente, Karl registrou o ataque, sentindo súbita pontada na cabeça, inexplicável. A carga energético-fluídica, altamente potencializada e lotada de miasmas pestilentos, atravessou-lhe a aura, provocando pequena ruptura no corpo vital¹¹ e imantou-se-lhe na região cardíaca. Com o perispírito

¹¹ Notas do Médiun:

a. Corpo vital = também conhecido por "duplo etéreo". Em "Evolução Em Dois Mundos", do autor espiritual André Luiz, psicografia de F.C.Xavier, 11ª Ed. F.E.B., 1989, encontramos às pág 129: "Todos os seres vivos, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um "halo energético. No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida... em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo..." Às pág 126, esse halo é denominado de "campo ovoide", "tela viva", "courage vibratória", "carapaça fluídica";

b. No livro "O Passe", de Jacob Melo, Cap.4, pág 76, temos: "Podemos considerar o duplo etérico como uma extensão do perispírito e não necessariamente um agente destacado e independente daquele; seria como que uma das "capas" do perispírito que, por suas funções de interligação do perispírito propriamente dito com o corpo

recém-desprendido do corpo físico e ali mesmo no quarto, sob terrível estupor, misto de espanto e raiva, ainda sendo esganado, viu que o pai era incentivado por uma jovem, pavorosamente envolta em pequenos raios, com chamas a lhe saírem pelas pontas dos dedos, de instante a instante, crepitando no ar por fração de segundo, logo desaparecendo.

Saindo do torpor momentâneo que a brutal investida paterna lhe provocava, Karl, mais uma vez, agiu puramente guiado pelo instinto animal que reside nos seres vivos todos: agredido, defendeu-se, logo passando a agressor.

Era patética a cena: pai e filho engalfinhados, aquele, desencarnado, completamente desvairado, e este, ainda sob a roupagem da carne, dela momentaneamente emancipado pelo sono, protagonizando ambos um formidável, quanto insólito duelo. Sem que abrissem a boca, suas ideias ofensivas eram trocadas, pela sintonia mental em que se fixaram:

– Você me matou para ficar com a fábrica, mas não pense que ficarei quieto. É tudo meu. Tudo meu! Vou matá-lo também...

– De que inferno você saiu?! Eu não o matei, mas agora é isso mesmo que vou fazer. Ninguém me toma a fábrica. Ela é minha, por direito!

– Direito?! Direito?! Que fez você para merecê-la?

– Aguentei você como pai...

As entidades que os rodeavam, deliciavam-se com o grotesco espetáculo, sendo essa atitude uma forma de incensar mais o negativismo dos agentes.

De repente, para espanto geral, uma pequena claridade envolveu a ambos os contendores. Sem que qualquer motivo o justificasse, começaram a agir como se fossem bonecos cuja corda estava no fim. Sem conseguirem sequer erguer os braços, seus

físico, retém uma maior quantidade fluídica de consistência organo-molecular (fisiológica) que psíquica.

olhos se fecharam lentamente e também em movimentos lerdos se deitaram, um ao lado do outro.

Dir-se-ia que súbita anestesia os havia alcançado.

O socorro espiritual tivera origem na prece que o Espírito Madeleine fazia a Jesus em benefício dos contendores. Tinha sido fortemente atraída para junto de Helmuth e Karl, aos quais amava, um como ex-cônjuge e ao outro como filho querido. Vendo-os digladiarem, seu coração encheu-se de tristeza e compaixão. As lágrimas que dos olhos de Madeleine saltavam, transformaram-se em jatos de luz que os alcançaram e tiveram a propriedade de os acalmar.

Quando Karl contestou Helmuth, momentos antes deste desencarnar, Madeleine também foi atraída para perto deles, pois havia prometido a si mesma sempre ajudá-los, na medida do possível. Ali nada pudera fazer porque a discussão revestia-se de desamor, fato que era decorrente do livre-arbítrio de pai e filho, sem necessidade do influxo de Espíritos infelizes. O que faziam era responsabilidade exclusiva deles e assim não cabia interferência direta, a não ser pela oração, cujos efeitos, no caso, impediram.

Aliás, Madeleine, mesmo antes de reencarnar, compromissara-se a unir-se conjugalmente com Helmuth, sendo pré-estabelecido um programa reencarnatório para o casal, no qual ela seria a âncora de equilíbrio para ele e o filho – Karl –, que de longa data vinham se odiando. De Helmuth seria a conselheira sensata, induzindo-o a bem empregar a fortuna que lhe seria emprestada por Deus; já a Karl, pacificaria-lhe a alma, sendo anteparo às agressões do pai, com isso substituindo as investidas do ódio recíproco, por uma união fraternal entre eles. E isso fizera, durante toda a duração do seu convívio familiar com eles: implorava a Helmuth que fosse caridoso, que repartisse a tremenda fortuna que detinha; também pedia-lhe que tratasse ao filho com mais amor, com mais tolerância, pois Karl, na verdade, era mais valioso ao seu coração que todo o dinheiro que possuíam. Quanto a

Karl, constantemente aconselhava-o a respeitar o pai, evidenciando as virtudes paternas que, infelizmente, eram mesmo poucas.

Ambos, Helmuth e Karl, desperdiçaram tão sublime oportunidade.

Não tardou e os Espíritos infelizes entenderam o que estava acontecendo: novamente aqueles "focos de luz", vindos não sabiam de onde, contrapunham-se às pequenas chamas que evoluíam de "F A", impedindo-lhes de usufruir os lucros espúrios de suas nefastas atividades obsessoras.

Não era a primeira nem a décima vez que isso acontecia, frustrando o grupo de "F A", que se dedicava, há muito, em aproximar-se de desencarnados, necessariamente riquíssimos quando tinham corpo físico, agora incentivando-lhes guerra de ódios, contra os sucessores. Os Espíritos que compunham aquele grupo eram de pessoas que quando encarnadas igualmente tinham possuído imensas fortunas, algumas dilapidadas por parentes ou sócios desonestos e outras, como herança, causado dissensões terríveis e até crimes, entre os herdeiros. Assim, o objetivo daquele grupo era um só: subjugar aos desencarnados, ex-milionários. Tão logo lhes impunha domínio hipnótico-espiritual, escravizando-os inapelavelmente, obrigava-os a executar tarefas de grandes perturbações junto aos herdeiros, quase sempre invigilantes também. Como resultado, vendo sólidos impérios financeiros ruírem, os componentes do grupo sentiam-se realizados. Essa atividade era tremendamente facilitada ao grupo de "F A", pois poucos ricos empregam a benefício do próximo o empréstimo que vem de Deus.

A quantos, ainda na carne, almejam fortuna, deveria ecoar a advertência de Jesus, registrada por Mateus (19-24): *"É mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no reino de Deus"*.

Sabe-se que "muito dinheiro" dá muito poder, muita autoridade, coloca o rico num pedestal social quanto mais alto quanto sejam suas posses materiais. E o Espiritismo demonstra,

com solidez lógica que em contrapartida, porém, acrescenta-lhe “toneladas de responsabilidade” quanto ao emprego que faça do ouro.

Não que o dinheiro seja ruim.

Pelo contrário: quando se movimenta, gerando empregos e benfeitorias, tem sublime destinação. O equívoco é amontoá-lo, ou empregá-lo como fator multiplicador, para uso próprio, individual.

Quem quiser saber quanto dinheiro é a quantidade ideal para se ter, imagine quanto uma das mãos pode segurar. A mão vazia é para pegar algum dinheiro da que está cheia e doá-lo. Essa, mais ou menos, será a quantia ideal.

Lembrando, sempre, que a idosa senhora observada por Jesus à entrada do Templo, ali chegou com algumas moedinhas e quando saiu, já não tinha mais nenhuma. Dera tudo o que tinha. Em troca, contudo, ganhou o aval do Mestre Jesus. Pensando bem, quanto vale esse aval?

Naquele momento, os malfeitores do além mais uma vez tiveram frustrados seus planos, pois Karl, envolto pelos “focos de luz”, surgidos do nada, retornou ao corpo físico, despertando. E Helmuth, adormeceu profundamente.

– Nossa Senhora! – exclamou Karl, para ele próprio. – Que pesadelo! Por quanto tempo dormi, meu Deus?

Olhou o relógio. Quase 23h58min. Lembrou-se do terrível “sonho”: “papai queria me matar. Estava com uma quadrilha... não, não pode ser... ele está morto. Parece que vi mamãe rezando. Mas ela está morta também... Certamente que foi impressão, pois acabei de olhar as horas e não se passaram nem cinquenta segundos”¹².

Bem mais tarde, adormeceu. Sem sobressaltos.

¹² O tempo, na espiritualidade, não se rege pelas medidas terrenas. Em “Narrações do Infinito”, de Camille Flammarion, 6ª Ed., F.E.B., pág 25, encontramos: “A noção do tempo é essencialmente relativa e a medida da sua duração nada tem de real, nem de absoluta - separada do globo terrestre...” – Nota do Médium

Na manhã seguinte, prosseguiu nas investigações. Convocou os dois engenheiros que prestavam serviços na construção. De início, entrevistou Marcos:

– Diga-me, Marcos, o que você sabe sobre o que anda acontecendo?

– Pouco, Dr. Karl. A ignorância desse povo não tem limites. Veja só... imaginam que almas do outro mundo se mudaram para o canteiro de obras.

– E você, o que pensa disso tudo?

– Para falar a verdade, não acredito nessas baboseiras. Imagino que algum peão da obra aprontou essas maldades.

– Mas a Polícia investigou tudo e não encontrou nenhum suspeito.

– *Não há crime perfeito, Dr. Karl, o que há é investigação mal feita* – brincou Marcos, parafraseando o folclórico detetive Sherlock Holmes, criação imortal de Sir Arthur Conan Doyle, o famoso romancista inglês.

– *“Elementar, meu caro Watson”* – retrucou Karl, complementando o bordão do legendário detetive amador.

Ambos, assim, deixavam claro que acreditavam em vandalismo. Dispensando Marcos, Karl convocou Evaldo, o engenheiro hidráulico:

– Diga-me, o que você pensa desses problemas na obra?

– Vou ser direto: embora não seja fácil comprovar, esses problemas têm a característica de acontecimentos provocados por Espíritos perturbadores.

– Claro que são Espíritos perturbadores, mas quem são eles?

– Aí está a dificuldade a que me referi: não será fácil identificá-los, pois agem sempre em bando...

– Então, você acha que estamos sendo vítimas de uma quadrilha?

Antes de Evaldo responder Karl deu um murro na mesa e exclamou:

– É isso! Deve ser isso! Algum concorrente está por trás disso, para prejudicar à “H&H”...

Deu outra pancada na mesa e reconsiderou:

– Ou, quem sabe, talvez seja alguém interessado em tirar a fábrica daqui e levá-la para sua cidade, ou Estado... Vamos acionar a Polícia.

Usando a pausa que se fez, Evaldo explicou:

– Não me refiro a encarnados...

– Como assim?!

– Quando citei bando, referia-me a agrupamentos de Espíritos infelizes, já sem o corpo físico... mortos, como se diz, empenhados em prejudicar alguém.

– Quadrilha de mortos? Você... está brincando?

– Não, senhor... mortos, para o plano material, mas vivos, em espírito, já que Deus nos criou para a eternidade.

– Espere um pouquinho, deixe-me ver se estou entendendo o que você está dizendo: um grupo de mortos, todos bandidos, isto é, mal-intencionados, se juntaram para me prejudicar?

– Literalmente, sim.

– E o que o levou a imaginar esse disparate?

– Não é disparate. Fatos não podem ser desmentidos apenas com argumentos e, sim, com explicações lógicas. Vários acontecimentos, interligados, levaram-me a deduzir que é muito provável que o senhor esteja na mira de algum inimigo desencarnado.

– Eu?! Eu?! Ora, faça-me o favor, Evaldo. Como é que você, um homem de nível cultural superior, me vem com tal fantasia?

Nesse preciso momento Karl recordou-se do brevíssimo sonho da noite anterior. Sentiu como se dois petardos explodissem dentro dele, um na cabeça e outro no peito. Faltou-lhe o ar por momentos.

Evaldo captou que algo muito forte estava acontecendo com Karl, abalando suas estruturas psíquicas, pois, lívido, começou a tremer.

– Perdoe-me, Dr. Karl. Não quis impressioná-lo, apenas levantei suposições. Peço novamente que me perdoe, se o assustei, pois essa não foi minha intenção.

– Não... não... você não me assustou. É que... lembro-me vagamente que esta noite sonhei... vi-me em luta com meu pai... alguém rezava... parecia com minha mãe ... muita gente olhando e se deliciando com essa luta... tinha uma jovem que estava pegando fogo...

Logo se refez:

– Bobagens. Não pode ser. Ambos estão mortos.

– Não tenho o direito de intrometer-me em sua vida íntima, mas peço licença para fazer uma única pergunta. E o senhor não precisa me responder. Como era o relacionamento do senhor com seu pai? Amigável?

– Não... era o pior possível. Inclusive, papai morreu na minha frente, em plena discussão comigo.

– E sobre o que discutiam, se posso saber?

– Meu Deus... justamente onde seria a nova fábrica... esta fábrica.

– Agradecemos a Jesus todos esses esclarecimentos e vamos orar por seu pai, não é mesmo?

– Orar por ele?! Você está louco? Não vê que ele quer me destruir? E eu ainda vou rezar por ele? Quero mais é que ele se queime no fogo eterno!

– Por favor, Dr. Karl... afaste essas ideias, pois do contrário, o senhor poderá ser prejudicado ainda mais.

O tratamento passou a ser formal:

– Como afastar o asco que sinto por meu pai, ou melhor, pela lembrança dele? Se for verdade que ele anda por aí, o que absolutamente não creio, se for verdade, repito, não vê que está me atacando? E o senhor me diz para não reagir? Tenho responsabilidade imensa, doutor Evaldo. Não posso entregar-me a fraquezas psicológicas, impróprias a pessoas com tanto poder nas mãos. Vou prosseguir com o empreendimento industrial e nada me

impedirá. A “H&H” é muito superior às credices, adequadas a religiosos fanáticos, não a homens do topo social, assim como eu.

O patrão agora falava ao empregado, não mais como um ser humano dialogando fraternalmente com um semelhante. Evaldo percebeu a mudança do tom naquela conversa, mas manteve a mesma postura:

– Com todo o respeito, falei com o senhor como amigo, como cristão, não como “religioso fanático”. No caso do senhor, iguais a tantos outros pelo mundo, só há uma solução: o perdão.

– Muito bem: perdoou todo mundo. Mas vou defender o que é meu.

O tom era de superioridade. Encerrou a entrevista.

– O senhor está liberado. Pode voltar à obra.

Não havia o que contestar. Evaldo despediu-se e retirou-se.

O resto do dia Karl passou-o fervendo de ódio, contra inimigos, “deste ou do outro mundo, ou de onde for”, conforme remoía no pensamento.

6. DA LUZ À SOMBRA

No plano material muitas são as formas pelas quais se obtém energia: o calor, por exemplo, resultante do fogo, alimentado por uma infinidade de materiais combustíveis.

Da mesma forma, muitas são as condições que levam as criaturas a perturbações psíquicas. O desequilíbrio emocional profundo – energia desencontrada –, causado por situação de grave dificuldade, assemelha-se à abertura das comportas de uma represa, prestes a romper-se; as águas liberadas levam de roldão o que encontram pela frente, às vezes, até vidas humanas.

A invigilância, no caso, não é de quem já morava à jusante da futura represa, mas sim de quem a projetou e construiu-a onde tal desaguadouro era potencial, numa emergência.

Tal é a invigilância daquele que se entrega ao ódio, acumulando na alma as forças geradoras de negativismo, para escoá-las, terá que liberá-las, abrindo as comportas da vingança, causando devastadoras inundações nos remansos íntimos da harmonia e do equilíbrio, provocando desastres imediatos. Para si e para outrem.

Agravante certa desse erro será também os atingidos rebaterem-no.

Porém, muito mais grave, é quando além de vingador e vítima, outros elementos neutros a eles se juntam, passando a ser figuras atuantes dessa empreitada, às vezes como agentes catalisadores do processo litigioso.

Todos esses elementos reunidos formam a triste paisagem a que o Espiritismo denomina obsessão.

Pensando nas palavras de Evaldo e no seu pesadelo, Karl julgou prudente procurar o pároco daquela cidade. Chegando à igreja, encontrando-a com as portas abertas, entrou. Ninguém ali, àquela hora. Dirigiu-se à sala ao lado do altar, em busca do padre.

Da porta de entrada ao altar, caminhando solitário no silêncio acolhedor da grande nave, sentiu-se estranhamente empolgado. Lembrou-se do seu casamento com Cássia e isso lhe despertou gratas recordações. Sobre todas, sobressaía-se a da figura materna, Madeleine, olhando-o com imenso amor, enquanto aguardava a entrada triunfal da noiva. Ante essa lembrança, parou em meio à nave. Fechou os olhos e fez o tempo recuar. Sim, lá no altar estava sua mãe, olhando ternamente, com duas teimosas lágrimas prestes a rolares.

Despertou-o alguém do devaneio:

– Bom dia, meu filho. Posso ajudá-lo?

Era o padre, que indo ajeitar algo no altar viu aquele homem estacado no meio da igreja e cumprimentou-o, amigável.

– Oh, desculpe-me. Sim, padre, preciso de sua ajuda.

– Venha, meu filho, vamos até a sala paroquial.

“Meu filho”. Karl sentiu um arrepio, pois há tanto tempo não ouvia essas carinhosas palavras. A última vez que as ouvira, lembrava-se bem, foi quando sua querida mãe, um segundo antes de desencarnar, vendo-o em prantos, exclamou: “*Meu filho, meu filho. Deus sabe o que faz. Se tenho que partir, não o deixarei órfão do meu amor, que é eterno...*”.

Agora, intempestivas, lágrimas assomaram-lhe e obrigaram-no a sentar-se.

O padre aproximou-se mais e, protetor, colocou-lhe a mão no ombro, convidando:

– Vamos conversar aqui mesmo, se você quiser.

– Emocionei-me – desculpou-se Karl, refazendo-se e aduzindo. – Tem tanta paz aqui, tanto silêncio...

Na verdade, o que o havia emocionado foi ser chamado de “filho”.

– Vou confessar-lhe uma coisa: eu também, meu filho, prefiro rezar quando a igreja está nesta santa quietude. Não é que não aprecie ver a igreja com muitos fiéis, mas é que esse recolhimento me facilita as preces.

– O senhor...

– Padre Justino, meu filho, seu servidor.

Outra vez o “meu filho”.

– Padre Justino, estou trazendo uma fábrica para aqui e gostaria que o senhor fosse levar uma bênção nas obras.

– Oh! então você é o querido benfeitor dessa cidade... bem que eu o estava reconhecendo, apenas não me lembrava de onde. Foi lá no local da nova fábrica, quando dei a bênção à primeira pedra da obra. Agora você é que está trazendo bênçãos para esta cidade e este Estado.

– O senhor sabe que a fábrica vai gerar muitos empregos, impostos para a Prefeitura e para o Estado... Mas, primeiro, ela precisa ser construída e começar a produzir... Acontece que há pessoas dizendo que Espíritos do mal estão perturbando a obra. Por isso, pensei em vir aqui pedir ao senhor que vá até lá, repetir a bênção e...

– E...

– Se necessário, exorcizar o mal.

– Oh, sim, claro! Iremos lá, com toda a alegria no coração. Quando você quer nossa presença para nossas orações e novas bênçãos?

– Amanhã cedo, o mais cedo possível.

– Nossa Senhora nos abençoe! Quanta pressa!

Não é pressa, é necessidade. Estão acontecendo umas coisas estranhas na construção e os operários acham que é alma do outro mundo.

– Que “coisas estranhas” são essas?

– Barulhos, desarrumação de material, incêndios. Tudo de forma espontânea, segundo afirmam. E de madrugada... A Polícia investigou a possibilidade de tais fatos serem criminosos, mas nada descobriu.

– Percebo...

– O senhor vai lá, então?

– Sim, por volta das 16h irei até lá.

Karl agradeceu e fez menção de retirar-se. Padre Justino, sem muita cerimônia, convidou:

– Gostaria que você visitasse também nossas obras assistenciais... Estamos com tantas dificuldades...

– Perdão, padre Justino. Irei com o maior prazer, em outra oportunidade, não neste período turbulento. Assim que puder, terei que retornar à capital.

Dizendo isso, Karl preencheu um cheque e passou-o às mãos do padre, que se rejubilou, pois com aquela quantia poderia mesmo atender muitos pobres.

À missa que padre Justino oficiou no canteiro de obras, às 16h30min, compareceram o prefeito e vários secretários municipais, além de outras autoridades locais. Karl incumbiu Mirênio de divulgar que haveria aquela missa e também de fazer os convites. O próprio governador mandou um representante, que chegou de helicóptero, em grande estilo. Poucos peões assistiram à cerimônia religiosa, até porque poucos eram mesmo os que ainda permaneciam ali.

Na homilia, citando Mateus em 10:1, padre Justino lembrou aos presentes de quando Jesus deu aos doze discípulos autoridade sobre Espíritos impuros, para os expulsarem. Informou que após a missa, haveria um breve intervalo, para um lanche e em seguida, realizaria uma cerimônia de exorcismo¹³ naquele local, para livrá-lo de "forças do mal", pois ele expulsaria os demônios.

A notícia de que haveria cerimônia de esconjuro a Espíritos espalhou-se em instantes. Até mesmo ex-empregados ficaram sabendo, de uma forma ou de outra e ali compareceram. Todos queriam ver a expulsão dos demônios.

¹³ O exorcismo configura-se por orações, feitas por sacerdote, que em reunião ritualística, em cerimonial místico, brada esconjuros, ordenando afastamento e amaldiçoando o autor dos problemas locais, de origem invisível (Espíritos maus), mas na maioria dos casos atribuídos ao Demônio - Nota do Médiun

Após a missa foi servido um apetitoso lanche para os operários e para todos os visitantes convidados. As autoridades foram contempladas com finíssimo coquetel.

Logo após o lanche e o coquetel, padre Justino realizou o exorcismo. Terminada a esconjurção, houve um alívio geral no ambiente. Karl agradeceu a presença de todos, deixando por último o padre, a quem solicitou:

– Padre Justino, a “H&H” agradece sua dedicação pastoral e eu, particularmente, gostaria de pedir-lhe mais um favor.

– O que você pedir, meu filho. Estou aqui para ajudar, em nome da Santa Igreja.

– Gostaria de convidar o senhor para pernoitar hoje na obra.

– Mas...

– Sim, para nos certificarmos de que o mal foi mesmo embora... não é que duvidemos disso, mas sua presença aqui essa noite seria uma garantia de que nada mais há a temer.

Refazendo-se do espanto, Padre Justino repreendeu:

– Duvidando dos poderes do Céu, meu filho?

– Jamais, padre. Considero que a presença de um ministro de Deus nesta noite consolidará o império do bem. Aliás, o senhor não estará sozinho, eu e o Mirênio ficaremos com o senhor e conosco só permitiremos a presença de Deus.

O padre considerou que seria inútil tentar demover o poderoso industrial daquela ideia. Poucos convidados assistiam ao diálogo e, assim, o amor-próprio entrou em ação e bem depressa ajudou o religioso a concordar.

– Meu filho, Deus não precisa da nossa permissão para estar em toda parte e nem da nossa ajuda para fazer qualquer coisa dos Seus desígnios.

– Eu sei, foi só maneira de falar. Na verdade, quis dizer que apenas nós três pernoitaremos na obra.

Eram quase quatro horas da madrugada quando os três acordaram, ouvindo ruídos estranhos, no próprio alojamento que haviam improvisado. Karl acendeu a luz e viu um padre e um

gerente de RH lívidos, apavorados. Ele também sentia medo. Instintivamente se agruparam. Tudo estava em ordem.

– Vocês... ouviram?

– Ouvimos...

Karl verificando que tudo estava em ordem ia já dar por encerrado o episódio quando um novo barulho foi ouvido pelos três. Vinha do guarda-roupa. Trêmulos, foram inspecioná-lo. Juntos.

Quando abriram as portas, ficaram assombrados com o que viram, fumaça saindo de algumas peças de roupas. Acudiram e logo verificaram que havia pequenas queimaduras em duas calças e na batina do padre Justino. As calças eram as de Karl e Mirênio.

– Será que... – balbuciou Mirênio – nós vamos ficar... impotentes?

– Que bobagem é essa? – gritou Karl, irritado.

– Os peões foram embora quando as calças deles foram queimadas bem nesse lugar das nossas... temiam “não ser mais *homens*”...

– Deve haver algum defeito na eletricidade – justificou padre Justino, aproveitando-se para ir embora, pois teria que consertar a batina para a Missa de logo mais, às 6h. Antes de retirar-se, realizou mais duas ou três orações.

– Padre Justino – determinou Karl, antes do padre retirar-se –, ninguém deverá saber o que acabamos de ver. O senhor entendeu?

E como entendeu. Para ele, que era padre, seria desconcertante espalhar a notícia de que seus encantos falharam.

Não conseguindo também mais conciliar no sono, pouco depois amanheceu e Karl mandou seu motorista buscar Evaldo em casa. Antes dos peões chegarem, designou o engenheiro para se responsabilizar pela obra até novas ordens. A seguir, retornou à capital, levando Mirênio com ele, no que acertou, pois tinha

percebido que o gerente de RH não tinha tarimba para tratar com operários humildes. Sobre aquela noite, nenhuma referência¹⁴.

Evaldo aceitou e teve liberdade para contratar os auxiliares necessários para que, sem deixar suas funções na hidráulica da obra, supervisionasse as rotinas do pessoal.

O objetivo de Karl, quanto ao exorcismo – prosseguir na obra –, foi alcançado. Logo pela manhã grandes filas de candidatos a emprego se formaram à entrada da obra.

O fato de nenhum outro acontecimento sobrenatural ocorrer foi creditado ao exorcismo do padre Justino, mas na verdade, dois foram os fatores que para isso contribuíram: primeiro, o afastamento de Mirênio dali, já que ele era “a antena receptora” das más influências, vindas de “F A” e auxiliares; em segundo lugar, Evaldo, diariamente, no início do expediente, orava a sublime prece ensinada por Jesus, o “Pai Nosso”, no que em poucos dias, de forma espontânea, passou a ser acompanhado pelos peões.

A obra retomou ritmo acelerado, sem maiores complicações.

¹⁴ Notas do Médiun Editora:

a. Em “O Livro dos Espíritos”, questão 477, Allan Kardec perguntou: “As fórmulas de exorcismo têm qualquer eficácia sobre os maus Espíritos?”. Responderam os Mensageiros de Jesus que auxiliaram Kardec a codificar o Espiritismo: “Não. Estes últimos riem e se obstinam, quando veem alguém tomar isso a sério”;

b. Em “O Livro dos Médiuns”, Cap IX, nº 132, item 13º, Kardec questiona: “Haverá meios de os expulsar (aos Espíritos de lugares assombrados)? Obteve como resposta: “... O melhor meio de expulsar os maus Espíritos consiste em atrair os bons ... praticando todo o bem que puderdes, e os maus desaparecerão, visto que o bem e o mal são incompatíveis. No item 14º, Kardec retomou o tema exorcismo, inquirindo a respeito Espíritos Benfeitores: — Que se deve pensar com relação à eficácia dos exorcismos, para expelir dos lugares mal-assombrados os maus Espíritos?”. Resposta: “Já tiveste ocasião de verificar a eficácia desse processo? Não tens visto, ao contrário, as tropelias redobrem de intensidade, depois das cerimônias do exorcismo?”

As notícias da construção – problemas sobrenaturais e o exorcismo – chegaram aos ouvidos de Campos e de Ester. Ficaram felizes, muito felizes, com a primeira; chateados, com a segunda, pois souberam que depois do exorcismo os operários retornaram e a calma também.

Após três semanas, sempre realizando às sextas-feiras a equivocada reunião de mediunismo em sua casa, Campos ousou desafiar o Espírito que se dizia “interlocutor dos guias”. Aliás, tão grosseira e perigosa era a condição fluídica de “F A” que, desde que um médium adoecera gravemente após possibilitar-lhe o primeiro intercâmbio mediúnico, nenhum outro se atreveu a servir-lhe de instrumento de ligação entre os dois planos – o espiritual e o material.

Desafiou o interlocutor da chefe:

– Então, como é? As coisas estão indo bem para o bandido...

– “Fogo Aceso” não gosta de infiéis...

– Sei, sei... mas eu também não gosto de ficar perdendo tempo...

– Hum... o moço está duvidando?

Campos percebeu que se excedera. Desculpou-se:

– Não! Não estou duvidando! Só quero que o bandido pague pelo mal que me fez...

– “F A” manda você ficar quieto. Não está gostando do seu jeito. Parece que quer desertar...

– Nunca! Peço perdão.

– É melhor assim. Agora escute: ela está dizendo que você só vê um pedaço da paisagem e só vive um pedaço da hora...

– ?!

– Pois é, o bandido vai ver só o que o espera. Ele não pode ver as duas fábricas ao mesmo tempo e nós não vamos deixá-lo trabalhar a hora inteira.

– Acho que entendi. Se não puder sei feito nada numa fábrica, será feito na outra... e se ele puder ser perturbado, não terá tempo para administrar o seu império.

– Acertou. Só troque o “se puder ser perturbado” por “será”.

• • •

O termo “umbral”, pelo dicionário, significa *limiar, entrada*.

No Espiritismo, entretanto, “umbral” designa determinada região do Plano Espiritual que, na verdade, não se distancia muito do significado literal.

Assim, quando os espíritas mencionam *umbral*, estão referindo-se à região da espiritualidade, imensa, com funções de “posto de triagem”, pelo qual passam ou para o qual são conduzidos os Espíritos quando desencarnam.

É região de sombras.

Tem como fronteira inicial a crosta terrestre. E, como final, regiões espirituais gradativamente mais iluminadas.

No umbral, os bons Espíritos, quando desencarnam, transitam por pouco tempo naquelas paragens, em períodos de curta duração, e às vezes, nem sequer nelas passam, transpõem-nas; já os maus Espíritos lá estacionam por espaços de tempo que variam bastante. Tudo isso, regulado pelas Leis Divinas de Justiça e de Progresso, segundo o merecimento de cada um, isto é, seu grau evolutivo moral.

Sendo a Terra um planeta de provas e expiações, no dizer sábio do mestre lionês Allan Kardec, o umbral é pouso da maioria dos seus habitantes, nós, os seres humanos, quando libertos do corpo físico – *mortos*, no equivocado jargão popular.

Não obstante no umbral situarem-se tantos e tantos desencarnados, não é raro ali encontrarmos também Espíritos encarnados (emancipados do corpo físico, desdobrados pelo sono), onde permanecem por pouco tempo, para aprendizado, simples visita ou ajuda a amigos e parentes. Fato que ocorre por atração fluídica, ou ainda por sintonia espiritual com seus habitantes. Às

vezes, devidamente amparados e acompanhando equipes socorristas, estas, de abnegados mensageiros do Plano Maior, que conduzem estes encarnados como convidados para que também colaborem no atendimento aos necessitados, ali residentes, principalmente, doando sua energia vital, emanada da situação de ainda estarem na carne.

Allan Kardec, sempre arrimado por Espíritos bondosos e de grande progresso moral, estabeleceu, por simples metodologia pedagógica, três “Ordens de Espíritos”, considerados os caracteres gerais de perfeição: Espíritos puros, os intermediários e os imperfeitos¹⁵. Registrou também que, na verdade, “*são ilimitadas em número as ordens ou graus de perfeição dos Espíritos*”. Decorrente disso, talvez possamos supor que Kardec também estabeleceu, implicitamente – se nos permitem os leitores a comparação – as diversas faixas vibratórias da Espiritualidade onde cada Espírito, pelo seu grau de adiantamento moral, será automaticamente alocado, após a desencarnação.

Aliás, talvez nos seja permitido deduzir que, da multidão de Espíritos que constitui a humanidade – majoritariamente imperfeitos –, a maior parte é constituída de desencarnados, vivendo no plano espiritual, proporcionalmente, no umbral, desde Espíritos grosseiros a Espíritos medianos.

Ainda em termos de adiantamento espiritual, há Espíritos de tanta rudeza e cristalização no mal que nem no umbral estacionam, ficando chafurdados nos pântanos ou grotões do plano material, por vezes até sob a crosta terrena.

Temos assim, o umbral como uma segunda área de vida para os homens (após a desencarnação), desde zonas com alguma luminosidade até porções sombrias sendo que nestas a bênção do Sol inexistente, face barreiras mentais de rejeição erguidas pelos seus infelizes residentes.

¹⁵ “O Livro dos Espíritos”, Parte 2ª, Cap I, 96 a 99 - Nota do Médiun

Luz e sombra, pois, formam simultaneamente a paisagem umbralina.

Deve e precisa ser dito em alto e bom som que no umbral há movimentação permanente de Espíritos adiantados, os quais, quase sempre em caravanas, deixam a paz de onde se encontram e vão, quais bandeirantes da Caridade, nas zonas de sofrimento. Sabem esses missionários que os Espíritos pouco evoluídos não conseguem jamais ultrapassar a fronteira vibratória que delimita o território umbralino que lhes é afim; não ascendem aos planos iluminados, pois não teriam mesmo condições de ali estacionarem, sendo quais peixes fora d'água.

Já os Espíritos adiantados, esses podem descer às regiões menos felizes, o que fazem por caridade, eis que têm a capacidade de diminuir seu tônus vibratório. Muitos deles quando vão às regiões sombrias, a que nos referimos, despem-se do seu conteúdo luminoso, fazendo-se por vezes passar por um dos habitantes daqueles espaços. Isso fazem com a finalidade única de ajudar. Sempre ajudar. Não é raro, pois, que com esse procedimento, tomem conhecimento detalhado do que está sendo tramado, fato que é de fundamental valia para o auxílio incessante que é ofertado, em nome da Caridade de Jesus.

Tal socorro é diretriz divina: Deus, Pai Amoroso, jamais abandona nenhum dos Seus filhos, permitindo e mesmo incentivando àqueles que já usufruem da paz, ou da felicidade – relativa ou completa –, repassem-nas aos irmãos que vêm à retaguarda do progresso moral, em duras provas.

Os socorristas têm, pois, por meta, imitando o "Bom Pastor", salvar as "ovelhas desgarradas". Assim como Jesus exortou Simão Pedro a tornar-se "pescador de almas", vão esses abnegados protetores, voluntariamente, levar o bálsamo das clarezas evangélicas nas zonas purgatoriais, onde a dor impera.

Não desanimam nunca.

Qualquer que seja o resultado.

Esse é um dos mais lindos ângulos da Caridade: quando alguém abdica da luz e mergulha na sombra. Exatamente como Jesus tanto exemplificou.

Qualquer espírito, encarnado ou desencarnado, desde que seja voluntário e que para tanto esteja devidamente preparado moralmente, pode acompanhá-los.

• • •

Na “Seara dos Espíritos”¹⁶, o Espírito Jules, um dos seus residentes e responsável por um departamento assistencial, após terminar reunião que dirigira, atendeu Madeleine, que havia solicitado uma entrevista:

– Oh!, querida irmã Madeleine, que Jesus a abençoe.

– Jules, Jules... Deus seja louvado!

– Que abençoados ares a trouxeram desta vez à “Seara dos Espíritos? Imagino, se me permite adivinhá-lo, você, como sempre, vem ofertar trabalho em prol de irmãos necessitados.

– Na verdade, sim, só que desta vez é o coração de esposa e mãe que me impulsionou, pois Helmuth e Karl se envolveram em perigosíssima teia, tecida por ódio e vingança, como sabemos, fruto de longas desavenças.

Jules abraçou a servidora bondosa que, por incontáveis vezes, ali prestara a bênção do seu trabalho socorrista, aliviando Espíritos sofredores, desarvorados uns, dementados outros. Madeleine tinha alto conceito e muitos créditos junto aos dirigentes daquela benemérita Instituição espiritual.

¹⁶ Cidade espiritual, descrita no livro “O Prisma das Mil Faces”, do Espírito CLAUDINEI, psicografia do médium desta obra, 1994, Edit. FONTE VIVA/BH-MG - Nota do Médium

Lágrimas daqueles dois amigos eram luzes que lhes saíam dos olhos.

– Sim... sim... sabemos do envolvimento deles com forças negativas, terríveis... terríveis!

Levando um consolo inicial a Madeleine, adjuntou:

– Sua presença mostra bem a inexistência do acaso... Nossa reunião de há pouco tratava justamente desse caso...

– De Helmuth?! E de Karl?!

– Não apenas deles, mas de toda uma estranha movimentação que está ocorrendo em algumas áreas umbralinas, por sinal, áreas das mais tristes. Seu marido e seu filho, de forma invigilante, se deixaram envolver por comando hipnótico cruel e estão sendo tristemente manipulados.

– É sobre isso mesmo que queria conversar com você, meu caro Jules. Vim em busca de sua sempre ponderada orientação, mas meu coração grita alto que o socorro tem que ser imediato.

– É fato! Acumpliciaram-se, de sua iniciativa, com Espíritos desencarnados arraigados aos mais terríveis objetivos da imperfeição humana: descontar, em culpados ou inocentes, não importa, todos os sofrimentos por que passaram, nisso comprazendo-se. São dominadores, técnicos em hipnotismo e suas vítimas tornam-se, com facilidade, em dóceis servos, para execução de tarefas nada edificantes.

– O que podemos fazer para ajudá-los?

– Aquilo que Jesus ensinou, com repetidos exemplos: confiar em Deus e agirmos no Bem, em favor deles.

– Estou pronta para cumprir sua orientação, caso eu mereça a alegria de ser incluída na tarefa socorrista a Helmuth, Karl e seus tristes verdugos.

Penitenciou-se:

– Já devia tê-lo informado. Pedi permissão à direção da Colônia "A Paz de Maria", onde resido, para poder acompanhar e se possível participar do atendimento a Helmuth e Karl. Fui dispensada, podendo ficar aqui pelo tempo que for necessário.

– Graças a Deus! Não podemos perder nem um minuto. Devo acrescentar que temos recebido informações de outras Colônias Espirituais de que fatos estranhos estão mesmo ocorrendo, em determinada área. Fatos, aliás que, por se repetirem, já nos possibilitam uma primeira rápida conclusão: pequenos grupos de Espíritos que roubam a paz de incautos estão se ajuntando na formação de uma poderosa quadrilha.

– O que informaram as Colônias a que você se referiu?

– Ah, sim, como que submetidos a um comando único, Espíritos em tratamento, muitos já em franca recuperação, vêm desertando das respectivas enfermarias e nenhuma providência dos atendentes consegue impedi-los. Pela quantidade de vezes que isso está acontecendo, e sempre da mesma forma, pudemos detectar para onde vão e quem chefia essa perigosa manobra.

Madeleine ouvia Jules, algo aflita. Prosseguiu o atendente:

– Há pouco conhecemos o plano desse fantástico grupo. De início, pretendem arrasar a “H&H”, incentivando a deflagração de uma greve geral, seguida de grandes perturbações, se possível até com homicídios, o que causaria comoção de grande amplitude.

– Que o Mestre Jesus nos autorize levar entendimento evangélico a esse grupo.

– Diz bem, Madeleine. Falta-lhes, a todos esses infelizes irmãos, a luz do Evangelho do Cristo. Sabemos que nossa tarefa será árdua, mas empregaremos até o nosso último alento para tentar restabelecer o equilíbrio àqueles companheiros.

Finalizou a visita, convidando Madeleine:

– Isso inclui, nossos Helmuth e Karl, necessariamente. Dentro de três horas nos reuniremos com o grupo de socorro designado para essa missão. A reunião será no “Salão da Prece” para distribuir as tarefas, individuais e coletivas, que serão levadas a efeito tanto no umbral como no plano terreno. Por favor, venha à reunião. Sejam nossas as bênçãos de Jesus.

Abraçaram-se ternamente, com novas lágrimas banhando-lhes as faces.

7. OS CLARÕES E AS SOMBRAS

Quando Karl retornou à sua cidade, levou no espírito muitas dúvidas, perguntas sem resposta e um inexplicável sentimento de algo desconhecido, causando-lhe tremendo desconforto, com origem em declarado quanto invisível inimigo seu. Cássia, a esposa, percebeu de imediato que as coisas não iam bem com a futura filial e tratou logo de reforçar a intenção de beneficiar os amigos políticos.

– Meu bem, sei que há problemas lá na filial, mas penso que isso é natural. Nossa palavra foi dada e custe o que custar, a fábrica terá que ser inaugurada dentro do cronograma. Você confirma, não é mesmo?

– Hum... você não sabe... existem mistérios naquela obra...

– O que é isso?! Não existem mistérios para quem é poderoso. E nós somos o maior grupo industrial deste Estado, você se esqueceu disso?

– Não se trata de poder industrial...

– Então, do quê?

– Não sei. Na verdade, parece que as almas danadas se uniram para me prejudicar...

– Espere um pouco, amor: prejudicar você ou à “H&H”?

– Qual a diferença?

A mulher sentiu a falha e tentou consertá-la:

– Não se esqueça de que sou sua esposa. Tudo o que o atingir estará me atingindo diretamente. Estive, estou e sempre estarei com você. Agora me diga: que problemas são esses que estão na sua cabeça?

– Não estão na minha cabeça, estão na obra. Até fogo espontâneo já aconteceu por lá e antes do incêndio, os operários ouviram barulhos no almoxarifado que estava trancado por fora, sem ninguém no interior.

– Ora, ora, não me diga que você está acreditando em almas do outro mundo. Bobinho... Essas coisas só podem ser de alma deste mundo mesmo. Chamaram a Polícia?

– Claro. Foi a primeira providência do Mirênio. Mas ficou comprovado que realmente não havia ninguém dentro do almoxarifado. E mais, os bombeiros analisaram cuidadosamente o incêndio e emitiram um laudo técnico atestando que o fogo irrompeu de modo espontâneo. Só que tem uma coisa...

– E o que foi?

– O primeiro incêndio, de pequenas proporções, não poderia acontecer, primeiro porque era de madrugada, segundo porque a temperatura era baixa e terceiro, nenhum material comburente estava estocado lá, de forma a que incidentalmente se misturasse com outro para que, em reação, o fogo iniciasse. Já no segundo incêndio... era de dia, todos estavam trabalhando. O Mirênio, com o filho, Tom, e alguns empregados estavam lá no almoxarifado número dois, na hora que o fogo começou. Disseram todos que ouviram um estalo e logo o fogo se espalhou. Tiveram que abandonar o local, pois era grande o risco de explosões, que acabaram mesmo acontecendo. Vieram os bombeiros e mais tarde, após debelar o incêndio, consideraram a hipótese de uma faísca ter alcançado as tintas, mas ninguém soube explicar quem ou o que provocou essa faísca.

– Deixa prá lá, vamos ao que interessa. As obras estão dentro do cronograma?

– Mais ou menos. Tirei o Mirênio do comando, pois os operários não gostam dele e para pacificá-los, provisoriamente nomeei outro encarregado geral, um engenheiro que já trabalhava com eles.

– Espere um pouco. Será que... não foi o Mirênio que pôs o fogo? Você já observou como ele gosta de andar riscando fósforos, a esmo?

– Evidente que não foi nem o Mirênio, nem o Tom, pois alguns peões estavam com eles e testemunharam que também

ouviram o tal estalo. De qualquer forma, ele já não estará mais naquela obra.

– Meu bem, vamos preparar nossa viagem a Paris, que será mais ou menos rápida. Não podemos recusar o convite de expor nosso “Konkord” lá e será útil reconhecer o local daquela feira internacional, talvez a mais badalada de todo o mundo.

Nisso o telefone tocou. Karl atendeu.

Cássia assustou-se ao ver o marido empalidecer de repente, apenas ouvindo, sem pronunciar uma única palavra. Quando Karl desligou, ela também não disse nada. Apenas aguardou, com angustiada expectativa.

– A “H&H” está com um grande incêndio se alastrando... as brigadas de incêndio da fábrica não conseguiram dominar as chamas e os bombeiros ainda não chegaram.

– Meu Deus! Temos que ir até lá, agora mesmo!

– Vou sozinho. Vá até a escola e traga Angélica, pois logo essa notícia vai se espalhar e nossa filha pode sofrer algum trauma psicológico.

Voltou-se para Cássia e com os olhos arregalados balbuciou:

– Eu não disse?!... Eu não disse?!... Que havia mistérios?

– Bobagem. Não perca nem mais um minuto. Vá logo!

Antes mesmo de chegar à fábrica, Karl viu o grosso rolo de fumaça que subia ao céu. De pronto, identificou de onde saía, do pavilhão de pintura dos carros. Com o coração aos pulos, teve grande dificuldade em entrar, pois a polícia já estabelecera um cordão de isolamento.

Viu Mirênio correndo alucinado para lá e para cá, completamente sem controle. Alcançou-o:

– Mirênio, como é que isso foi acontecer?!

O gerente de RH estava com os olhos vidrados, em estado de choque. Não conseguia pronunciar sequer uma sílaba.

Descontrolando-se também, Karl esbofeteou-o.

O choque de ser agredido pelo patrão todo-poderoso agiu benéficamente sobre o cérebro de Mirênio e sua mente voltou a funcionar:

– Meu filho... estava lá... com sua filha...

– O quê?!!!

– Não tiveram aula e eu os trouxe para aqui...

– Imbecil, imbecil... com ordem de quem você trouxe minha filha para aqui?

– Ela e meu filho são amigos e me pediram para ver como é que os carros são pintados...

Karl aplicou-lhe um segundo safanão e saiu em disparada, indo diretamente em direção ao fogo. Mirênio seguiu-o, a distância, pois talvez pudesse agradá-lo, segundo pensava. Karl, sendo identificado pelos bombeiros, deles mereceu as devidas respostas, as possíveis naquele instante:

– Não sabemos como o fogo começou, estamos isolando as áreas adjacentes para evitar que o incêndio se alastre.

– Minha filha está lá! Minha filha está lá! Tenho que salvá-la!

O bombeiro gritou também:

– Faremos o possível, estamos fazendo o possível. O senhor não pode entrar lá, seria morte certa!

Sob impulso incontrolável, Karl pulou a corda e dirigiu-se em disparada rumo às chamas. Uma formidável explosão interrompeu sua corrida, pois o deslocamento do ar alcançou-o, de leve, mas o suficiente para arremessá-lo a vários metros do ponto em que estava quando foi surpreendido. Foi sua salvação. Ao ser atirado de encontro ao muro, este o protegeu dos destroços que literalmente choveram naquela área. Mas não impediu que um pedaço de viga metálica atingisse sua perna, que sofreu fratura exposta.

O mesmo bombeiro, que segundos antes dialogara com ele, foi atingido em cheio por um pedaço retorcido de lataria. Mirênio, que se mantivera algo afastado, desde que o patrão transpassara a corda de isolamento, nada sofreu.

Sentindo-se zozzo e perdendo a consciência, Karl ainda viu Mirênio que se aproximou, esbaforido. Vendo Karl com o ferimento grave, começou a chorar. Karl fechou os olhos lentamente. Mirênio acercou-se dele e sem ser ouvido, murmurou, em sentido pranto:

– Nossos filhos estão em segurança, assim que o fogo começou foram retirados do pavilhão da pintura. Acabei de vê-los com os bombeiros.

Tão logo as pálpebras cerraram Karl viu outro cenário: perambulando por ali, em meio a destroços fumegantes, estando ainda altas as chamas, dezenas de pessoas, mal-encaradas, todas mal vestidas e sem nenhuma dúvida de má índole. Aí, ouviu estentóricas gargalhadas. Sem acreditar nos olhos, viu seu pai ser puxado com truculência, como um cão danado, sendo arrastado à força por uma criatura meio-homem, meio-animal. Helmuth gritava, ensandecido:

– Angélica, minha neta! Tenho que salvá-la! Angélica! Angélica! Eu não sabia que ela estava por aqui. Vocês me traíram.

Karl assistiu covarde agressão ao pai, como represália às suas palavras. Não se contendo, também gritou, quase enlouquecendo:

– Minha filha... o que vocês fizeram com ela, seus miseráveis?

Esquecendo que estava com grave fratura na perna atirou-se sobre aquelas criaturas, esmurrando-as a esmo. Tentou alcançar ao pai e à medonha criatura que o trazia cativo por uma corda.

Até mesmo aqueles Espíritos embrutecidos temeram-no, por instantes. Tamanha era sua agressividade que se afastaram ligeiramente do seu alcance. Frente a frente com seu pai e “aquela coisa” que o subjugava, estentorou, ameaçador:

– Se Angélica se machucar vou matá-los!

Ouviu sonora e arrepiante gargalhada.

– Então o paizinho quer matar o paizão... Que lindo! Acho que vou chorar...

Era "Fogo Aceso", trazendo no olhar o tom inconfundível da demência absoluta, sob domínio total da crueldade.

– Quem é você, demônio do mal?

– Do bem é que um demônio não poderia ser... – respondeu irônica, com gargalhadas que eram a moldura da sua tela mental, sob trevas.

– Minha filha... onde está?

– Não interessa. Como você está faltando com a educação, precisa de uma lição de bons modos. Vamos arrumar sua perna machucadinha...

Estalou os dedos e o ser brutamontes deixou Helmuth, que saiu correndo, gritando pela neta. Karl foi atingido por um tremendo pontapé na perna e sentiu dor imensa, insuportável, pois se lembrou, instantaneamente, que fora atingido ali pela explosão.

"Fogo Aceso" encostou o rosto ao dele e advertiu:

– Seja bonzinho, fale bem educadinho com a "mamãe aqui" e será dispensado de novas lições, talvez mais "pedagógicas" que esta...

Embora aquele cenário fosse todo ele envolvido por grandes clarões, das chamas que se alastravam, nos corações dos responsáveis por aquela tragédia só havia sombras.

Deus extrai o Bem até mesmo do mal¹⁷: quando "F A" pronunciou a expressão "a mamãe aqui", em tom jocoso, fez com que Karl se lembrasse de sua mãe. Como a situação era-lhe de grande desespero, fez uma sincera prece mental, numa única palavra, carregada de Fé e Amor: Mamãe!

¹⁷ Em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Cap VIII, item 14, a propósito das palavras de Jesus *É necessário que escândalo venha (Mateus: 18-7)*, Allan Kardec comenta: "(...) Os homens se punem a si mesmos pelo contato de seus vícios. (...) É assim que **do mal tira Deus o bem** e que os próprios homens utilizam as coisas más ou as escórias". Nota do Médium, que grifou.

Madeleine socorreu-o.

Estava na fábrica, como participante de uma equipe espiritual socorrista designada por Jules para prestar auxílio àqueles que tivessem merecimento. Por sua intensa vibração conseguira que o filho, naquela fração de segundo, se posicionasse a salvo de danos físicos maiores que o sofrido na perna. Contudo, a perturbação mental de Karl, efervescendo de ódio e revolta contra o pai, cuja triste figura divisou quando desmaiou, impediu o prosseguimento do inigualável amparo maternal.

Mas, a despeito de todas as dificuldades, Madeleine não se arredou de perto do filho. Assim, pôde ajudá-lo, quando ele, com o coração pleno de amor filial invocou-a, no auge do sofrimento causado pelo suplício a que estava sendo submetido¹⁸.

Sem que "F A" sequer pudesse intentar um único gesto, viu um grande cilindro luminoso envolver sua presa e arrebatá-la aos ares, estacionando a média altura. O Espírito Karl, cujo perispírito ligava-se ao corpo físico pelo cordão prateado, ficou abrigado no interior daquele cilindro suspenso, por alguns instantes, recebendo transfusões fluídicas. Logo, retornou ao organismo material, que naquele momento, mesmo gravemente ferido, era um refúgio mil vezes mais seguro do que o ambiente onde o perispírito se encontrava, sob domínio da nefanda mulher que fazia do fogo dos seus olhos a infelicidade de tantas criaturas.

¹⁸ Embora a agressão acontecia no Plano Espiritual, o perispírito de Karl assimilou-a, causando a sensação de dor. Isso porque o perispírito é a sede das sensações, segundo Allan Kardec registrou, em "O Livro dos Espíritos" (questão nº 257) e em "O Livro dos Médiuns", 2ª Parte, Cap. I, item 54: "(...) O perispírito é o intermediário de todas as sensações que o Espírito recebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento". Nota do Médiun

Desconhecia aquela triste agente do mal que, cedo ou tarde, teria que resgatar todas aquelas tristes promissórias que há tempos vinha assinando, com aval da paz interior, no cartório da consciência, diante da imortalidade.

Gemendo muito, Karl identificou-se de pronto dentro de uma ambulância, em deslocamento, fato que a estridente sirene anunciava, além do médico que o massageava no peito.

– Graças a Deus! – exclamou Jeremias, o enfermeiro que auxiliava o médico.

– Minha filha... Angélica...

– Não se preocupe, doutor, ela e o colega não se feriram, só ficaram bastante assustados e já estão em casa.

– Graças a Deus! – exclamou agora o paciente, fechando os olhos, em suave torpor diante da paz que tal notícia lhe causou.

– Jesus! Será que ele...

– Não, Jeremias – disse o médico ao enfermeiro, esclarecendo aquela reação, ele está apenas em descontração, pois a notícia sobre a filha tranquilizou-o, afastando a grande tensão a que estava submetido.

– Mas parece que ele recobrou os sentidos por uns dez segundos apenas para ouvir a boa notícia sobre a filha.

Estava certo o enfermeiro. Quando Karl, submetido a torturas por "F A" e seu infeliz bando, orou com extremado fervor pedindo o amparo materno, sua fé abriu de imediato as portas da Espiritualidade Protetora. Sua mãe, com efeito, não o havia deixado um segundo sequer, mas até, então, como já dissemos, estava impossibilitada de ajudá-lo pela fixação mental negativa na qual o filho estava mergulhado, oriunda do ódio, com alevantados ímpetos de vingança contra o pai.

Contudo, a sublimidade da voz do coração, quando a criatura dirige-se à Bondade Infinita do Criador, mesmo que de forma indireta, como ali, é música alcandorada que reverbera em todo o universo. Mesmo que, o universo, no caso, seja apenas aquele espaço físico e psíquico no qual se movem Espíritos enredados nas

tramas de perdas e insondáveis noites de séculos sobre séculos, que o passado esconde.

O fulgor da fé é inigualável.

Karl, extraído da essência divina que todos trazemos desde nossa criação, um minúsculo ponto do “tamanho de um grão de mostarda”, propiciou que luz de muito maior fulgor fosse vista pelos Espíritos infelizes que o maltratavam.

Após saber a notícia sobre Angélica, pela segunda vez o envoltório cilíndrico, também extremamente luminoso abrigou-o, em Espírito, alçando voo, qual suave decolagem de um balão, levando-o para longe, muito longe.

Jules providenciou para que Karl ficasse amparado até ter alta do hospital. Assim, na ambulância, ia seu corpo físico para o hospital, abençoadamente ligado pelo cordão fluídico ao perispírito, este no envoltório cilíndrico espiritual.

Aquele foi o expediente usado pela equipe socorrista espiritual que, atenta, sob as ordens de Jules, ali estava estabelecida. Aliás, num veículo semelhante mesmo a um balão, pairando sobre as dependências fabris da “H&H”, muito antes do incêndio devastador, cuja probabilidade houvera sido prevista por aqueles missionários. Essa equipe, que preciosos atendimentos executava em tais sinistros, tinha se autodenominado “Águas Calmas”. Com efeito, sob o corpo daquele “balão”, havia três pingentes: a cesta, onde ficavam os Espíritos socorristas; o cilindro de abrigo emergencial a Espíritos e um reservatório de material fluídico mais ou menos condensado que, despejado sobre os incêndios maldosos, auxiliava sua extinção, anulando-lhes o componente de fluidificação negativa. Esse material, na verdade, era uma porção de água coletada nos reservatórios da “Seara dos Espíritos”, na qual eram acrescentados fluidos de vários Espíritos que impunham as mãos no recipiente do extintor, adicionando matéria astral concentrada, anticombustão.

Karl entrou em coma considerado “espontâneo” pelos médicos, mas, na verdade sob indução dos Protetores espirituais.

Com os sinais vitais mantidos por controle médico, foi operado, ficando por três dias na “UTI” – unidade de recuperação intensiva. Não corria risco de vida, mas mesmo assim os médicos julgaram prudente que ficasse na “UTI”, em observação. No terceiro dia após a cirurgia, retornou do coma.

Quando Karl foi socorrido espiritualmente, entre lágrimas de felicidade, Madeleine agradeceu a Jules e aos auxiliares a pronta intervenção, que salvara o filho dos tormentos que lhe estavam sendo infligidos.

– Oh! Jules, Deus lhe pague e aos seus amigos. Como estou grata a vocês! Só a eternidade será testemunha de quanto este coração materno agradece o amparo ao meu filho.

– Que é isso, minha irmã? Temos que agradecer a Jesus, pois sabemos que a bondade do Mestre jamais é negada àquele que está em aflição.

– Sim, sim, sei que Jesus é o Bom Pastor, mas foi por seu intermédio que Ele socorreu meu pobre Karl...

– Nossa participação é sempre pequena. É óbvio que Karl congrega méritos para ter sido socorrido, os quais nenhum de nós conhece, ou pode quantificar. O que sabemos é que a Divina Providência contabiliza méritos e débitos, com precisão absoluta, desde que o Espírito adentra no reino da razão. Mas, nossa tarefa não está concluída: Helmuth corre sério perigo.

– Não me esqueci dele. Agora que meu filho está amparado, penso abusar da sua bondade, pedindo-lhe que fôssemos buscar Helmuth, onde quer que esteja.

– Acompanhe-nos.

No telhado do pavilhão central da “H&H”, “Fogo Aceso” estava furiosa, absolutamente fora de controle.

– Seus pamonhas – gritava com os auxiliares –, como é que deixaram o “grande homem” fugir?

Os subordinados não se atreviam sequer a erguer os olhos, temendo as terríveis represálias que a cada fracasso lhes impunha a chefe, que vociferou:

– Ninguém diz nada?

– Eu digo!

Era Helmuth...

Sob o impacto do fogo, em paradoxal reação, voltou-lhe parte da consciência, até então subjugada pela demência. Mesmo subjugado pelo homem-animal, desabafou com grande destemor:

– Vocês vão arder no inferno, pelo fogo que puseram na minha fábrica.

Levou terrível safanão.

– Deixe “essa coisa” falar – ordenou “F A”.

– Isso mesmo... vocês podem fazer o que quiserem comigo, mas cedo ou tarde eu os destruirei. Não se esqueçam que nem a morte me venceu, pois vi meu corpo dismantelado pelos vermes e, no entanto, não sei por qual sortilégio, eis-me aqui.

– O discurso foi bonito. Aplausos para ele! – ironizou “F A”, estalando os dedos e acrescentando, com uma terrível gargalhada, que fez saltarem faíscas dos olhos. – Está na hora da aula.

Foi o suficiente: três Espíritos, com inaudita brutalidade, a título mais de agradar à chefe, para acalmá-la, arrastaram Helmuth para o telhado do pavilhão de tintas e atiraram-no no meio das chamas que ainda estrepitavam. O lancinante grito de Helmuth ecoou por toda a fábrica, chegando a ser ouvido por alguns poucos empregados, mesmo em meio ao terrível tumulto. Nenhum dos que ouviram puderam explicar de onde vinha, julgando que alguém estava preso nas chamas.

É que naquele ambiente de grande aflição, angústia e medo, havia grande liberação de fluidos por parte das pessoas, o que facilitou para algumas, altamente sensibilizadas naqueles momentos e a outras, médiuns audientes, inconscientes, ouvirem o grito de Helmuth.

Com as chamas crepitando e ameaçando alcançar outros pavilhões da fábrica, “F A” traçou um plano de ação para acabar com a “H&H”:

– Vocês – ordenou aos três auxiliares que haviam arremessado Helmuth ao fogo – fiquem aqui e não parem de azucrinar o “chefão”. Ele deverá permanecer neste pavilhão e só de vez em quando deixem ele sair, levando-o para perto de algum empregado que tenha condições de vê-lo. Tentem aproximá-lo dos empregados, até que seja visto por algum deles.

A tentativa junto aos encarnados seria para que localizassem alguém com a faculdade mediúnica da vidência, consciente ou inconscientemente.

Fazendo um sinal aos demais auxiliares, abandonaram o local.

O terror que invadiu Helmuth não o deixou perceber que, mesmo em meio às chamas, após a queda de grande altura, “continuava vivo”, sem fraturas, sem que o fogo o consumisse. A insuportável sensação de calor, contudo, levou-o ao paroxismo, submetendo-o a pânico extremo, voltando a implodir-lhe a razão.

A equipe socorrista “Águas Calmas”, que há pouco havia retirado Karl do jugo daqueles malfeitores do além, retornou agora para junto de Helmuth, sob ordem telepática de Jules. Os socorristas agiram prontamente, vendo o infeliz Espírito aos gritos, envolvido por furiosas chamas que, contudo, não o consumiam, um deles aproximou-se de dois bombeiros que dirigiam um forte jato d’água para as chamas. Concentrando-se, com elevada fé, ideoplasmou à frente dos dois valorosos soldados do fogo o quadro pungente, alguém envolto em chamas. Com efeito, sem que registrassem no consciente a terrível cena, os bombeiros dirigiram o jato para o ponto onde estava Helmuth, só que alterando o fluxo d’água, de jato, para uma nuvem aspersora. Nesse preciso momento, quando a água foi em direção a Helmuth, qual benfazeja chuva, o manobrista do singular balão das “Águas Calmas” acionou a abertura do recipiente contendo material antichamas, que se uniu à água dos bombeiros. Helmuth foi alcançado em cheio por aquela insólita, quanto abençoada chuva, que o isolou do inferno crepitante.

O ex-proprietário daquela grande indústria não entendeu como é que, de repente, desapareceu o fogo que o chamuscava. Saiu daquele local proferindo blasfêmias, desconhecendo por completo a bênção que o livrara de ainda maiores provações. Trôpego, xingando todos os céus, começou a perambular pela fábrica. Em meio ao grande tumulto, foi visto por dois empregados, os quais, por sua vez, entraram em grande descontrole:

– Gente, gente – gritavam, apavoradíssimos –, a alma do senhor Helmuth voltou e pôs fogo na fábrica!

Atendidos pelos médicos, foram sedados, atribuindo-se-lhes comportamento anormal pelas reações psíquicas contraditórias que o fogo sempre causa.

Muito depois, o incêndio foi completamente dominado.

Grande atraso foi contabilizado no cronograma de entrega de carros, pelo tempo que demandaria a reconstrução do pavilhão de pintura.

O seguro cobriria os prejuízos, até mesmo aqueles sob a rubrica de “lucros cessantes”. Mas, era inevitável, prejuízo muito maior estava por vir, tomando vulto nos dias seguintes.

Com efeito, vários fatores contribuiriam para que a “H&H”, uma semana após o incêndio, se visse mergulhada numa monumental crise, de proporções desastrosas incalculáveis. Nos dias subsequentes ao incêndio, os poucos empregados da segurança interna, que continuavam em seus postos, e mais alguns que auxiliavam os bombeiros a removerem os destroços causados pelo incêndio, passaram a ouvir estranhos ruídos na fábrica sempre à noite, e vinham do pavilhão incendiado. Segundo planejava “F A”, um dos “seguranças” viu Helmuth, completamente transtornado, no dia seguinte pediu demissão, não sem antes espalhar a notícia, que logo alcançou os que ficaram, deixando-os atemorizados.

Por dez dias os empregados vinham até a fábrica, mas não eram autorizados a entrar, até porque não poderiam mesmo fazer nada.

Quando o trabalho retornou, parcialmente prejudicado pelas obras no pavilhão de pintura, "F A" e seu bando também retornaram ao local. De dois em dois, foram os Espíritos malfeitores em cada setor, num trabalho intenso e ininterrupto, insuflar nos empregados a ideia de greve geral, aproveitando-se do clima emocional provocado pelo grande incêndio e pelos vários feridos, alguns com gravidade.

Não houve a menor dificuldade para que os Espíritos obsessores lograssem êxito, valendo-se da invigilância da maioria; durante uma semana, praticamente todos os operários foram "acessados", melhor, talvez, "contaminados".

De pasmar, "F A" e seus auxiliares não encontraram um único operário em preces, ou, ao menos, em vigilância moral.

Se os encarnados pudessem ver a intensa movimentação dos obsessores, cessariam de reclamar e exclamar que a fábrica estava parada. Na verdade, nunca houvera ali tamanha agitação.

A greve geral foi decretada.

A "H&H", na verdade, compreendia três unidades fabris, cada uma numa cidade: uma só para motores, outra para autopeças e a terceira, a montadora propriamente dita, no distrito industrial da capital. Nesta última, situava-se a sede, ali estando instalados todos os diretores e os vários departamentos técnicos: pessoal, compras, financeiro, fiscal, de publicidade e de vendas. O incêndio provocou paralisação da unidade central, a montadora, por uma semana e, em consequência, também as outras duas unidades foram parcialmente afetadas.

Valendo-se dessa parada, grupos de empregados descontentes, em contatos individuais com as lideranças dos operários, insuflaram a ideia de uma greve geral, por melhores salários e pela redução semanal da carga horária de trabalho. Estando a "H&H" paralisada, não foi difícil que tal ideia se propagasse, ganhando aprovação da maioria.

Quando o Corpo de Bombeiros terminou os exames periciais e encaminhou à Justiça o laudo técnico, ao qual foi anexado o

resultado das investigações policiais, paralelas, a fábrica recebeu autorização judicial para recuperar as dependências afetadas e reiniciar a produção de autos. Mas os operários, em atitude surpreendente, negaram-se a voltar aos seus postos, a menos que seus salários fossem aumentados.

Sem a presença de Karl para decidir as providências a serem tomadas, a fábrica continuou parada.

Mesmo hospitalizado, Karl acompanhava todos os acontecimentos na sua empresa, pois o noticiário era farto. Sua recuperação, que vinha se processando normalmente, com as notícias da greve geral ficou prejudicada, preocupando os médicos, pois o paciente, até então sob controle, manifestou grande agitação emocional. Deixou de alimentar-se, recusando-se inclusive a ingerir os medicamentos preconizados, logo apresentando febre e convulsões. Pior de tudo, passou a ter delírios, geralmente em meio às madrugadas:

– Socorro! Socorro! Foi essa quadrilha que pôs fogo na minha fábrica e agora quer me incendiar também. Socorro!

Tamanha era a preocupação de Karl, temendo a perda da fábrica e da fortuna, que impediu continuidade ao amparo espiritual que recebia.

Foi requerida participação psiquiátrica quando os delírios se repetiram e por causa, principalmente, dos ferimentos causados pela fratura na perna que começaram a apresentar sintomas preocupantes, atribuídos a estresse pós-operatório. O agravamento do quadro clínico de Karl foi debitado pelos médicos que o operaram ao seu comportamento rebelde, recusando alimentação e remédios, além de se locomover no apartamento, desobedecendo prescrições de repouso absoluto. Assim, tais crises fizeram com que fosse entregue a cuidados psiquiátricos, pelo que passaram a lhe ser administrados potentes sedativos.

Três semanas após o incêndio, Karl obrigou os médicos a darem-lhe alta hospitalar, sendo autorizado a ir para a residência, onde se comprometeu a guardar o receitado repouso absoluto.

Chegando em casa, determinou a Cássia:

- Chame toda a diretoria para uma reunião, após o almoço.
- Reunião, amor? Onde? Para quê?
- Aqui. Por favor, faça isso agora!

Cássia percebeu que não conseguiria impedi-lo. Nem tentou.

Quando os diretores chegaram e vieram juntos, o próprio Karl recepcionou-os. Notando-lhes no olhar, surpresa e medo, usou tal clima, aproveitando-o para seus objetivos:

- Parece que vieram para um velório...

Os olhares agora ficaram ainda mais tensos.

Criada tal atmosfera, Karl disparou:

– Quem quiser continuar no cargo, apresente-me, até amanhã, um plano para a retomada da produção.

Os homens entreolharam-se, desentendidos. Karl fulminou:

- Sem perguntas. Está terminada a reunião.

Esta, talvez, tenha sido uma das mais breves reuniões de diretoria de todos os tempos, em todas as empresas, de todo o mundo.

Tão logo os diretores se retiraram, Karl determinou que seu helicóptero viesse buscá-lo e foi assim que, amparado por uma enfermeira e em cadeira de rodas, equipada com um par de muletas, chegou à fábrica antes deles.

Quando desceu do helicóptero, sentiu um dos maiores desconfortos de sua vida, ao ver o triste cenário que dominava a sua empresa, com tanto abandono, tanta sujeira, tanta solidão – ninguém veio recepcioná-lo. Antes do desastre, quando ele chegava, todos os dias era acolhido como um herói que volta vitorioso de um grande combate. Mirênio, em particular, incumbia-se de providenciar sempre um séquito de pessoas para darem-lhe as boas-vindas, diárias.

Mesmo após tantos dias, o cheiro de queimado ainda estava impregnado em tudo por ali. Foi direto ao pavilhão de pintura, o único que mostrava movimento, pelos operários da construtora contratada para repará-lo.

Determinou à enfermeira que retornasse ao heliporto e que o aguardasse lá. Queria ficar sozinho. Aproximou-se do pavilhão danificado, para avaliar a extensão do desastre. Perambulou daqui para ali. A duras penas, ficou por quase uma hora naquele ambiente, o mesmo que há três semanas havia sediado o inferno, com todas as chamas possíveis.

Exausto, deu a volta no pavilhão, para dar uma olhada nos fundos do pavilhão. Vendo uma viga de aço, retorcida, em meio aos destroços, reconheceu-a, era aquela mesma que o atingira, após a explosão.

Apanhou as muletas, ergueu-se com dificuldade e tocou na viga. Ao lado, dezenas de tonéis carbonizados. Encostou-se num deles.

Assim que Karl chegara à "H&H", um dos dois auxiliares de "F A" que ali estavam estacionados, com o propósito de informá-la sobre qualquer novidade, deslocou-se rápido ao encontro da chefe.

Em menos de meia hora, a infeliz entidade espiritual adentrava, sozinha, no pavilhão de pintura. Num canto, Helmuth estava encolhido, vigiado por carcereiros a mando dela, os quais, ao vê-la, simplesmente ao vê-la, para agradá-la, aplicaram seguidos bofetões no prisioneiro. "F A" aprovou tal atitude. Perguntou a Helmuth:

– Então, grande chefe, vamos trabalhar?

– O que querem de mim, seus demônios?

– Hum... Não quer ver o chefinho?

– ?!

– Seu filho, boboca. Mais boboca que você...

– Onde está aquele infeliz, que me roubou a fábrica? Vou matá-lo.

"F A" determinou aos capangas que trouxessem Karl para dentro do pavilhão. Os Espíritos aproximaram-se de Karl e incutiram nele a ideia de adentrar no prédio. Sem dificuldade, obtiveram êxito.

“F A” tinha em mente um terrível desfecho para a contenda entre os Heinrich: provocar novo incêndio, dessa vez causando a morte de Karl. Chegaria ele ao plano espiritual tão perturbado e enfraquecido, com tanto ódio do pai, que com a maior facilidade seria escravizado. Seria mais um na extensa fieira de homens ricos cuja desencarnação ela abreviara, utilizando a própria usura deles, que quase sempre acabava por roubar-lhes a saúde.

Para dar início ao fogo, trazia um pacote, com estoque de substância extrafísica, capaz de funcionar como verdadeira escorva.

Algumas convulsões geológicas, por vezes, são inexplicáveis: terrenos que afundam, engolindo casas; trombas d’água que atingem apenas poucas residências; enchentes que levam de roldão apenas um prédio; ventos que derrubam muros sobre veículos ou pessoas; desbarrancamentos, causadores de mortes.

– Qual seria a causa?

Aos Espíritos da natureza¹⁹, nem sempre é possível dominar o tremendo potencial energético que se desprende de graves comportamentos humanos e desestabilizam áreas, pequenas ou grandes.

Desencontros psíquicos, de várias mentes engajadas em conquistas individuais, absolutamente antagônicas mas edificadas nos traiçoeiros patamares do crime, da ganância, do egoísmo, do orgulho, do ódio ou da vingança – todos eles – geram ondas de choque que se deslocam avassaladoras, a partir do epicentro e em várias direções radiais. E que só podem ser interrompidas quando colidem com algum sítio cuja emanção mental seja-lhes oposta, isto é, com grande equilíbrio astral reinante. Nesses sítios, que assim se transformam em potente anteparo a tais vagas destruidoras de tudo o que esteja na sua rota, via de regra, agrupam-se benfeitores desencarnados, encarregados do equilíbrio natural daquela região, zelando pelo bem-estar dos encarnados das proximidades a serem poupados de danos, disso merecedores.

¹⁹ Vide detalhes em “O Livro dos Espíritos”, questões 536 a 540. Nota do Médium

Fato similar aconteceu ali na "H&H", quando novamente pai e filho, conquanto em dimensões diferentes, fixado cada qual em deletério teor mental, foram colocados frente a frente. Sim, emitiam, simultaneamente, perniciosos pensamentos.

Agravante de tal quadro, de per si já bastante grave, o fato de "F A" e seus asseclas há tempos fermentarem poderosamente os dois, fazendo-lhes recrudescer a ideia de um destruir o outro. Também nas dependências da fábrica, invisíveis a olhos humanos, centenas de Espíritos desocupados tinham acantonado. Eram eles os Espíritos das várias quadrilhas que haviam se agrupado sob ordens de "F A". A instrução, para todos esses infelizes Espíritos, era uma só: perturbar o máximo possível, até que a fábrica falisse. Para tanto, não deveriam poupar um único operário, assoprando-lhes no ouvido, sem cessar, a ideia de queimar o resto da fábrica. Para convencerem os operários, os obsessores recitavam frases tais como: *"esta fábrica só dá lucro aos donos"; "quem trabalha aqui não terá dificuldade de arranjar outro emprego"; "mau patrão não merece perdão"; "nem com aumento do salário este é um bom lugar para se trabalhar, pois o diabo anda por aqui"*.

Assim, tremenda e negativa onda mental de choque se formou causando uma como que explosão na já abalada psicofera daquele ambiente.

Em Karl eclodiu, abrupta, a mediunidade de vidência, inscrita na sua bagagem carnal, desde o nascimento. Em várias oportunidades dos últimos tempos vinha tendo visões rápidas de vultos, de sombras, de luzes. Sistemáticamente, repelia esses sinais – verdadeiros telegramas da Espiritualidade, de advertência, para o despertar quanto à responsabilidade à sua frente.

Viu o pai.

Helmuth trazia as vestes rotas e chamuscadas, mas mesmo assim Karl reconheceu naqueles trapos imundos a sofisticada mortalha do pai.

Embora com a perna engessada, ergueu-se da cadeira de rodas, brandindo as muletas e praguejou:

– Por que saiu do inferno e veio pôr fogo na minha fábrica?

Helmuth, trôpego em razão de tantas e intermináveis agressões de que era vítima, reconheceu o filho e uma súbita onda de revolta e ódio conferiu-lhe forças para retrucar:

– Sua fábrica?! O que você fez para merecê-la?

Avançando para o filho, repetiu, alucinado:

– E o fogo? E o fogo?

Logo, ele mesmo respondeu, apontando para “F A”:

– Não fui eu, seu idiota! Foi ela! E com sua ajuda...

– O quê? Você está louco!

Nisso, Karl viu-a também: “F A”, cujas gargalhadas eram de enlouquecer qualquer um. Mantendo-se parcamente equilibrado, em uma perna só, quase caiu de susto ao ver aquela jovem, cujo olhar, fixando-se nele, deu-lhe a impressão de que dos olhos dela vieram brasas para os seus.

Neste momento, o pavilhão sofreu um abalo, como se sacudido por um terremoto, localizado apenas ali.

Karl viu uma bola de luz, linda, azul, com incrível velocidade, percorrer as paredes danificadas do prédio. Espíritos amigos, com Jules à frente e Madeleine entre eles, conseguiram dissolver o grande teor energético ali desprendido e acumulado por aqueles Espíritos em tão ímpia atitude, cada um a seu turno. No conglomerado mental negativo, estava incluída uma imensa colaboração dos encarnados, desde os diretores aos operários, todos descontentes com Karl.

Condensando fluidos de grande força magnética, os socorristas do além provocaram abrupto escoamento da perigosa matéria astral que envolvera toda a fábrica, de forma a dar a impressão – apenas aos desencarnados – de que estavam em meio a um terremoto.

Os Espíritos infelizes, apavorados, tentaram fugir.

“F A”, vendo os auxiliares se acovardarem, gritou, histérica:

– Ainda acerto contas com todos vocês... todos vocês...

Seu ódio agora era dirigido não apenas a Helmuth e Karl, também passou a odiar os companheiros de tão pequena fibra.

Karl não acreditava no que via, o vácuo que se formou sugou os Espíritos infelizes que estavam na “H&H”, funcionando como enorme aspirador, engolindo-os num formidável vórtice que os arremessou à desconhecida distância. “F A”, inclusive, foi catapultada para longe, com os demais Espíritos que tantos danos já haviam causado à fábrica.

Apenas Helmuth foi poupado pelo vórtice. Socorrido por dois padioleiros foi conduzido por eles a destino que Karl ignorava.

Os amigos da Espiritualidade Maior assim agiram, porque os operários, como que hipnotizados pelas ideias dos obsessores, estavam negligenciando o bem-estar das próprias famílias. Considerando que não deveriam tais familiares sofrer com a invigilância deles, houve a providencial intervenção espiritual.

Além disso, em torno de toda indústria de grande porte, como são as montadoras de automóveis, orbitam empresas menores, às dezenas, fornecendo-lhes componentes, os mais diversos. Por causa da greve geral na “H&H”, também essas fornecedoras estavam com vendas paralisadas, com estoques altos, o que em breve as obrigaria a dispensar empregados se em curto prazo aquela greve não findasse. E isso, acarretaria mais dificuldades a centenas de lares.

Preso de intenso medo por causa do terremoto, atônito com o que viu, ou que imaginou ter visto, segundo pensava, Karl deu-se conta de que a enfermeira, desobedecendo-o, gritava com ele, tentando ajudá-lo a retornar à cadeira de rodas:

– Senhor Karl, senhor Karl... vamos voltar para casa!

Recobrando o raciocínio pleno, perguntou, aflito:

– Você viu? Você viu?!

– O quê, senhor Karl? O quê?

Karl olhou em todo o pavilhão. Os homens encarregados dos reparos trabalhavam normalmente.

Tudo estava na maior calma.
Ninguém sentira o mais leve tremor de terra.

8. GANÂNCIA A DOMICÍLIO

Karl chegou em casa transtornado, falando coisas desconexas, tais como “terremotos na fábrica”, “bolas de luz rodopiando”, “o pai escravizado” etc. Cássia, ouvindo-o, passou a considerar a hipótese de afastá-lo do comando da “H&H”, por algum tempo, durante o qual ela própria o assumiria.

Por trás dessa ideia, estava “F A”, que percebendo que perdera Helmuth, como elemento de ligação com Karl, não desanimou de persegui-lo. Refletiu que a única forma de atingi-lo, seria utilizando sua esposa.

Vaidosa, Cássia não opôs qualquer resistência à perniciosa aproximação da inimiga de Karl, despercebendo que qualquer dano que o atingisse, necessariamente a atingiria também. Tal, a consequência do afastamento do Evangelho, opção da maioria das pessoas egoístas ou gananciosas, de forma inconsciente.

O Espírito obsessivo, altamente treinado em subjugar mentes enfraquecidas pela ganância, sugeriu a Cássia que ela era muito mais competente que o marido para gerir os negócios da “H&H”.

Nem precisou repetir a sugestão. Cássia assimilou a ideia. Propôs:

– Meu bem, por que você não tira umas férias, até sarar?

– Férias? Você enlouqueceu? Justamente agora que a “H&H” está com tantos problemas?

– Mas é justamente nisso que estive pensando, querido. Seu afastamento temporário seria uma excelente solução.

– Não estou entendendo. De que forma minha ausência poderia ser “excelente solução”? Além de não estar entendendo, também não estou gostando. Será que até dentro da minha casa “tem gente” contra mim?

Cássia fez-lhe uma carícia e sussurrou:

– Bobinho. Você sabe que eu só quero seu bem. E sabendo quanto você ama a “H&H”, quem não gostar desse amor, não gosta de você. A fábrica é nossa e o que pretendo é que ela cresça ainda mais. Essa greve já foi longe demais. Imaginei que com você ausente desta cidade, estarão esvaziadas todas as intrigas de tantos arruaceiros, até porque a mídia não estará nos incomodando, toda hora, como está acontecendo. Além disso e, inclusive, ninguém desconfiaria desta “nossa” intenção já que há parecer dos médicos aconselhando uma estada sua de uns quinze dias na praia, pois junto do mar a recuperação será muito maior.

Bastante dengosa, acrescentou:

– Vou com você e no dia seguinte retorno. Irei para a fábrica, onde passarei o dia todo, resolvendo todos os problemas, segundo orientação que pedirei a você. O que não puder ser resolvido, ou que seja prejudicial a nós, direi apenas que “não conheço tal assunto” deixando para você resolvê-lo.

Alicerçou seus argumentos:

– Não se esqueça de que estive com você em todas as reuniões junto aos nossos aliados na Europa e Estados Unidos. Sei exatamente o que você pensa e o que é melhor para a “H&H”. Assim, penso que estarei à altura de responder por você.

– De hoje para amanhã resolveremos isso.

No ar, ficava a dúvida do que a realidade decidiria.

No dia seguinte, três diretores visitaram Karl e entregaram-lhe o plano solicitado na véspera. Karl esperava um processo com análises comerciais e várias alternativas tendentes a pôr fim à greve. Bastante contrariado, recebeu apenas um simples parecer, assinado por todos os diretores presentes no país, declarando: “Somos de opinião que a “H&H” deve atender aos empregados, entre os quais nos incluímos”. Os diretores que se encontravam no exterior, contatados, declararam concordância com os colegas.

Karl olhou com ódio os emissários. Foi taxativo:

– Isso é um pedido de demissão?

Ante a impassividade dos homens, respondeu ele próprio:

– Aceito! Estão todos demitidos!

Os homens empalideceram. Esperavam contrapropostas, alguma ajeitação, conciliações, margens menores de reajustes salariais, até reprimendas. Mas demissão, jamais. E ainda por cima, coletiva, de toda a diretoria.

Na hora, um deles reconsiderou:

– Estou satisfeito com meu salário – e começou a chorar.

Outro repetiu o gesto. Recuou:

– Eu também.

O terceiro diretor olhou com desprezo aos dois colegas acovardados e retirou-se. Mas teria decepção maior: apenas dois outros diretores, mesmo assim titubeantes, posicionaram-se solidários com ele. Todos os outros correram à residência de Karl, hipotecando-lhe dedicação e fidelidade eternas.

Estocada final na diretoria da “H&H” seria desferida naquela mesma tarde, quando, no julgamento da greve, no Tribunal Regional do Trabalho, houve acordo entre as partes, sendo concedido aumento salarial, menor do que o pleiteado, sem redução das horas trabalhadas. Como a partir daí a greve seria considerada ilegal, os operários retornaram no dia seguinte ao trabalho. Todos receando demissão.

A “H&H” requereu e obteve deferimento, no sentido de que os percentuais de elevação no custeio da fabricação e montagem dos automóveis, decorrente da decisão trabalhista, fossem repassados para o preço de venda.

A dúvida de Karl, do que fazer, deu seu último suspiro quando ele recepcionou em sua casa um grupo de trabalhadores, que foram desejar-lhe “saúde”. Num golpe bem urdido, a fim de captar a simpatia deles, prometeu-lhes compensar, com horas extras, a todos os grevistas, os descontos autorizados pela Justiça dos dias não trabalhados. Dessa forma, a produção recuperaria o atraso e ninguém sofreria diminuição salarial nos contracheques.

E assim, dentro de poucos dias, a “H&H” voltou à produção, já que o pavilhão de pintura havia sido rapidamente reconstruído.

"F A" perdia mais um "round" na sua obsessiva luta contra Karl.

Com a esposa e a filha, o presidente da "H&H" decidiu passar o fim de semana prolongado na praia, valendo-se de um feriado na sexta-feira.

Tom, dezoito anos de idade, filho de Mirênio, acompanhou-os, pois Angélica insistiu na sua companhia.

À noite, faltou luz por alguns minutos. Os quatro estavam reunidos na ampla frente da mansão situada na orla, apreciando a paisagem noturna, ouvindo o barulho das ondas que se esparramavam na praia, formando alva espuma, onde o luar se refletia. A conversa ia solta e descompromissada quando Angélica pediu ao amigo e colega escolar de vários anos:

– Tom, conta para o papai aquelas coisas...

Assustado, ante o inesperado convite, Tom disfarçou:

– É tudo bobagem, só brincadeira...

Karl nem sequer interessou-se em saber do que se tratava. Seus pensamentos estavam inteiramente voltados para a retomada da produção da "H&H". Cássia, porém, a bordo da quase sempre infalível sensibilidade feminina, pressentiu algo. Disfarçou a curiosidade, mas sugeriu, brincando:

– Segredos? Podemos saber quais são?

Agiu de caso pensado, intimamente, captando que alguma coisa importante os jovens sabiam, decidiu testá-los, fazendo as perguntas e prestando o máximo de atenção à reação de ambos. Não se equivocou. Tom não conseguiu disfarçar um enorme constrangimento.

Nesse ponto, vendo a esposa assumir a *tal postura de submissão das leas*, que ficam bem abaixadas quando prestes a atacarem a presa, Karl também intuiu que havia mesmo alguma coisa a ser revelada. De longe, conhecia aquela reação de Cássia, quando algo despertava o interesse da sua mulher.

De repente, em menos de dois minutos, o ar ficou pesado.

As luzes acenderam-se, com o retorno da energia elétrica.

Cássia, com os sensores psíquicos todos em alerta, agindo como se estivesse desligada da realidade, artista da dissimulação que era, agora tinha certeza que Angélica e Tom referiam-se a algum mistério ligado à "H&H". E como a fábrica, nos últimos tempos, só vinha enfrentando problemas, felizmente resolvidos, ou com solução encaminhada, tal mistério talvez explicasse qual a origem de tantos dissabores. Lembrou-se, inclusive, que Angélica e Tom estavam no pavilhão de pintura de autos quando o incêndio irrompeu. Teriam visto algo? Saberiam quem foi o responsável, se é que aquilo foi provocado?

Espantosa é a percepção da mulher quando concentra suas forças mentais num objetivo específico, seja de que natureza for. Cássia, com efeito, há muito vinha refletindo, sem pisar um único instante na fábrica, que nela estavam acontecendo fatos anormais, de origem misteriosa.

E acontecimentos não faltaram como o grande incêndio, cuja causa nem os bombeiros conseguiram explicar; após o incêndio, segundo a polícia apurou, os seguranças noturnos tinham ouvido gritos lá no pavilhão de pintura, onde não havia ninguém; houve operário que afirmou ter visto a alma do "doutor" Helmuth perambulando por lá; Karl, há dias, quando lá esteve, sozinho, antes das atividades fabris serem retomadas, disse que houve um terremoto só no pavilhão de pintura, viu "bolas de luz", viu o pai, viu Espíritos.

Cássia aproximou-se de Tom, descansou carinhosamente o braço nos ombros do jovem e quase encostando rosto no rosto, disparou um primeiro torpedo psicológico, para enredá-lo:

– Tom, nós gostamos muito de você. Você sabe disso, não é mesmo? Tanto que o trouxemos conosco.

– Sim, dona Cássia.

Amedrontado e absolutamente envolvido pela mulher, que tirou proveito da situação, que ela mesma forjara, Tom, "sendo lembrado" de que era gratuita a luxuosa hospedagem que lhe

estava sendo ofertada, não se livrou da patética figura do pobre que se torna refém da atenção de um rico.

– Vocês bem que deveriam – incentivou os jovens – aproveitar que a luz retornou e dar um passeio pela praia, mas sem se afastarem muito.

Tom imaginou ter ouvido sinos celestiais, anunciando sua liberdade da perigosa situação a que a indiscrição de Angélica o havia arremessado.

Nisso, o telefone tocou. Angélica foi atender e sinalizou que era uma amiga. Num gesto felino, aproveitando a inesperada oportunidade, Cássia delicadamente induziu Tom a acompanhá-la até o mar, “só para molhar os pés”.

– Depois, vocês irão passear...

Sem suspeitar de nada, Tom aquiesceu. Karl ficou apenas observando.

Quando as espumas lhes acariciavam os pés, tendo certeza absoluta de que ninguém os ouvia, Cássia disparou o segundo torpedo:

– Então? Se você gosta de nós e confia em mim, conte qual o segredo que a Angélica sabe.

Arrematou, “genialmente”, com um terceiro míssil psíquico:

– Se você não contar, minha filha nos contará. Nunca guardou segredo nem para o pai, nem para mim. Contudo, prefiro ouvi-lo de você. E esteja certo de uma coisa, serei sempre sua aliada, não se esqueça disso!

Não houve como resistir. Tom falou, bem baixinho, como se até do mar quisesse ocultar o que dizia:

– Eu tenho um problema... Ninguém pode saber... Angélica descobriu lá no pavilhão da pintura...

Cássia, com maestria, disfarçou a aceleração cardíaca que súbito a assaltou. Aguardou o resto, passando lentamente os pés nas espumas.

– Eu... eu... – gaguejou Tom – imagino que ponho fogo nas coisas.

– O quê?! Você?! Como?

Tom começou a chorar.

Cássia, prudente, para conhecer toda a verdade, afastou-se das vistas do marido e da filha. Acalmou Tom. Maternal, convidou-o a desabafar, contando-lhe todos os detalhes. O jovem, não conseguindo mais conter no peito a angústia que a cada dia mais o atormentava, viu em Cássia a boia salvadora para livrá-lo do naufrágio íntimo que havia afogado sua paz:

– Minha vida tem sido um terrível drama, a ponto que já pensei até em me matar. Há menos de um ano, por várias vezes, com minha participação indireta, vêm irrompendo incêndios espontâneos.

Cássia estava apavorada. Jamais ouvira algo semelhante. Tom seguiu:

– Não consigo explicar, mas tenho brigado muito com meus pais. E toda vez que isso acontece alguma coisa pega fogo.

Cássia não conseguia ordenar as ideias. O jovem prosseguiu:

– Sei que é por minha causa porque uma vez sonhei que uma mulher, que eu nunca vi, mas que me conhece, disse-me, no sonho, que nós dois, juntos, iríamos incendiar a firma onde meu pai trabalha.

– A “H&H”? Que mulher é essa?

– Na sua fábrica, sim. Da mulher só sei que tem fogo nos olhos, ou pelo menos, parece que os olhos estão em brasas...

– Santo Deus! Explique-me como aconteceram... os incêndios... que você “indiretamente” provocou.

– O primeiro, lá na construção da nova fábrica, porque meu pai, para agradar ao doutor Karl, apresentou-se como voluntário para ir supervisionar a obra. Lá em casa a briga foi feia, pois eu e a mamãe nos negamos a acompanhá-lo. Aí, ele foi sozinho. Mas, ainda para agradar ao patrão, desculpe, ao senhor Karl, exigia que eu e mamãe fôssemos visitá-lo, ao invés de ele vir a nossa casa. Sem a menor vontade de ir até lá, concordei em acompanhar mamãe, inclusive para não deixá-la viajar sozinha. Fomos na sexta-

feira, depois do almoço, com retorno previsto para domingo de manhã. Assim que chegamos, papai levou-nos a visitar a obra e quando entrei no almoxarifado, só de raiva, desejei ardentemente ver todos aqueles materiais quebrados, bagunçados.

– E o que aconteceu?

– No dia seguinte, papai estava apavorado, pois misteriosamente muitos materiais tinham sido inutilizados e um pequeno incêndio pôde ser apagado, antes de se propagar, graças a um cachorro que deu o alarme.

– Mas... e o grande incêndio, aquele que espantou os operários?

– Pois é, no fim de semana seguinte, papai novamente forçou nova visita nossa. E eu tinha o “maior programa” com uns amigos.

– Vocês foram?

– Mamãe obrigou-me a acompanhá-la, pois papai ameaçou de não mandar dinheiro. Ela teria que ir buscá-lo. Tivemos que ir. Fiquei furioso com papai e quando eu visitei as obras, entrei no almoxarifado e veio-me à lembrança daquela mulher do sonho.

– E daí?

– Sei que errei, mas dessa vez não quis ver coisas quebradas, e, sim, que aquilo tudo pegasse fogo.

– Mas me diga uma coisa, com toda sinceridade, não escondendo nada: você fez alguma coisa, deixou alguma peça acesa, uma vela talvez, para de alguma forma provocar o incêndio?

– Não, senhora, juro que não! Fiquei com mamãe e papai no hotel, inclusive fui dormir mais cedo. No meio da noite acordei, assustado, pois estava tendo um terrível pesadelo.

– Qual?

– Sonhava que estava lá no almoxarifado, com aquela mulher e muitas outras pessoas, todas maldosas. No sonho, a mulher dos olhos acesos pegou na minha mão e mandou que eu a pusesse sobre uma lata de tinta. Em pouco tempo vi uma pequenina chama sair da minha mão e o fogo começou. Aí, acordei

assustado. Poucos minutos depois, bateram à porta do nosso apartamento, lá no hotel, avisando que a obra estava pegando fogo. Papai foi até lá e quando voltou, veio arrasado, pois o fogo consumira quase tudo. E como a senhora sabe, o laudo dos bombeiros disse que o fogo foi espontâneo... e também inexplicável, pois estava fazendo frio e não foi encontrado o menor indício de que houvesse sido criminoso.

– Ora, Tom, então é isso? Bobinho, ninguém põe fogo nas coisas por sonho... são fantasias da sua cabeça.

– Mas como a senhora explica o incêndio no pavilhão de pintura?

Cássia não deu a menor importância para a aflição de Tom. Brincou:

– Na hora em que o fogo começou, você não estava sonhando... ou estava?

– Como poderia estar sonhando se era dia e a Angélica estava comigo e viu tudo?

Pela primeira vez, Cássia vacilou. O diálogo, no mesmo instante, atingiu ponto máximo de ebulição nas suas ideias. Sem conseguir impedir o tremor que dela apossou-se, “quase implorou”:

– Explique-me o que aconteceu...

– Novamente eu estava zangado com papai. Quando ele soube, naquele dia, que não haveria aula, obrigou-me a ir à fábrica, pois há tempos ele queria me forçar a arranjar um emprego lá... Meus colegas ficaram na escola jogando futebol, e eu sou justamente o capitão do time... A senhora imagina minha raiva? Para tentar agradar ao doutor Karl, meu pai convidou Angélica a nos acompanhar, ofertando-lhe uma carona. Fiquei mais irritado quando ele murmurou no meu ouvido: “Quando o pessoal nos ver chegando com a filha do dono, vão nos respeitar mais. E o seu emprego estará garantido, pois vamos desfilar com Angélica ao nosso lado e dificilmente algum diretor vai se negar a empregá-lo”.

Disfarçando a grande raiva que agora passou a nutrir por Mirênio, Cássia incentivou Tom a continuar a fantástica narrativa:

– Ora, Tom, não seja tão severo. Seu pai só queria o bem do filho.

– Mas não é assim que se vence na vida, dona Cássia, usando os outros como trampolim.

– Mas, voltemos ao fogo: o que aconteceu?

– Não sei se a senhora vai acreditar.

– Vou, sim. Você é um bom rapaz e jamais teria coragem de mentir para mim, quem tanto o admira e estima.

– Eu estava fervendo de raiva do meu pai e quando vi toda aquela enorme movimentação no pavilhão de pintura, lembrei-me do sonho... aí... pensei outra vez naquela mulher esquisita. Pensei tão firmemente que quase não percebi que havia colocado a mão num tambor de tinta, como fizera no sonho relativo ao almoxarifado da obra.

– Não vai me dizer que saiu fogo da sua mão...

– Eu desejei, com veemência, que tudo aquilo pegasse fogo. Quase desmaiei quando percebi que onde eu encostei a mão... o tambor começou a esquentar muito e depressa...

– Viu algum fogo?

– Não. Mas alguma coisa me dizia que logo ia acontecer um incêndio ali. Peguei Angélica e retirei-a rapidamente do pavilhão. Foi nossa sorte. O fogo logo surgiu, um fogaréu, justamente onde nós estávamos e por pouco nós dois nos salvamos, já que aquele tambor explodiu...

– Ora, ora, Tom. Você não teve culpa de nada. Tudo não passou mesmo de fantasia da sua mente.

– Mãe, a senhora está enganada... foi do jeito que ele contou – confirmou Angélica, que terminado o telefonema dirigiu-se à praia procurando-os e ao alcançá-los, sem ser notada, ouviu a parte final do diálogo.

– Filha, você estava nos ouvindo?

– Não, estava procurando-os. Mas ouvi, sim, parte do que diziam.

– Essa história é muito fantástica, minha filha, não dá para ser verdade. Quem acreditaria numa coisa dessas?

– Não se trata de fantasia, mamãe. A senhora se lembra de que naquele dia eu fiquei com a palma da mão queimada? Sabe onde me queimei? Foi no tambor, quando o Tom me disse que estava se sentindo mal e que tinha a impressão que a mão dele estava pegando fogo, por dentro.

Não houve mais condições de nenhum passeio na praia.

Retornaram a casa e Cássia narrou tudo ao marido, na presença de Tom e Angélica, que apenas confirmaram.

No dia seguinte, bem cedinho, embora o dia estivesse esplêndido, para qualquer atividade, em particular para as delícias reconfortadoras de uma praia, Karl decidiu que retornariam, perdendo, assim, dois dias de folga junto ao mar.

A primeira providência de Karl, logo pela manhã da segunda-feira, foi despedir Mirênio, sumariamente, indenizando-o com todos os direitos trabalhistas. Foram dadas ordens severas para que o ex-gerente de RH sequer pudesse circular pela fábrica, devendo ser escoltado pela segurança até sair da “H&H”, onde, jamais, deveria pôr os pés.

Mirênio, em estado de choque, quis falar com o senhor Karl, mas a secretária não permitiu. Num lance arrojado, que o desespero comandou, o demitido invadiu a sala do presidente, abrupta e inesperadamente, burlando pequena desatenção da segurança. Karl sequer levantou os olhos da leitura que fazia. A experiência ensinara-o que tais cenas são inevitáveis naquelas circunstâncias.

Mirênio ajoelhou-se no meio da sala e implorou:

– Doutor Karl, por quê? Por quê? Por favor, não me mande embora! Amo meu emprego, amo a “H&H”, amo os diretores, amo os empregados... amo o senhor, mais que todo mundo!

– Que bom, tanto amor.

Karl, quando conheceu de que forma incrível a sua “H&H” fora tão prejudicada, devotou surdo ódio a Mirênio. Na mente,

algemou a inteligência com intolerância absoluta, construiu um muro de cinco metros de altura à volta da razão, de forma a impedir qualquer complacência para com o agora "famigerado gerente". Dessa forma e nesse patamar mental, apenas fez um gesto para o segurança, que bastante atrapalhado ante sua falha, sentia-se responsável por aquela cena, "ridícula cena", como ele próprio a sentia.

Embora muda, a ordem que o gesto significava era: "enxote-o".

O segurança teve que arrastar Mirênio que, aos gritos e com pungentes lamentos, ofertava triste espetáculo de subserviência e de ausência integral de dignidade profissional.

Do lado de fora da fábrica, quem pudesse ver no plano espiritual, denso, veria "F A" exultante, pois entre ela e Mirênio houvera grande paixão no passado, que se findou quando ele a abandonou, sem qualquer explicação, e pior, por outra paixão, não menos ilusória, passageira, pois. A grande humilhação que sofrera bem que equivalia àquela agora experimentada pelo ex-amante. O passado entre ambos se constituía em testemunha do presente, e mais que isso, ante o enganoso sentimento de vitória que a vingança lhe ofertava, constituía pavimentação áspera para seus passos, no futuro.

Os seguidos erros de Mirênio, inclusive os atuais – bajulação e hipocrisia –, tinham-lhe anesthesiado o bom senso, e pior que isso, decretado a falência da moral. Pequena dose de ética condenaria a razão do seu proceder, que era garantir o emprego.

O desemprego é sempre munição de alto teor para permanentes desavenças familiares. Com assessoria invisível.

Tanto que Mirênio, ao chegar a casa, na companhia de "F A", ponderou com alguma calma todos os últimos acontecimentos, chegando à conclusão de que Tom estava por trás da sua demissão.

Chamou o filho.

Ameaçando-o rudemente, extraiu dele a confissão do que se passara no agourado passeio à praia na casa do senhor Karl.

Esbofeteou-o várias vezes.

“F A” encheu-se de ódio por Mirênio, não era isso que queria. Pela primeira vez, em séculos, sentiu dó... de Tom. Em represália a Mirênio, agiu da forma como sabia, fogo.

Mirênio interrompeu a brutal agressão quando sentiu um cheiro forte, vindo do quarto do casal. Assustado, viu fumaça saindo pela porta. Acorreu e, com grande esforço, conseguiu apagar o incêndio que irrompera dentro do armário, queimando toda a roupa de cama, vários cobertores. O próprio armário ficou inutilizado pelo fogo. Nilce, que tinha ido à padaria, ao retornar acudiu o filho, em estado de choque, e a seguir ajudou Mirênio a apagar o fogo.

• • •

Evaldo foi convocado por Karl para uma reunião de emergência, tendo sido buscado de helicóptero. Chegando à “H&H”, foi cientificado por Karl de todo o mistério dos incêndios, inclusive a demissão de Mirênio.

Karl mandara buscar Evaldo, com máxima urgência, pois lembrava-se da conversa que tivera com ele quando houve o grande incêndio na construção da fábrica de ônibus e caminhões da “H&H”. À época, Evaldo tinha dito categoricamente a mesma coisa que Tom havia confessado. Inclusive, nesse período de tempo, Evaldo se mostrara ótimo administrador de obra de grande porte, pois o cronograma havia se atualizado e não houvera qualquer problema desde que assumira o cargo, a título precário. Cargo no qual, pelos bons resultados, tinha sido oficializado, a pedido de Karl junto à direção da construtora encarregada da obra.

Karl solicitou melhores explicações “quanto àquela história de Espíritos perturbadores”. E Evaldo, intimamente convicto de que estava diante de um profundo e grave processo obsessivo, não titubeou e foi firme:

– Dr. Karl, adianto ao senhor que, refletindo sobre tudo o que aconteceu aqui, como espírita que sou, tenho a forte impressão de ter sido ação espiritual negativa, não apenas de Espíritos desencarnados, mas também de encarnados.

Evaldo, espírita há vários anos, médium de consideráveis recursos intuitivos, muito dedicado ao estudo do Espiritismo, participava em sua cidade de um grupo mediúnico dedicado às reuniões de desobsessão, ao lado de outros onze médiuns. Naquelas reuniões, nas quais não havia público assistente, aqueles abnegados tarefeiros recepcionavam visitantes espirituais, em estado de grande desequilíbrio psíquico e penúria moral. Tais Espíritos, trazidos bondosamente por Socorristas Espirituais, ali recebiam conselhos sobre o Evangelho de Jesus, quase sempre sobre as bênçãos do perdão, pois a maioria era formada de entidades fixadas em vingança. Vingança contra encarnados, aos quais se imantavam, em dolorosos processos de acoplamento mental, de difícilíssima disjunção. Muitos desses obsessores agiam conscientemente, mas também não eram poucos que o faziam de forma inconsciente, sob comando hipnótico de algum líder escravizador, também desencarnado. Tal como “F A”.

Karl convidou:

– Gostaria de receber sua visita hoje à noite, em casa, para que possamos conversar melhor. Inclusive, gostaria que minha mulher ouvisse todas essas coisas que você me falou sobre os tais “Espíritos perturbadores”.

– Com todo prazer, doutor Karl, à noite irei à sua casa.

O diagnóstico espiritual de Evaldo estava correto, quanto à causa de todas aquelas tormentosos acontecimentos que haviam atingido a “H&H”.

Conforme havia prometido, após o jantar Evaldo visitou o casal Karl e Cássia. Mas não estava só, com ele, assessorando-o mentalmente, estavam Jules e Madeleine. Após ser apresentado a Cássia e Angélica, esta que fez questão de assistir às explicações que seriam dadas, Evaldo discorreu:

– O Espiritismo comprova que os encarnados dificilmente estão sozinhos em suas atividades diárias e em suas decisões. Isso porque temos várias vidas e nelas vamos acumulando amizades e inimizades, méritos e débitos. Aqueles que estão no plano espiritual, equivocadamente supostos mortos, na verdade têm até mais desenvoltura de ações do que os que permanecem nos laços carnis, isto é, nós, os encarnados.

Karl não se conteve e interrompeu:

– Você está nos dizendo que os mortos saem do túmulo e vêm participar da vida dos vivos?

– Não estou dizendo que saem do túmulo. O que vai para o cemitério são os despojos carnis, que logo se decompõem, mas o Espírito que se serviu desse corpo, dando-lhe vida, na desencarnação abandona-o automaticamente e vai para outro plano, outra dimensão. Ali será situado, pelas Leis Divinas, segundo sua evolução moral, determinante absoluta das companhias que irá encontrar e com as quais terá de conviver.

– Mas... é sempre assim? – indagou Cássia, tímida.

– Geralmente. Contudo, há casos em que o Espírito é tão apegado à matéria que de forma inconsciente, mas por causa desse apego, não se desliga dos seus restos mortais, aqueles mesmos que um dia lhe serviram de moradia espiritual. Aí, então, sofrerá bastante, pois além de testemunhar a decomposição cadavérica, enche-se de revolta e de frustrações, já que não conseguirá entender os amargos quadros de horror que estará, mentalmente, vivenciando.

– Cruz credo! Não quero nem pensar – exclamou Cássia.

– Não posso assegurar-lhes nada, mas algo me diz que seu pai passou por essa amarga experiência.

– Como assim? Você está dizendo que meu pai não saiu do cemitério?

– Mais ou menos. Pressinto que seu pai foi vítima do arraigado amor que tinha pela fortuna, pela mordomia, pelo poder, proporcionados pelos muitos bens materiais e quando a desencarnação convocou-o à mudança de vida, quis duelar com ela.

– Mas, então – assustou-se Angélica –, a morte não existe? Meus avós, por exemplo, estão... vivos?

– Morte é um conceito humano, para uma natural mudança de estado vital. Quando com corpo, o Espírito fica sediado no plano material, este no qual ora nos encontramos; quando desencarna, mantém a individualidade, integralmente, passando apenas a conviver no plano espiritual, onde agora estão seus avós.

Ouvindo isso, Angélica emocionou-se:

– Tenho tantas saudades deles...

Madeleine, ao seu lado, enlaçou-a com indizível ternura.

Suaves lágrimas testemunharam que a neta registrou o carinho, conquanto de forma inconsciente. Evaldo prosseguiu:

– Se o que penso aconteceu mesmo com o senhor Helmuth, ele que detinha tanto poder quando encarnado, isso se deve ao fato da não aceitação dos desígnios divinos. Nessas condições, aqueles que assim agem, imaginam que podem reverter a realidade, como faziam sempre no mundo dos negócios, mas cedo perceberão que na verdade estão mergulhando num pântano, criado por eles mesmos... não raro, são agredidos brutalmente por outros Espíritos que também perambulam nas adjacências, em condições similares. Dessa forma, aquilo que já era grave, fica ainda mais agravado.

Evaldo fechou os olhos lentamente e acrescentou, intuído por Jules:

– Porém, nessas circunstâncias, a Bondade do Pai mais se manifesta, pois socorristas espirituais rodeiam esses infelizes e tentam, de todas as maneiras, explicar-lhes o que está acontecendo. Seu trabalho é tremendamente dificultado pela falta de raciocínio dos socorridos, eis que, nessa situação a que de modo

voluntário se entregaram, a lucidez e o entendimento logo abandonam quem elege a revolta e o ódio como companhias ideais.

Karl foi objetivo:

– O que podemos... ou melhor, o que você pode fazer para nos ajudar, isto é, ajudar à "H&H"?

– Eu, pouco. Jesus, tudo!

A família desentendeu. Evaldo elucidou:

– Como disse há pouco, quando o filho está em dificuldades, os bons pais sempre estarão querendo ampará-lo. Como Deus é a Suprema Bondade e nosso Pai, sempre está nos auxiliando, protegendo, mesmo que ignoremos esse extremado amor. Só é preciso que o coração do filho aceite esse amparo sublime, com sincero amor filial, indene ao ódio, vingança ou revolta. Apenas, com fé na Justiça Divina, que jamais erra, jamais mesmo.

Evaldo foi mais explícito:

– Se o senhor Helmuth passou por essa triste fase... e penso que sim, certamente já se livrou dessa voluntária algema ao caixão, pois a dor é professora eficientíssima que nos visitará sempre que a revolta lançar-nos no abismo sem fundo do desamor. Funcionando como abençoada rede de anteparo, susta essa terrível queda e a pouco e pouco energiza a razão, anula a anestesia da consciência, induzindo aquele que assim cai ao arrependimento. E quando o arrependimento tem guarida no coração, forças siderais de auxílio apresentam-se, infalivelmente.

– Então, como a paz voltou à "H&H", talvez papai... Já está melhorando...

– Sim, talvez ele esteja exatamente nesta fase benigna, por demais auspiciosa, ao ponto de Jesus assegurar que *"há mais alegria nos Céus por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que lá estejam"*²⁰.

– E quanto a nós, o que devemos fazer? – inquiriu Cássia.

– Ouvir a consciência...

²⁰ Lucas, 15:7 - Nota do Médiun

– Mas nós não fizemos mal a ninguém – defendeu-se Karl.

– Refaçam na memória os acontecimentos que de alguma forma compuseram toda essa paisagem de aflições e peçam ao seu Anjo Guardião que os oriente, quanto às necessárias correções.

– Anjo Guardião? Correções? – perguntou agora Angélica, curiosa.

– Sim, ou Anjo de Guarda, como é mais conhecido, o Espírito amigo e protetor ao qual a Providência Divina delega a tarefa de nos ajudar, em cada um das nossas reencarnações. Quanto às correções, refiro-me a qualquer atitude ou pensamento que de alguma forma pode ter relação com tudo o que aconteceu. Qualquer ideia negativa ou ação que prejudicou alguém tem que ser corrigida, de imediato. E esse é o único modo para a nossa paz e a paz de todos os que se ligaram a nós. Arrependimento, perdão e reconstrução constituem o trio áureo dos sentimentos que nos purificam.

Fazendo expressiva pausa, Evaldo conclamou a Karl:

– A fábrica é um maravilhoso meio do senhor produzir muito mais que automóveis.

– Será possível? O quê, por exemplo?

– O bem dos milhares de empregados e das famílias deles. O valor da indústria não chega aos pés da felicidade que ela pode proporcionar.

– Como assim?

– Todo patrimônio terreno não passa de um empréstimo de Deus, para que o detentor o administre com vistas a, sempre que possível, auxiliar ao próximo.

Evaldo julgou prudente encerrar a visita para não sobrecarregar a família com mais considerações.

– Amanhã terei que ir à minha cidade, pois é o dia da reunião mediúmica a que me referi e não devo faltar. Se Deus permitir e os Espíritos amigos conseguirem sensibilizar os irmãos desencarnados envolvidos em toda essa trama, com certeza as coisas irão melhorar. Confie em Jesus!

À saída, presenteou o casal com um exemplar de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.

Não sendo tarde, Evaldo julgou ser seu dever ir até a casa de Mirênio, para reconfortá-lo moralmente, explicando para a família o que sabia sobre tão insólitos acontecimentos – combustão espontânea, provocada por ação de desencarnados. Há pouco, no seu grupo de estudos espíritas, havia estudado esse mesmo assunto, isto é, alguém ser veículo de Espíritos atrasados, que unindo fluidos, conseguem iniciar incêndios.

– Vim aqui para hipotecar-lhes solidariedade.

Olhando para Mirênio e Tom, declarou, sincero:

– Fiquei sabendo a causa da sua demissão...

De fato, encontrou a família traumatizada, nenhum deles conseguindo sequer raciocinar. Para acalmá-los, enfileirou as pesquisas e as conclusões dele e dos demais médiuns seus amigos, todos estudiosos do Espiritismo, sobre “incêndios que irrompem sozinhos”, como são conhecidos tais fenômenos, na verdade, mediúnicos. Começou, dizendo:

– Fatos idênticos foram objeto de estudos, por Camille Flammarion (1842-1925), segundo consta de sua obra “Les Maisons Hantées” - “As Casas Mal Assombradas”, editada pela Federação Espírita Brasileira.

– Quem foi Camille Flammarion? – inquiriu Tom.

– Foi um erudito pesquisador francês, astrônomo de renome internacional. Espírita, amigo de Allan Kardec, muito contribuiu para a consolidação terrena do Espiritismo.

Para surpresa de Tom, Evaldo nesse momento presenteou-o com um exemplar daquele livro.

Evaldo comentou:

– Sei que vocês irão ler esse livro, mas permito-me adiantar algumas considerações: “*Fenômenos de assombramento, tais como rumores, pancadas, algazarra, passos, gemidos, projeção de pedras, móveis derrubados, incêndios espontâneos* (grifou a expressão), *inexplicáveis, foram denominados de "Espíritos*

turbulentos”, estudados principalmente na Alemanha e lá designados *Poltergeist* de *polter* (fazer barulho) e *geist* (espírito). E mais: “*Que há intervenção de Inteligências invisíveis nas manifestações de Poltergeist é incontestável*”. Foram estudados 532 casos de tais fenômenos, sendo sete deles, incêndios espontâneos.

Fez pausa e com olhar significativo a Tom prosseguiu:

– O autor cita que tais fenômenos estão associados ao organismo de um(a) adolescente e registra que iniciou esses estudos de parceria com Allan Kardec (1804-1869). Além disso, informa o que pensava o emérito pesquisador espírita, o russo Alexander N. Aksakof (1857-1926), sobre os *poltergeist*: “*Poltergeist pode ocorrer por uma ação a distância produzida pela força psíquica dos vivos*”. Isso, sem contar o pensamento dos outros célebres pesquisadores desses acontecimentos, também citados neste livro.

Evaldo encorajou Tom:

– Leia o livro, Tom, e verá como esses fenômenos têm explicação racional pelo Espiritismo, bem como ficamos sabendo como podemos revertê-los, a benefício do próximo e, por extensão, em nosso próprio favor.

– Em que parte do Espiritismo esse assunto está tratado?

– Várias obras existem comentando tais fenômenos. Mas sugiro que vá ao “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec. Ali encontraremos no Cap. V, item 90 e seguintes, amplas considerações sobre “Manifestações Físicas Espontâneas”. Eis algumas delas: são Espíritos mais levianos do que maus os que perturbam o repouso alheio; podem, também ser Espíritos vingativos; há intervenção voluntária ou involuntária de um médium.

Evaldo enfatizou:

– Recomenda Kardec que a prece será sempre o melhor meio de ajudarmos a esses Espíritos, pois, sendo assistidos, se afastarão.

Quando terminou sua explanação, feita com bastante vagar e de forma pedagógica, Tom apresentava um brilho intenso no

olhar. Pela primeira vez, desde que aqueles tormentos haviam se incorporado ao seu dia a dia, encontrava respostas sensatas, embora surpreendentes, para as perguntas doloridas que sua mente fazia.

Evaldo ainda acrescentou muitos outros detalhes, particularmente sobre as Leis Divinas, que regulam todos os atos das criaturas humanas.

– Que Leis Divinas são essas – perguntou aflito Mirênio – que arrasam com um inocente e prejudicam tanto seus familiares?

Evaldo não escondeu o que pensava sobre a resposta:

– Principalmente a Lei de Justiça, aquela que anda de par em par com outra Lei de Deus – a Lei de Ação e Reação –, segundo a qual tudo aquilo que alguém faz, de bem ou de mal, para quem quer que seja, cedo ou tarde retornará ao agente.

Antes que a próxima pergunta fosse feita, adivinhando-a, adiantou-se:

– E se me perguntarem o que fizeram para que tanto sofrimento e desconforto os alcançasse, já que “nunca fizeram mal a nenhuma mosca”, como se costuma dizer, por favor, considerem a imortalidade do Espírito, a partir da sua criação. No longo caminho rumo à evolução – graças a Deus outra Lei, inexorável, para todos os Seus filhos e para tudo que criou –, o ser humano acumula ações boas e más. Enquanto o saldo for de ações negativas, terá que resgatá-lo, com ações contrárias, isto é, aquelas que proporcionem a paz, própria e dos semelhantes.

– Só uma pergunta – interrompeu-o Nilce, até então calada.
– Como é que nós vamos saber quanto devemos, para quem devemos e o que fazer? Ouvi dizer que a terapia de vidas passadas mostra o passado de qualquer um...

– Buscar tal conhecimento na terapia de vidas passadas, denominada “TVP”, é arriscada decisão do homem. Bem por isso que os Centros Espíritas que se aplicam em seguir as normas de Allan Kardec, não autorizam tal procedimento em suas dependências, já que essa é uma área da Medicina, adstrita à

psicologia clínica. Quanto e para quem devemos é conhecimento que, graças a Deus, o homem encarnado desconhece, ou melhor, dele não se lembra, para seu próprio bem, pois se conhecesse detalhes de vidas passadas, teríamos a instalação do caos social, muitos de nós procurando aos desafetos de ontem... Aliás, é justamente por relembrar parcialmente desse passado que os Espíritos desencarnados, numa infeliz solução de continuidade, localizam aqueles que os prejudicaram, no pretérito, para deles se vingarem. Esse é o quadro típico mais observado nas reuniões mediúnicas desobsessivas, das quais participo, juntamente com médiuns amigos.

Ressalvou:

– Alguns especialistas em psiquiatria têm indicado a “TVP” para a cura de fobias ou desajustes sociais. Como simples opinião, considero que, mesmo aplicada por tais especialistas, deve ser ainda melhor analisada, pois o conhecimento do passado, por meios clínicos, pode revelar fatos que ao invés de equilibrar o paciente, irá provocar-lhe ainda maiores problemas no presente.

Julgando prudente também não mais se estender naquele lar, aduziu:

– Para nós, encarnados, basta-nos a fé na Justiça Divina, que jamais permite ônus a um inocente. Assim, se sofremos hoje, é porque temos dívidas em nosso passivo, com certeza acumulado em várias existências físicas, isto é, em várias reencarnações.

Despediu-se, após formar naquela família o clima da solidariedade humana, deixando o conforto do entendimento e o que é principal, a crença na Bondade do Criador.

Da mesma forma como havia procedido no lar de Karl.

Naquela noite, antes de dormir, Karl folheou ao acaso o livro dado por Evaldo. Abriu-o: Cap XVI - “Não se pode servir a Deus e a Mamom”. Meio atordoado, pela “coincidência” do que há pouco ouvira de Evaldo, fixou-se no item 7 “*Utilidade providencial da riqueza*”.

Impressionadíssimo, adormeceu.

Quando o dia amanheceu, tinha um firme propósito relativo à "H&H".

9. ALVORADA DO AMOR

Helmuth, mantido em recuperação por sonoterapia, mesmo assim mostrava-se bastante agitado, pois enquanto seu perispírito permanecia na enfermaria da colônia espiritual “Seara dos Espíritos”, para a qual tinha sido conduzido, sua ideia fixa na “H&H” para lá se projetava.

O perispírito de Helmuth ligava-se por sutilíssimos fios etéreos ao corpo mental, este de densidade invisível até mesmo em planos espirituais que não de grande elevação moral.

Cumprê destacar, com profunda cautela, que a pouquíssimos Espíritos é dado discorrer sobre o corpo mental, que todos temos²¹. Demonstrativo de sua existência, encontraremos num exemplo até certo ponto simples: quando os Espíritos (desencarnados) dormem, e sabemos que tal ocorre, têm o perispírito estacionado no local do

²¹ Duas informações sobre o Corpo Mental:

1ª – Em “Visão Espírita nas Distonias Mentais”, Jorge Andréa dos Santos, Cap. 1, p.56-57, 3ª Ed., 1992, FEB, RJ/RJ: *Por revestir todas as camadas do inconsciente, representaria o envoltório da mente ou Espírito, propriamente dito. Com isso, seria zona possuidora, em grau elevado, de todas as características funcionais do superconsciente e zona divisória entre o mundo espiritual e material. Bem claro que para esta zona vibratória atingir a matéria ainda existiriam camadas adaptatórias, campos vibracionais específicos, descritos como sendo o psicossoma e o duplo etérico;*

2ª – Em “Evolução em Dois Mundos”, A.Luiz/F.C.Xavier-W.Vieira, 1ªP.Cap II, p.25, 11ª Ed., 1989, FEB, RJ/RJ: *O Corpo Mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente, e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela com que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre.*

- Nota do Médium

sono, contudo, agora, é pelo corpo mental que se deslocam, indo ao ponto de sintonia, ou fulcro de interesse.

Jules, consultado pelos enfermeiros que atendiam Helmuth, ponderou:

– Creio que nosso irmão deverá ser alcançado por uma enérgica advertência, que o faça mudar a tela mental. Muitas têm sido as oportunidades que ele vem desprezando.

– Graças a Deus! – exclamou Madeleine, cheia de gratidão.

– Mas – advertiu Jules, algo apreensivo – receio que nosso querido Helmuth tenha nesta, a derradeira chance de despertamento para o bem, antes que dor maior do que as que vem sofrendo lhe ensine aquilo que até aqui desprezou, sobre o bem que retorna para aquele que ama ao semelhante; ajudado inúmeras vezes, inclusive no momento, nada o comoveu, fixando-se em lamentos e revolta, por apego às coisas da matéria e pelo infeliz sentimento de que foi lesado pelo filho.

Madeleine confirmou, entristecida:

– Temo que esta será mesmo sua derradeira oportunidade de corrigir os procedimentos, invertendo a rota infeliz na qual teima em se deslocar.

– Mas não percamos a fé em Jesus. Oremos ao Mestre para que nosso Helmuth vislumbre as claridades do Seu Evangelho, eis que depois disso, se persistir, só mesmo multiplicados sofrimentos, compulsórios e mais graves, alavancarão seu progresso, retirando-o das trevas em que tenta se perenizar.

– Posso estar com ele, nesses momentos tão decisivos?

– Como não, Madeleine? Você tem sido exemplar, amparando-o com paciência infinita, em tantas oportunidades que ele desperdiçou. Vendo-a, inda agora preocupada com o seu Helmuth, venço-me de que, por vezes, realmente o amor se veste com a túnica luminosa da paciência. Vamos orar: *“Amigo Jesus, o Senhor nos abençoou a razão com as bem-aventuranças e nos indicou o amor ao próximo como constante geradora da nossa felicidade. Ajude-nos, Sublime Pastor, a trazer para Seu rebanho,*

nossos queridos Helmuth e Karl, além de tantos outros irmãos que a eles se ligam por laços menos felizes. Como eles, somos também ovelhas nem sempre dóceis ao Seu pastoreio de Amor, Caminho, Verdade e Vida. Mas queremos dividir com eles as bênçãos que já alcançamos: conhecer o Seu Evangelho".

Ia alta a madrugada, quando Jules e Madeleine chegaram à sede da "H&H". Quase toda a cidade dormia. No plano material, a grande fábrica parecia dormir também, depois do agitado dia de trabalho, pois as atividades já haviam se normalizado. Os homens responsáveis pela segurança noturna, distraídos apenas com dezenas de pensamentos sobre eles mesmos, não se davam conta de que lá bem alto, milhares de estrelas os contemplavam, convidando-os a um diálogo, coração a coração.

A Lua, em crescente, com absoluta tranquilidade dividia com aquela metade da Terra a luz que naquele momento só ela ganhava do Sol.

Os dois bons Espíritos, em sentida prece a Jesus, mesmo assim ainda tiveram alguma dificuldade em localizar Helmuth, por ali vagueando mentalmente. A seguir, atraíram-lhe o perispírito, para que melhor pudessem se comunicar. Também Helmuth como seus ex-empregados, estes encarnados, não se davam conta que o cenário celeste era deslumbrante.

Já agora no corpo perispiritual, trôpego, o antigo dono daquele império automobilístico remoía lembranças, amargas todas, num irresponsável exercício de atrair para junto de si companhias espirituais, igualmente frustradas, angustiadas, revoltadas.

Salvava-o de tais agregações, que só mais infelicidades lhe acrescentariam, o fato da "H&H" estar temporariamente sob vigilância espiritual benéfica, que a envolvia qual vigoroso campo de defesa magnético, conforme Jules providenciara, com permissão de esferas mais altas da Espiritualidade.

Tal defesa da fábrica, visando o bem dos empregados e seus familiares e de quantos dela dependiam, tinha prazo estimado para terminar, após o que voltaria à normalidade, isto é, os que ali

trabalhavam voltariam a ser os responsáveis pelo clima astral decorrente de seus pensamentos e ações.

O prazo fora requerido por Jules, para auxílio a Helmuth e aos Espíritos, encarnados e desencarnados, que a ele se ligavam, de forma infeliz.

Helmuth viu dois vultos. Espantou-se e com elevado estupor, não se deu conta do que estava acontecendo. De pronto, não reconheceu Madeleine, envolta em suave claridade, que o ofuscou.

– Helmuth, Helmuth... A bênção de Jesus seja sua!

– Quem são vocês? De onde vieram? Como vão entrando assim, sem mais nem menos, na minha fábrica? Ordeno que saiam, senão mando enxotá-los.

Madeleine não resistiu e começou a chorar. Era muito doloroso para seu gentil coração de ex-esposa amorosa, ver a ruína moral em que ele se encontrava. Suas lágrimas, de cristalina pureza, eram assim como uma prece, posto que eivadas de sincero amor, ali traduzindo e manifestando-se por uma das suas vertentes, a compaixão.

Helmuth vinha de longos períodos de dor, revolta, ódio e desejos de vingança. Os sofrimentos, nele, haviam atingido o último grau suportável, tendo já sido visitado por crises de loucura, esta, agora, prestes a tomar conta da sua mente, em definitivo. Assim, em períodos esparsos, não mais sabia o que fazia, gestos descontrolados, imprecações contra o vácuo, ofensas a nenhum ouvinte...

Tais crises, em recidivas mais ou menos constantes, só não o haviam tornado cativo da demência graças a algum merecimento, cujos créditos se deram em quase esquecidas vidas, no passado longínquo. Mas, agora, graniticamente fixado na riqueza e no poder dela decorrente, estava mesmo na fronteira entre a liberdade espiritual, com gozo e usufruto do livre-arbítrio e a suspensão deste, com autoescravidão mental, até que voltasse a merecê-lo.

Lágrimas de amor comovem todo o universo.

Na barreira mental de Helmuth abriu-se pequena fresta e por ela uma onda de dulcíssima paz alcançou-lhe o coração. Reconheceu Madeleine. Abraçaram-se demoradamente, em silêncio. Só depois, chorando qual criança, num turbilhão de lágrimas que os anos haviam estocado, balbuciou:

– Você?! Como é possível?

– Meu Helmuth, sim, sou eu, meu querido! Deus concedeu-me a graça de estarmos juntos novamente.

Madeleine acariciava-o, com ternura, há tantos anos não experimentada por ele. Saudosa ternura.

– Mas... você morreu.

– Ora, ora, ninguém morre. Deixamos o corpo no mundo e continuamos vivos, na dimensão espiritual.

– Então... Penso que eu também morri. No entanto, como é que estou aqui, onde tudo é meu, mas ninguém me vê, ninguém me ouve, ninguém me obedece?

– Sinto contrariá-lo, meu amor, mas desta vez você não está agindo como o grande homem que sempre foi... tão esperto na matemática...

Intuição feminina. Sempre alcandorada bênção. Madeleine, com efeito, de modo espontâneo, agora tinha aberto outra grande brecha na mente de Helmuth, ao despertar-lhe o amor-próprio, tão esmagado ultimamente.

– O que você quer dizer com isso?

– Duas coisas: primeiro, que você sempre me encantou pela sua inteligência, sua praticidade; segundo, que jamais vi ingratidão em você, pois, embora enérgico, sempre soube reconhecer quando alguém lhe prestava um favor, por mínimo que fosse. E agora...

– Eu, ingrato? Perco tudo, sou enxovalhado, sou escravizado, apanho, vejo meu filho me desrespeitar e me agredir, querendo matar-me e não tenho nem o direito de defender-me? Isso é ingratidão?

Madeleine abraçou-o, terna. Alisando-lhe os cabelos, distribuiu-lhe delicados beijos.

Jules, que só agora se fez visível, pediu a palavra:

– Sou Jules. Deixe-me também abraçá-lo, em nome de Deus.

A figura do benfeitor era tão serena, cujo brilho intenso no olhar garantia a mais absoluta sinceridade, irradiando tanto magnetismo, que Helmuth não se assustou, antes, sentiu irrecusável vontade de ser mesmo abraçado por ele. Assim, ao se abraçarem, entrelaçando aura com aura, o sofrido industrial foi invadido por uma deslemburada sensação de segurança, de bem-estar, de paz. Não conseguiu impedir que novas e insuspeitas lágrimas aflorassem-lhe, qual bendito escoadouro das tensões, nele multiplicadas, por tantos desencontros, decepções, mágoas e ideias infelizes.

Também lágrimas como aquelas reverberam no universo, pois nestas frações de tempo, o que se manifesta é a centelha divina que todos trazemos na alma, desde nossa criação pelo Pai.

Um perdido meteorito, sabe Deus por qual estranha razão, naquele justo instante riscou o céu e durando menos que um segundo, foi embora, após desenhar a carmim uma eletrizante curva na imensidão do céu.

Todos viram o majestoso espetáculo, encarnados e desencarnados.

Os cinco homens da segurança noturna, haviam se reunido para um cafezinho, quando foram surpreendidos pelo magnífico fenômeno natural. Dois deles ajoelharam-se, persignaram-se fazendo o sinal da cruz e de mãos unidas, louvaram a Deus.

Diante de acontecimentos como aquele, também dizemos nós, que passamos aos leitores estas linhas, as mesmas palavras: Sim: *louvado seja Deus!*

Os outros três seguranças, comovidíssimos, conquanto sem o mesmo sentimento religioso, com respeito disseram em coro:

– *Para sempre seja louvado!*

Perto deles, Jules, Madeleine e Helmuth, ficaram deslumbrados com aquele espetáculo. Helmuth, mais que todos, ao ver a demonstração de fé dos seus ex-empregados. Aproximou-se dos homens que ainda estavam ajoelhados e reconheceu-os. Eram criaturas simplórias, que no passado sempre sorriam-lhe quando chegava à fábrica. Nutria alguma simpatia por eles, pois dizia para si mesmo, então: "todos os dias quando eu chego eles vão..."

Helmuth aprendeu ali, em poucos instantes, sublime lição: o valor da humildade e integração com Deus.

Magnífica lição, sem que palavra fosse dita, a ele. Aliás, nem um milhão de palavras teriam lhe proporcionado com tanta propriedade aquele ensinamento, com perdão do trocadilho.

Sensibilizado ao extremo, sentiu as pernas cambalearem quando ouviu um dos homens, Mauro, orar: "*Meu Deus, meu Jesus, não quero ser abusado, mas era tão bom se o senhor Karl fizesse igual ao pai dele...*".

Jules e Madeleine sentiram-se igualmente invadidos por doce influxo espiritual, ao verem que, vindo das alturas, um filete de luz adentrava na cabeça do homem que orava.

"... desde que o patrão morreu", continuava o homem a orar, "*as coisas não andam boas prá ninguém por aqui. Ajuda, meu Pai, para as coisas melhorarem. Assim seja!*".

Jules teve que amparar Helmuth.

Por algumas horas falou do Evangelho de Jesus a um Helmuth que aos poucos viu brotar na alma o desejo de se renovar. O dia não demoraria a amanhecer. Jules concluiu:

– A Sabedoria de Deus proporciona-nos multiplicadas vidas, durante as quais vamos progredindo sempre. No relógio do Tempo, aquele que controla nossas vidas e nossa evolução moral, o pêndulo oscila ora no plano material, ora no espiritual, isto é, quando estamos encarnados e quando estamos desencarnados. Nessa oscilação, segundo nossos méritos ou débitos, nós próprios nos situamos também em conforto ou desconforto. Já riqueza e pobreza são provas pelas quais todos os Espíritos passam, aquela

para desenvolverem defesas contra o apego aos bens terrenos, e esta, para cultivarem a humildade. Você próprio é testemunha que dinheiro não faz ninguém feliz, tanto quanto a falta dele não pode ser considerada uma tragédia. Esses homens pobres trazendo nos corações a ideia de Deus, de forma alguma poderiam ser considerados infelizes.

Helmuth anuiu, apenas com um leve abaixar da cabeça.

Arrematando, Jules exortou-o:

– O perdão das ofensas foi sempre sugerido e exemplificado por Jesus. Ao Apóstolo Pedro, o Cristo sugeriu que perdoasse não sete vezes, mas, sim, setenta vezes sete vezes.

Helmuth, mentalmente, na hora, calculou: $70 \times 7 = 490...$

Nada disse. Jules prosseguiu:

– Assim, no sagrado instituto do lar, a família constituída é de concepção divina. Numa casa onde pessoas residem, agrupando-se por força da consanguinidade ou do parentesco, próximo ou distante, quase sempre age a motivação celestial, para que os residentes aparem as arestas do passado. Com eles tem que morar o perdão. O parentesco corporal difere do espiritual, já que um nem sempre volta a se repetir, mas o outro, aquele que é consagrado pelo coração, sob influxo do amor, esse se perpetua.

Helmuth, livre de pensamentos negativos pelas abençoadas horas passadas na companhia de Jules e Madeleine, conseguiu apreender aquelas sublimes lições cristãs, até porque, na verdade, sempre fora um homem cuja agilidade mental e objetividade faziam-no admirado e respeitado.

– No momento – sentenciou Jules –, a maior prova de reconhecimento a Jesus que você poderia dar, seria tratar seu filho da mesma forma como você está sendo tratado pelo Pai.

– Karl, aquele que é o filho mais ingrato na face da Terra?

– Digamos, antes, um filho em duras lutas para ser como o pai...

– Desculpe-me, Jules, mas não consigo ver as coisas desse jeito...

– Pois, então, raciocine, por que Karl sempre se mostrou tão passivo, enquanto tinha você ao lado dele, e hoje se mostra tão durão, tão autoconfiante, tão chefe?

– ?!

– É porque antes você o sufocava com sua autoridade exacerbada e agora a lembrança do pai nele é uma constante e de forma alguma quer deixar de seguir os seus passos. Sim, Helmuth, seu filho tem-no como ídolo, mas o orgulho ainda fala mais alto e embora você seja-lhe modelo, o amor-próprio impede que admita estar se comportando como o pai. No fundo, no fundo, o que ele mais almeja é que a “H&H” progrida e seja tida no mesmo elevado conceito de quando você a presidia.

– Não acredito!

– Pois então venha conosco.

Assim falando, Jules e Madeleine tomaram-no pelas mãos. E foi de mãos dadas com eles que Helmuth, sem saber como, viu-se em poucos instantes dentro da casa que reconheceu logo, a do filho. Emocionado por estar naquele ambiente, há tantos anos não visitado por ele, Helmuth foi conduzido à biblioteca. Ali, para espanto maior, Helmuth avistou o filho que, despreendido do corpo físico pelo desdobramento que o sono proporciona, andava de um lado para outro, qual fera enjaulada.

Jules providenciou para que Helmuth, temporariamente, não fosse visto.

Karl não estava sozinho. Acompanhando-o, dois Espíritos se compraziam em soprar-lhe ao ouvido frases imperativas. Dizia um deles:

– Nada disso! Nada disso! Seu pai não merece nem ser lembrado. Ele quase arruinou a “H&H”.

O outro arrematava as ordens hipnóticas:

– Isso mesmo... seu pai não serve como referência para esse plano.

Tão absorvidos estavam os três que não notaram a chegada dos outros três: Karl, sob hipnose, e os dois malfeitores, por baixa vibração espiritual.

Hipnotizado, Karl via uma pasta sobre sua mesa, ali deixada quando fora dormir e para perto da qual retornara, assim que adormeceu. Algumas aranhas passeavam sobre a mesa, tentando subir na pasta, mas algo saído do interior do documento as repelia, como se um raio desintegrador as atingisse, dissolvendo-as, literalmente.

– De que se trata esse plano? – indagou Helmuth, aflito e curioso.

Jules aproximou-se da pasta e abriu-a, sem a menor dificuldade. Convocou Helmuth para ler do que se tratava. O pai de Karl leu:

"H & H": PLANO DE REFORMULAÇÃO

Helmuth não acreditou naquilo que os olhos liam. A pasta de documentos, com uma forte luz no interior, despejava centelhas luminosas que impediam aos insetos de se aproximarem. O incrível daquilo tudo é que a cada inseto que desaparecia, fulminado pelas centelhas, os dois Espíritos perturbadores criavam outros, apenas passando as mãos sobre a mesa. Diziam:

– Temos que destruir esses documentos, senão a chefe...

Eles, contudo, não conseguiam agarrar a pasta, para destruí-la, pois mal aproximavam as mãos da pasta, sentiam choques.

Jules explicou:

– Eles ainda não nos viram, porque conseguimos, graças a Deus, manter um padrão vibratório em escala acima à deles.

Jules convidou Helmuth a folhear o conteúdo da pasta. Colocou a destra na frente de Helmuth e foi com espanto crescente que ele conheceu o processo, de autoria de seu filho, segundo reconheceu pela letra, no qual era sugerido que a montadora, sem sair dali mesmo, assimilasse a indústria de autopeças, em cujo local seria implantada outra montadora, essa de utilitários. Na unidade

de ônibus e caminhões, quase pronta, a filosofia seria a mesma: autonomia de decisões, por conselho formado de diretores, acionistas e empregados.

Cada uma das novas unidades se subdividiriam administrativamente em dois departamentos: industrial e comercial.

Cada departamento seria formado de microempresas, exercendo atividades específicas, com gerenciamento autônomo:

- o departamento industrial, por exemplo, seria composto de "pequenas células fabris", cada uma produzindo um tipo de componente. Os produtos seriam fabricados e entregues quase que à mão. A economia de tempo, tendo cada setor o material que necessitava entregue na medida da montagem dos carros, possibilitaria incrementar a produção em pelo menos 20%. Pelo plano, cada microempresa também teria chefia autônoma, responsável pela seleção do pessoal e nível da produção, com rígido controle de qualidade, estipulando-se para cada uma porcentagem proporcional do faturamento global da "H&H". Uma comissão de "controle de qualidade", composta dos próprios empregados, representaria os departamentos junto à diretoria;

- o departamento comercial seria encarregado da administração geral, das compras e das vendas. Na parte das vendas, cada concessionária deveria contar com, no mínimo, dez empregados que houvessem feito estágio de seis meses na "H&H", de forma que poderiam assim prestar mais eficiente assistência técnica aos clientes.

Cada microempresa, seria chefiada por dois anos, pelo empregado que os próprios colegas elegessem, em votação ostensiva.

Um anexo ao plano previa carreira profissional na "H&H", com prêmios, promoções, além de todas as garantias trabalhistas previstas em lei.

Quanto aos fornecedores externos, estes seriam incentivados à *parceria*: incorporarem-se à "H&H" ou então instalarem-se nas vastas áreas da fábrica ou arredores. Com isso, o cronograma de

entregas, paralelo ao da montagem, estaria agilizado, livre de despachos, viagens, trânsito, mau tempo etc.

Prático por excelência, Helmuth exclamou:

– Meu Deus! Preciso ajudar meu filho, com urgência, pois se o que ele planejou visa o progresso da “H&H”, ele não pode ser considerado tão ruim... nem meu inimigo. Ajudem-me a enxotar esses bandidos que o atormentam.

– Graças a Deus! – disse baixinho Madeleine, vendo que Helmuth mudara a tela mental com relação ao filho.

Jules considerou:

– Para o equilíbrio do relacionamento entre encarnados e desencarnados, é fundamental o respeito ao livre-arbítrio, isto é, não podemos, nós que daqui temos ampliada a visão e maior facilidade de ação, obrigar a nos obedecer aqueles que deixamos ainda nos embates do corpo físico.

Referia-se a Karl.

Helmuth refletiu e concordou com aquele raciocínio.

Jules acrescentou:

– A razão não precisa da força, pois ela própria já é mais forte, tanto quanto a verdade não precisa de palco, pois igualmente ela própria é o maior espetáculo da mente.

Finalizou, convidando-os a se retirarem:

– Seu filho terá que tomar a decisão por si próprio. Ele está com receio de dar esse grande passo. A mulher, Cássia, está contra, receando perdas financeiras vultosas. Karl terá mesmo que abdicar da margem de lucro que vem tendo, pois o resultado financeiro do plano prevê divisão proporcional dos resultados, mas para todos os setores. Nesse ínterim, é nosso dever cristão orar a Jesus para que se cumpra a vontade do Pai, quanto às consequências da decisão que Karl tomar. E nada nos impede, com muita humildade, confessando nossa ignorância diante da Sabedoria Divina, dar nosso parecer de que o plano de Karl produzirá coisas boas.

Jules adiantou que em breve se reencontrariam.

– Posso abraçá-lo? – pediu Helmuth a Jules, apontando Karl, que estava sendo atormentado pelos dois hipnotizadores do além.

– O que é isso, Helmuth? Então alguém precisa de permissão para demonstrar amor?

Devidamente incentivado pelo novo e tão bondoso amigo, Helmuth aproximou-se do filho, seguido de perto por Madeleine. A simples aproximação fez com que a luz que emanava de Madeleine afugentasse os dois infelizes auxiliares de “F A”, os únicos que ela conseguira recuperar sob seu comando, desde o inusitado “terremoto astral” que havia dispersado todo o bando.

Karl viu-os, de mãos dadas. Madeleine adiantou-se, alisou-lhe os cabelos, como há algumas horas fizera com Helmuth e beijou-o no rosto, mantendo a face unida à dele. A seguir, a mãe pegou na mão de Helmuth e encostou na de Karl, que relutou, apenas por um momento.

No mesmo instante Karl acordou.

Jules, bastante apreensivo, informou a Helmuth:

– Meu caro amigo, meu irmão em Jesus. Não ignora você que a Vida é dinâmica e a todos nós nos conduz, impulsionando-nos para o progresso. No jargão popular se diz “que o Tempo tem tempo”, o que é uma verdade, contudo, não menos verdadeiro é o fato de que a evolução tem mecanismos próprios, funcionando em paralelo com os acontecimentos de cada um, em particular, e de toda a humanidade, no geral. Sua quota de tempo para decidir está se esgotando e em breve será compulsado a optar que rumo dar à sua rota evolutiva. Aproveite bem o período restante da autorização que lhe foi dada para poder circular pelas proximidades da “H&H” e do seu filho.

Em tom fraternal, advertiu:

– Outro jargão, se me permite, muito verdadeiro: “o tempo não para”.

Ausentaram-se os três, sem interferir no que se passava naquele lar. Retornaram à “H&H”, estando Helmuth sob a protetora escolta de Jules e Madeleine.

Já raiava a aurora. Cores róseas, lindíssimas, mesclavam-se com as claridades do dia que chegava, despedindo-se das últimas estrelas que lampejavam no “crepúsculo da noite” que se ausentava.

O horizonte, todo enfeitado para receber o Sol, em muito se assemelhava com a mente de Helmuth, que também despertava para a alvorada do amor.

– Por que – sugeriu-lhe Jules – não acompanha seu ex-empregado, aquele que fez a prece lembrando-se de você, até a casa dele? Penso que seria muito útil verificar como vive, com a família.

– Eu? Sozinho?

– Sim. Algo me diz que você terá confirmadas minhas palavras e isso fará muito bem para todos.

Helmuth despediu-se de Jules, com um abraço demorado.

Beijou Madeleine, ambos com lágrimas se misturando.

Acompanhando o segurança, que deixava a fábrica, emocionou-se ao ouvi-lo brincar com o colega que tomava conta da guarita principal:

– O Sol já está acordando e eu é que vou prá casa, para dormir. Deus abençoe o seu dia e a minha “noite”.

10. MEMORANDO A DEUS

Mantendo pequena distância do homem, que pedalava tranquilamente sua bicicleta, Helmuth ainda não conseguia entender como é que também ele conseguia deslocar-se, sem que fizesse qualquer esforço. Quando o ciclista acelerava um pouco mais, nas descidas, a velocidade dele também aumentava.

O ex-ricoço não pôde deixar de refletir na grande diferença daquela velha bicicleta, comparada à sua limusine, tão luxuosa, tão espaçosa. Na hora teve a ideia de financiar um carro popular para cada empregado da "H&H". Logo porém, com tristeza, lembrou-se de que a fábrica não era mais dele, nem tinha sobre ela qualquer poder de decisão. Contudo, as sementes evangélicas que Jules houvera semeado em seu coração, ali mesmo começaram a germinar, pois substituiu o pensamento por outro: "Vou pedir ao meu filho que estude a possibilidade de financiar um carro popular para os seus empregados".

Quando Mauro chegou à sua casa e entrou, Helmuth entrou também.

Tudo evidenciava pobreza extrema. A casa tinha apenas dois cômodos, cozinha e quarto, sendo que o sanitário era no quintal, coletivo, já que naquela área, próximas, moravam outras famílias, agrupadas em minúsculas casas, como aquela.

– Oi, bem – disse o homem, beijando a esposa, que já estava nas lides domésticas. E o Maurinho?

– Não está nada bem, precisamos levar ele ao médico.

– Mas como, meu Deus? Não temos dinheiro.

– Nosso filho não pode mais ficar sem assistência médica. Alguma coisa tem que ser feita para resolver o problema. Cada dia que passa é uma esperança que se vai.

A mulher começou a chorar, sendo confortada pelo marido. Juntos, foram até o quarto, onde uma criança de mais ou menos

quatro anos dormia. Mauro pegou o filho carinhosamente e abraçando-o, manteve-o junto ao peito, cobrindo-o de beijos. A criança acordou.

Para espanto de Helmuth, fez força para falar, mas só saíam sons cavernosos. O problema do Maurinho era dislalia, isto é, perturbação na emissão de palavras, com emissão errônea de fonemas.

Sabia que esse era o diagnóstico, porque seu filho Karl, com menos de dois anos tinha apresentado a mesma patologia, e foi curado, graças aos excelentes médicos consultados e aos recursos fonoaudiólogos que lhe foram dispensados, inclusive sendo examinado por especialistas internacionais, o que custou bem caro.

Na mesma hora Helmuth pensou: "Vou pagar o mesmo tratamento para este menino". Um segundo depois de ter tido essa ideia, teve que repensá-la: "Deus me ajude a dar um jeito do Karl ver esse menino e se eu puder, vou pedir que ele pague o tratamento".

Para aumentar sua emoção, ouviu da mulher:

– Se ao menos o doutor Helmuth estivesse vivo... Ele era tão bom para os empregados. Quando alguém da família ficava doente ele mandava o médico vir atender.

– É verdade, desde que ele morreu que as coisas mudaram... para pior. Todo mundo tem medo até de pedir alguma coisa ao doutor Karl, pois ele logo manda demitir.

Helmuth, lacrimoso e emocionado, refletiu: "Não foi de graça nem por acaso que vi e ouvi tudo isso; tenho que fazer alguma coisa para resolver essa situação. E se meu filho anda mesmo procedendo desse jeito, não *podemos* contar com ele".

O verbo, no plural, dava notícias que no coração do empresário o problema do Maurinho já não era só dos pais.

Saiu do humilde casebre e ao chegar ao portão vislumbrou à sua frente a rua pobre do bairro distante. Sentiu-se perdido, sem saber o que fazer, onde e como ir buscar a ajuda para a criança. Agoniado, não tinha a menor ideia de qual direção deveria seguir,

pois nem sabia como viera ter até aquele local. Ia já se entregando ao desespero, próprio dos instantes difíceis em que alguém perde a noção de onde está, quando levou um traçoeiro empurrão, que o lançou ao chão.

– Então, meu velho, está perdido? – inquiriu um dos dois auxiliares de “F A”, que a acompanhavam.

Caído, subjugado pela força de um dos dois malfeitores espirituais, que se preparava para desferir-lhe tremendo golpe, Helmuth pensou na única chance de ser ajudado: o segurança que morava naquela casa. Qual se tivesse ouvido tal pensamento, Mauro saiu da casa, para ir à padaria buscar pão e leite. Quando chegou ao portão, lembrou-se do clarão que vira na madrugada, olhou para o céu, onde o Sol iniciava sua sublime rota doadora de luz, calor e vida. Pensou no ex-patrão. Mentalmente, orou: “Meu Jesus, proteja o doutor Helmuth, onde quer que ele esteja”.

Helmuth estava a poucos centímetros dele.

Foi o suficiente. Em resposta àquela humilde prece, faíscas invisíveis ao autor, vindas de uma altura de poucos metros, formaram um círculo luminoso envolvendo os três Espíritos maus, impedindo-os de qualquer movimento.

“F A”, mais uma vez, via frustrados seus planos contra Helmuth. Vociferou contra o ex-riçaço:

– Sou a criatura mais infeliz do mundo, ou melhor, do inferno de chamas que é a minha alma, mas ainda arrasto você para as profundezas.

Ela e os capangas praguejaram, mas Helmuth fechou os olhos e pensou em Deus, em Jesus, em Jules e em Madeleine, nessa ordem. Quando os abriu, só viu o dono da casa, que ia já há uns dez metros, rumo à padaria.

Aquele atendimento espiritual parece ter demonstrado que, em determinados casos, quando uma prece de auxílio urgente é deferida pelo Plano Maior, as equipes socorristas recebem a incumbência e se deslocam com a velocidade do pensamento, levando algum instrumento para a ajuda. No caso, aquele que

emitia raios luminosos, com a capacidade de imobilizar aos quais são dirigidos.

Helmuth compreendeu que aquele humilde homem havia-o salvo das garras daquela mulher horrível, além da surra que lhe estava destinada. Seu senso prático possibilitou-lhe análise correta do que havia sucedido: ele próprio havia pensado em Deus, em Jesus, em Jules e em Madeleine, e isso foi uma prece; Mauro olhou embevecido para o céu e de certo fez outra prece. Assim, as duas preces, quase que simultâneas, lograram atendimento instantâneo.

Helmuth, naquele momento, qual se despertasse de um longo inverno na alma, que o deixara distante de Deus, ao Pai retornava. Compenetrou-se, com fé inabalável, quanto ao maior recurso concedido pelo Criador a todos os homens: a prece.

Dentro dessa postura mental, fechou os olhos e mentalizou a figura de Jesus, recebendo uma prece sua, na forma de memorando, mas levado pelas mãos de Jules, para ser entregue diretamente a Deus. Assim, ainda era o *modus operandi* daquele homem que há séculos só sabia fazer contas, só tinha treinamento para estabelecer hierarquia funcional, social e financeira. Mas cujo pensamento, naquele instante, era de integral sintonia com os Planos Celestiais, posto que expressando a voz do coração, com sinceridade absoluta.

Eis o que dizia o memorando que mentalmente Helmuth enviou a Deus:

“Pai de Infinito Amor, como não tenho permissão de chegar até o Senhor, estou pedindo ao amigo Jules que leve até ao Mestre Jesus, que o entregará em mãos, este meu pedido, que parte do coração e é para ajudar a um pai aflito. Nesta oportunidade, quero adiantar que não pretendo nada para mim, mas tão somente ajudar aos empregados da “H&H”. Para tanto, peço ao Senhor homologar o plano do Karl, pois sinto que assim meu filho Karl estará sendo bom para os empregados e os seus familiares. Se o Senhor me conceder essa graça, quero também declarar que o primeiro a ser

atendido tem que ser, perdão, "tem que ser, não", pode ser, a Seu critério, o Maurinho'.

Na mente de Helmuth, não faltou nem o fecho do seu memorando prece, "assinado: Helmuth Heinrich".

Surpreso, viu passar por ali um veículo, *não fabricado pela "H&H"*, conforme analisou, com dois jovens que o convidaram:

– Estamos indo para a "H&H". O senhor quer uma carona?

Entrou rápido no veículo, meio atordoado e sem fala, pois atinou que tudo aquilo era "início do deferimento celestial ao seu memorando".

No trajeto, não conseguia abrir a boca. Só ia refletindo: "Esse jeito de conseguir as coisas é milhões de vezes mais eficiente do que toda a infraestrutura lá da fábrica". Da sua mente não saía aquele número "490". Mais alguns instantes e raciocinou: "*É engraçado como é que estando morto, continuo vivo*". Os dois jovens sorriram levemente, como que "ouvindo" seu pensamento e hipotecando-lhe simpatia. Quando chegaram à fábrica, Helmuth desceu e agradeceu:

– Deus lhes pague essa abençoada carona. Vocês devem ser motoristas de Jesus e eu nem tenho como agradecer a Ele.

– O merecimento é do senhor, pois sua prece, embora meio burocrática, na verdade, "começou a ser deferida" por Deus – brincou um deles.

– Meu memorando a Deus...

– Chame suas preces do nome que quiser, faça-as quando, onde e como quiser, mas jamais deixe de usar o mesmo envelope, o da marca "CASH".

– Dinheiro?! – estranhou Helmuth que falava fluentemente o inglês e sabia que "cash" significava: *dinheiro vivo, em espécie*.

– Dinheiro, não, senhor Helmuth, mas sim aquele envelope dentro do qual o senhor colocou o seu memorando.

– Mas... eu não coloquei o memorando em... espere um pouco, eu nem sequer escrevi o memorando, só pensei nos termos que deveria ter...

– No nosso plano, senhor Helmuth, o pensamento faz às vezes de lápis, de papel, de máquina de escrever, de computador, de carro, de avião, enfim, daquilo em que fixarmos nossa mente. Até de envelope...

– Começo a compreender. De fato, quando penso forte, consigo! Mas, por favor, digam-me o que o envelope “cash” tem a ver com isso?

– “CASH”, de caridade, amor, sinceridade e humildade. Brincamos com o senhor, pois além de entender muito de dinheiro, ainda conhece o idioma inglês. Procure conhecer a parábola da “viúva pobre” e o senhor verá que “cash” é a maior fortuna que todos devemos aspirar.

Helmuth, o empresário decidido, de personalidade marcante, sempre rigoroso nos gestos, mas justo nas decisões, ali desmontou de vez, abraçou os dois jovens, beijando-os paternal. Suas indômitas lágrimas molharam as faces deles, que pegos de surpresa, não puderam ocultar o brilho no olhar que antecede à delicada queda das gotas de quem também chora de alegria.

Quando o carro ia se afastando, os jovens deram-lhe um afetuoso adeus e só então Helmuth se recordou que os conhecia: eram aqueles padioleiros do Posto de Emergência vinculado à “Seara dos Espíritos”, que o haviam socorrido quando do incêndio no pavilhão de pintura da “H&H”.

Helmuth adentrou na fábrica.

Via, agora, de forma oposta, aquele imenso patrimônio, tudo fora seu, tivera poder absoluto sobre o fantástico complexo industrial, no entanto, perdera tudo aquilo em apenas um segundo.

Essa reflexão ultrapassou em profundidade todos os pensamentos, juntos, que até então conseguira formular, “um segundo”, esse foi o tempo que Deus empregou para tirar de suas mãos a imensa fortuna que várias gerações haviam acumulado e na qual ele próprio empregara toda a sua vida.

Um segundo.

Naquele dia, logo após iniciada a atividade fabril, Karl tinha chegado e convocado uma reunião de diretoria, à qual Evaldo deveria assistir, como assessor especial do presidente. Helmuth chegou a tempo de assistir à reunião, ficando no fundo da grande sala de conferências. Pouco após, chegaram Jules e Madeleine, que também ficaram ao fundo.

– Fiquemos em preces – sugeriu Jules, acrescentando. – Não será prudente que seu filho nos veja, para que não haja interferência de nenhum de nós sobre as decisões que ele tomar.

Iniciada a reunião, Karl informou aos diretores, que aliás eram os mesmos há vários anos, já que não houvera demissão alguma:

– Novos planos, senhores. Novos planos!

Os diretores entreolharam-se, silenciosos.

– Vamos agitar as coisas por aqui.

A seguir, sob o comando de Karl, Evaldo projetou imagens do plano de reformulação industrial da “H&H”, dividindo-a em dois departamentos, cada um com numerosos segmentos, os quais teriam supervisão dos empregados. Com isso, muitas seriam as promoções. Os diretores, gerentes e chefes dos atuais departamentos, querendo, poderiam escolher entre participar de concessionárias ou então permanecer ali mesmo, nos setores que melhor lhes fosse conveniente.

Karl, eufórico, confirmou:

– Como os senhores podem ver, vamos nos autoterceirizar. Teremos muitas dificuldades de aceitação deste plano, mas conto com vocês, pois a partir da sua implantação a fábrica passará a ser de todos os que aqui trabalharem.

Aplausos vigorosos irromperam.

Helmuth deu um pulo de alegria, pensando: “Imagino que Deus deferiu por completo meu memorando”. Quando olhou para Jules e Madeleine, viu-os de olhos fechados. “Estão em oração”, pensou, com acerto. “Vou orar também”.

Karl, enlevado ante a boa acolhida ao seu plano, lembrou-se do pai: "Se papai estivesse aqui, creio que ficaria feliz, pelo progresso da "H&H" e talvez sentiria um pouquinho de orgulho do seu filho...".

Sob o influxo de Jules, que se aproximou favorecendo-o quanto à vidência, num relance fracionário de tempo, Karl viu o pai e a mãe, juntinhos, com as mãos erguidas ao alto, como que bendizendo a Deus tudo aquilo.

O presidente da "H&H", mais uma vez, duvidou da própria mediunidade, imaginando que tudo não passara de uma miragem, construída por seu pensamento no pai. Julgando que estava tendo "fantasias mentais", atribuiu-as ao desgaste mental exigido pelo plano de reformulação da "H&H". Num impulso, telefonou para Cássia, sabendo-a desalentada com o plano. Convidou:

– Querida, vamos subir a serra para comemorarmos o êxito que o futuro reservou para a "H&H". Estarei aí em meia hora. De helicóptero.

De fato, antes do anoitecer, Karl e Cássia estavam na aconchegante mansão que tinham em Campos do Jordão, a hospitaleira e bela cidade paulista.

Angélica, com responsabilidades escolares, permaneceu no lar, com a companhia da governanta da casa, além da empregada doméstica. Na verdade, a viagem dos pais seria breve.

– Graças a Deus! – exclamou Jules, ao término da reunião na "H&H".

– Como estou feliz! – considerou Madeleine.

– Minha irmã, é chegada a hora do seu retorno junto aos necessitados que estão sob o manto protetor da Colônia na qual você tem obrigações. Por aqui, tendo a Caridade de Jesus permitido sua presença nestes últimos dias, as coisas agora terão seu curso, com perspectivas de bom andamento.

– Sou grata a Deus, a Jesus e a você.

Madeleine e Helmuth olharam-se, com tanta ternura, simbolizando juras de amor eterno, coração a coração. Abraçaram-

se por longo tempo. Nenhum dos dois pronunciou qualquer palavra. Desnecessárias, mesmo.

Helmuth, com o coração apertado ao ver Madeleine afastar-se, perguntou a Jules:

– E eu? Quando irei? E para onde?

– Lembra-se do que lhe disse sobre o Tempo, sobre o dinamismo da Vida e sobre a autorização de Jesus para você ainda ficar algum período junto à “H&H”?

– Lembro-me bem. Como agora a fábrica iniciará nova fase e meu filho, graças a Deus, já se tornou um menino bem comportado, inclusive pensando nos outros, imagino que não poderei mesmo continuar por perto.

– Na verdade, já é hora de seguir seu destino. Quando encarnado, você protegeu demasiadamente alguns funcionários, em detrimento de outros, fazendo com que fossem vítimas de muitas intrigas, muitas invejas.

Helmuth pensou um instante e exclamou:

– Meu Deus! Ester... Campos... Mirênio...

– Isso mesmo, pensando favorecê-los, na verdade, você os prejudicou.

– E agora? Como ajudá-los?

– Com suas preces, dirigidas lá de onde você estagiará, talvez por uns dois anos, na “Seara dos Espíritos”, para refazimento e estudos do Evangelho de Jesus, e depois, para onde se transferir, em tarefas de auxílio a irmãos necessitados, de ambos os planos, encarnados e desencarnados. No entanto, se houver necessidade, em algum instante do futuro, talvez você seja convocado, para prestar assistência.

– Acabo de me lembrar, o menino Maurinho... Prometi a mim mesmo ajudá-lo... Será que posso?

– No tempo certo, ele será ajudado. Ou por você, ou por mim, ou por outros irmãos. O certo, porém, é que está sob ajuda permanente de Deus. Não só ele, como todos aqueles que sofrem ou que de alguma forma têm aflição.

Helmuth consultou Jules se poderia ficar alguns dias com o filho, para ajudá-lo na implantação das mudanças na "H&H". Justificou a consulta:

– Não fui um bom pai para ele e sinto que poderei recuperar o tempo perdido. Deixe-me ficar com ele.

– É muito nobre sua atitude, querendo resgatar o tempo perdido e buscando uma aproximação amorosa com seu filho. Mas, temos primeiro que respeitar os desígnios divinos, que sempre objetivam o bem de todas as criaturas.

– Só quero ajudá-lo nessa fase tão difícil de transição na fábrica.

– Não devemos jamais olvidar que Deus sabe o que é melhor para cada um dos Seus filhos. No momento, sua presença junto a Karl nublaria todo o livre-arbítrio dele. Além disso, tal se caracterizaria como ação indevida de um desencarnado sobre um encarnado, porque o objetivo visará prosperidade terrena da "H&H", não é mesmo?

Helmuth, com sentida humildade, concordou, baixando a cabeça. O amigo espiritual consolou-o:

– Suas preces alcançarão o coração dele, sendo essa a melhor ajuda.

– Você tem toda razão – capitulou Helmuth.

Jules abraçou-o e após um tempo de silêncio, incentivou-o:

– Karl está com boas intenções e certamente será ajudado pelo Mestre Jesus, através do retorno de toda obra que visa ajudar ao próximo.

– Não o verei mais?

– Como não? O amor é obra de Deus, com a finalidade de aproximar as criaturas e dar-lhes felicidade, jamais infortúnios. Quando há necessidade de separações, como, por exemplo, nas desencarnações, serão episódicas sempre, não só pela imortalidade da alma mas principalmente pela vida que segue pujante após a morte. Aliás, é justamente pelas sucessivas reencarnações que são ensejados a maioria dos reencontros. A saudade é o laço sublime

que une os corações e mantém acesa a chama do amor durante o tempo que durarem tais separações. E não nos esqueçamos de que os que ficaram à retaguarda física, segundo Leis Divinas, no tempo certo para cada um também aportarão na pátria verdadeira e universal, a dos Espíritos, onde os afins se buscam.

– Um último pedido: posso despedir-me dele?

Após um prolongado silêncio, Jules consultou as Esferas Superiores da Espiritualidade e respondeu, emocionado:

– Sim. Hoje mesmo, quando ele adormecer, vamos aguardar que Jesus nos conceda a bênção do seu encontro com Karl.

Logo mais, conduzido por Jules, Helmuth adentrou na casa, em cuja ampla sala de estar, o filho e a nora, junto à lareira, dialogavam:

– Sabe, Cássia, tenho pensado muito em papai.

– Cruz credo, Karl. Deixe quietas as almas!

– Sim, não quero atormentar papai, onde quer que ele esteja, mas por várias vezes sinto a presença dele.

– Nada disso, bobinho, são apenas lembranças.

– Lembranças, sim, mas tem mais alguma coisa: parece que ele quer me dizer algo.

– É nisso que dá você ficar escutando aquele engenheiro... o caipira... Como é mesmo o nome dele?

– Evaldo.

– Ele mesmo. Desde que começou a pôr essas ideias de Espiritismo na sua cabeça e você passou a frequentar centro espírita, veja quanta coisa mudou, você revirou a fábrica de pernas para o ar e ainda por cima começou a ler livros espíritas.

– Pois fique sabendo, amor, que são muito bons e só trazem bons conselhos.

– Só se forem para você! – encerrou Cássia, aquele tema, indiferente.

Conversaram sobre outras coisas e como o frio fosse convidativo, no admirável clima jordanense, recolheram-se ao leito, aconchegados um ao outro.

Antes de se entregarem ao sono, Karl sugeriu, de repente:

– Sabe, amor, tive um pensamento.

– Não me diga que é sobre mais mudanças na “H&H”...

– Não, dessa vez, mudanças na nossa vida. O que você acha de adotarmos um filho?

Cássia foi pega de surpresa. Deu um pulo da cama, mas logo voltou, pois o frio não autorizava mesmo distância do cobertor.

– Filho... filho... até que não seria uma má ideia. Angélica já é quase adulta, cedo ou tarde se casará, ou, mesmo que fique solteira, não ficará para sempre conosco, pois é tão “despachada”... Um filho...

Quando adormeceram, Cássia, Espírito, dirigiu-se a paragens distantes, mas Karl, igualmente em Espírito, com perispírito ligado ao corpo físico pelo cordão fluídico, viu o pai:

– Pai!

– Filho!

Abraçaram-se com magistral e sublime afeto, ato que os séculos aguardavam.

– Perdão, filho! Perdão!

– Pai, pai... que bom ver você! Perdão, do que, pai? Eu é que sempre fui um filho ruim.

– Nada disso, nada disso, meu filho. A vida deste lado de cá me mostrou, a duras penas, como é perda de tempo tanta vaidade, tanto orgulho, tudo por causa do dinheiro, do poder. O único bem é o amor. O amor, filho! E eu te amo!

– Eu também pai, eu também amo você!

Jules aproximou-se e, com delicadeza, conclamou-os:

– Irmãos queridos, aproveitemos a bênção do tempo e vamos, em primeiro lugar, agradecer a Jesus essa oportunidade de feliz reconciliação. Sei que falo com homens que valorizam o tempo, por isso perdoem-me relembrar-lhes o conceito que dele fazem os árabes: o minuto é joia valiosa que não devemos perder.

– Tenho minhas obrigações, filho, muitas dívidas a resgatar... vou em busca de trabalho santificante e reparador, mas meu coração estará eternamente ligado ao seu.

Com os olhos borbulhando de lágrimas, despediu-se:

– Que Deus o proteja! A você, minha bênção!

Novamente os séculos viram recompensada a espera. Essa era a primeira vez que Helmuth assim se expressava, em repetidas existências nas quais Karl estivera sob sua responsabilidade paternal.

Karl acordou. Na mente, nítida, apenas a lembrança de que sonhara com o pai e que ele o abençoava. Adormeceu novamente. Muito feliz.

Quando Jules abraçou Helmuth, este sentiu uma doce onda de paz invadir-lhe o coração. O pai ensaiava ainda algumas palavras de despedida do filho. Com a voz embargada recusava-se a obedecer ao protetor que o conclamava a partir, quando viu surgir os dois “padioleiros”, naquele mesmo carro “não fabricado pela “H&H”. Desistiu de qualquer resistência.

Embarcou e com eles foi rumo à sua evolução espiritual.

• • •

Há algum tempo que Ester não mais se sentia à vontade nas reuniões mediúnicas que Campos realizava em casa. Na verdade, nunca se sentira bem ali. Não conseguia dormir e se dormia, tinha pesadelos, nos quais era maltratada por criaturas que se diziam “com crédito”, pelos serviços que prestavam a Campos. Ao acordar, indisposta e mais cansada do que quando fora dormir, lembrava-se dos pesadelos. Intuiu, logo, que os malvados que a perseguiram eram os mesmos Espíritos com os quais Campos confabulava.

Disse ao amante:

– Sabe, Campos, não vou mais assistir aos “trabalhos”, pois não estão me fazendo bem. Até nossa vida íntima vem sendo prejudicada.

– Já notei. Mas não culpe os “trabalhos”. Parece que entre nós a graça acabou...

– O que você quer dizer com isso?

– O que você ouviu: será melhor nos separarmos.

Ester foi pega de surpresa. Sentiu uma forte pontada no estômago, como se lhe dessem um soco. Empalidecendo e suando, sentou-se. Por pouco, cairia, tamanha vertigem a assaltou. Apenas murmurou:

– Então... é isso que você quer?

– Será melhor para nós dois.

Campos notou que Ester estava “branca como uma vela” e transpirando exageradamente. Teve um impulso de acarinhá-la, mas refreou. Há tempos notara que ela estava mudada. Já não trocavam carícias com o mesmo ardor e, ultimamente, nas vezes que tentara aproximação conjugal, fora repellido.

Entre eles, ao fulgor do sexo irrefreado dos primeiros tempos, não tardou suceder a apatia, resultante infalível das uniões sem a magia do amor.

Deixou-a sem dizer palavra, saindo indiferente ao manifesto mal-estar dela.

Quando Ester conseguiu recuperar-se, pegou suas coisas e mudou-se, foi morar num quarto de fundo de quintal, dividindo o aluguel com uma senhora idosa, aposentada.

Chegando atrasada ao serviço alguns dias seguidos, pois se levantava invariavelmente sentindo-se mal, e não suportando as repreensões e até desprezo do dono da firma em que arrumara emprego de faxineira, demitiu-se.

Por vários dias tentou conseguir outro emprego.

Campos não a procurou mais.

Por isso, achou-se impedida de voltar para ele, como estava sendo necessário, pois se sentia adoentada e não tinha mais dinheiro, nem emprego.

Abatida e extremamente desanimada pensou: "Só Deus pode me ajudar".

Seu Espírito protetor, que tanto se esforçava por ampará-la, só agora, diante dessa postura mental conseguiu aproximar-se.

Velou pela noite de sono dela, que acordou com enjoo, tomou um remédio estomacal e mesmo sem fazer efeito, saiu para procurar um emprego num endereço que recortou do jornal.

O ônibus estava superlotado àquela hora, como de costume. De pé, espremida por outros passageiros, sentiu piorar o enjoo. Com enorme esforço, desceu assim que pôde, mas num ponto algo distante daquele a que se dirigia. Sem conseguir dominar-se, regurgitou em plena calçada, quase atingindo alguns transeuntes, que a olharam com raiva. Ao enjoo, cresceu-se tontura. Sentindo a paisagem rodopiando, quase desfalecente, foi amparada por uma família, que a conduziu ao Pronto-Socorro Municipal, aquele mesmo no qual fora empregada.

O médico de plantão, após fazer ligeiro interrogatório, algo cauteloso, diagnosticou:

– A senhora deverá procurar seu ginecologista... está grávida.

Ester sentiu o mesmo efeito de alguém que está próximo a um rojão no momento que explode. Colocou as mãos tapando os ouvidos, como que se com este gesto conseguiria reverter o tempo, deixando de ouvir o que ouvira e, mais que isso, mudar a realidade, isto é, nada de gravidez.

Deixou o PS o mais rápido possível, olhando em volta, como que à procura do antigo chefe, temendo inconscientemente que ele a repreendesse por estar grávida.

Intuída por seu protetor espiritual, dali foi até ao Posto Médico que atendia pacientes pelo Sistema Previdenciário e encontrou-o lotado e já havia encerrado a distribuição de "senhas"

para o atendimento naquele dia. Informando estar grávida e sentindo-se mal, o recepcionista encaminhou-a para a “emergência”, onde outras mulheres já estavam também aguardando atendimento.

Precisou de enorme paciência para não desistir.

Comprovante de que a Bondade do Pai não descuida de nenhum dos Seus filhos, conversou com as outras gestantes e foi aconselhada por uma delas a inscrever-se num “curso de mãezinhas”, num Centro Espírita perto de sua casa. Ficou sabendo que quando o curso acabava, cada gestante recebia um completo enxoval de bebê e em alguns casos, até ajuda com uma cesta básica.

Após longa espera, crescendo na alma espanto e a sensação desagradável de desamparo, foi finalmente atendida:

– Parabéns! Sou o doutor Edson – sorriu-lhe o ginecologista, amigoso, que completou. – Você deve estar muito feliz.

– Feliz, eu? Como posso estar feliz, doutor, com tantos problemas? E agora, mais esse...

– A vida fala mais alto que todos os problemas, e o tempo, que trabalha para ela, encarrega-se de resolvê-los, a todos. E, minha filha, filhos não são problemas, mas, sim, sublimes empréstimos que Deus concede.

Quando as últimas estruturas psíquicas de Ester desabaram e ela começou a chorar, o médico, sempre paternal, confortou-a:

– Eu e minha mulher queremos tanto um filho e não temos essa felicidade. Se você quiser, quando seu bebê chegar, nós ficaremos com ele e seremos bons pais. Com a condição de você nunca mais vê-lo.

No instante Ester arregalou os olhos, superou o enjoo e quase gritou:

– O filho é meu! Ninguém me toma! Serei a melhor mãe do mundo!

– Claro, minha filha, eu estava só motivando-a. Cuide bem dele.

Sim, a vida fala mais alto que tudo, no plano existencial, pois ela é criação divina. Com humildade, conjecturamos ser ela, a vida, a primeira de todas as criações de Deus. Assim, a maternidade é o sublime energético que demanda de uma vida, gerando outra vida. E tão poderoso é esse influxo que podemos também supor que sempre há um Anjo presente quando se fundem, numa só, as duas microscópicas células, feminina e masculina.

Ester vinha de sucessivas provações e privações, estando desnutrida e psiquicamente abalada, pois não dormia direito, tendo pesadelos constantes. Nesses sonhos tormentosos, recentes, via-se frente a frente com uma mulher que expelia faíscas pelo corpo, olhando-a raivosa. Reconheceu-a, desde o primeiro pesadelo: era aquele Espírito inimigo natural dos Heinrich – pai e filho –, e que pelos “trabalhos” que Campos realizava, havia aumentado tal inimizade. Arrependeu-se de ter participado de tais reuniões.

O médico, vendo-a melhorar, dispensou-a, reiterando a necessidade de, no mínimo uma vez por mês, retornar à consulta.

À saída do OS, Ester viu uma antiga companheira, que havia se transferido do PS Municipal para aquele Posto Médico.

– Oi, Marlene, quanto tempo...

– Ester! Como vai?

– Mais ou menos... Grávida...

– Que maravilha! Deus abençoe você e seu filho!

– Obrigada, Marlene. Veja você, como são as coisas: eu não esperava esse filho e parece que “o meu marido” também não o queria, mas na hora que o doutor Edson pediu que eu desse o bebê para ele, aconteceu uma coisa que eu nem sei explicar: uma força, dentro de mim, como se a própria criança me abraçasse, implorando para eu não a abandonar. Quase passei uma descompostura no médico.

Marlene não conseguiu conter o riso. Sem entender tal reação, Ester, com algum constrangimento, repreendeu levemente a amiga:

– Não estou entendendo seu riso. Qual a graça?

– O doutor Edson tem nove filhos, bobinha. Ele sempre fala assim para as futuras mães que se assustam com a notícia da gravidez.

– Mas... disse-me que a mulher dele não consegue engravidar...

– Hum... O décimo já vem vindo...

Agora, riram ambas.

Embora com amparo de seu protetor espiritual, Ester, atraída mais pelo enxoval e pela eventual cesta básica, matriculou-se no "curso de mãezinhas". No decorrer do curso, num ambiente de muito carinho e compreensão, assim como as demais alunas, acabou por narrar à responsável e para que todas as colegas ouvissem, todos os seus problemas.

June, a responsável, incentivava todas aquelas sofridas mulheres, insuflando-lhes noções evangélicas, com muito tato, fazendo-as compreender a essência da vida, dom supremo de Deus a cada ser humano.

Lamentando-se pela perda do fabuloso emprego na "H&H" e os subsequentes percalços pelos quais passara e estava passando, ouviu um dia:

– Todas as gestantes do mundo, ao cooperarem diretamente com o plano divino da reencarnação, na verdade, tornam-se "secretárias do Pai". E não é só durante a gravidez, pois a criação de um filho é um permanente exercício de amor. Vocês nunca tinham pensado nisso?

Não. Nenhuma daquelas mulheres tinha tal concepção da gravidez.

– Pois, é – complementou June. – Somos todos filhos de Deus e quando a mulher é mãe, transforma-se em sublime veículo pelo qual o Espírito retorna ao plano encarnado. Esse "emprego" tem salário pago pelo Criador. E não me perguntem qual é esse salário, apenas no seu coração está a resposta.

Como as mulheres demonstrassem grande interesse no tema, disse ainda:

– Não existe dinheiro no mundo que proporcione a felicidade de ser mãe. Se alguma mulher não se sente feliz com a futura maternidade, podemos admitir que provavelmente ela está sob temporária perturbação espiritual.

– June – perguntou-lhe uma gestante –, você é mãe?

– Sou. O doutor Edson é meu marido. Aliás, é o atual presidente deste Centro Espírita.

– Por Jesus – espantou-se Ester – então você está...

– Sim, também estou grávida. Será nosso décimo filho.

O encaminhamento de Ester, tanto àquele Posto Médico no qual foi atendida, quanto ao Centro Espírita, deveu-se à caridade de Jesus, pelo amparo do seu Espírito protetor.

Acaso existe?

Decisivamente, não!

Allan Kardec, em O “Livro dos Espíritos”, à questão nº 8, isto é, logo no início, interrogou os Espíritos do Senhor sobre o acaso, num amplo contexto e obteve como resposta que o acaso não faz parte do Plano de Deus, nem no menor dos acontecimentos.

Assim, probante de que o acaso inexistente mesmo, foi o fato seguinte, com Campos. O ex-motorista da “H&H” continuava realizando as equivocadas reuniões de mediunismo, já que o aprendizado da moral cristã, pelo estudo evangélico, e mais que isso, a prática da caridade, ali não eram o objetivo, e, sim, angariar o concurso de Espíritos para a solução de problemas materiais.

Desempregado há meses, não conseguia arranjar trabalho e cada vez mais culpava Karl pelos seus problemas.

Sobrevivia à custa de algum dinheiro recebido por pessoas que o procuravam solicitando sua intermediação junto aos Espíritos, para solução de problemas – triplo equívoco: dos consulentes; dele, Campos e dos Espíritos que o atendiam.

Numa daquelas reuniões, novamente a Caridade de Jesus manifestou-se-lhe, só que dessa vez na derradeira oportunidade de

modificar tão danosa tendência e iniciar, para já, a autorreforma moral. Na recusa, teria que realizar o mesmo roteiro de progresso, só que com a companhia de sofrimentos, de vez que teria se mostrado impenetrável aos inúmeros chamamentos ao dever.

Não podemos excluir Campos, Helmuth e outros Espíritos afins, aqui citados, de um mesmo grupo de seres comprometidos entre si e com o passado, na atualidade situados na tangente divisória entre o arrependimento e a compulsoriedade dos resgates. A Jules, estava delegada a tarefa de promover tais reencontros para se reconciliarem.

Também, não por acaso.

Jules, por intermédio de um dos médiuns de psicofonia, vulgarmente chamada de "incorporação", aproximou-se de Campos, numa das suas infelizes reuniões com Espíritos infelizes. Esse médium, já há algum tempo estava descontente com sua participação ali, refletindo que aquilo não era correto. Essa postura facilitou a Jules utilizar-se dele, embora com enorme dificuldade para transpor a barreira fluídica que de há muito se formara naquele ambiente.

Ali estavam vários Espíritos fixados nos prazeres terrenos, sob comando direto de "F A", ausente no momento. Jules teve, inclusive, que fazer intenso esforço em modificar sua vibração espiritual, baixando-a a nível consentâneo com o do médium. Quando conseguiu expressar-se, disse:

– Campos, meu irmão, demais amigos. Sou humilde servidor de Jesus e venho em nome d'Ele, que ama a todos nós, para fazer-lhes um pedido.

Impaciente e agressivo, Campos atalhou:

– Aqui, quem faz os pedidos somos nós, ou melhor, damos ordens para vocês desse lado aí... aliás, me responda, como é que sabe meu nome, se eu nunca o vi ou ouvi falar de você?

– Nós já nos conhecemos, do passado...

– Como? Nem sei quem é você. Como é seu nome?

Campos estava desconcertado, com dúvidas e medo.

Jules, sempre humilde e conselheiro, prosseguiu:

– Sou Jules. Meu pedido é para o bem de vocês. Estudem e analisem o “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, particularmente todo o Capítulo XXVI – “Perguntas que se podem fazer aos Espíritos” e complementem a leitura e estudos com a questão nº 304, do Capítulo XXVIII – “Médiuns interesseiros”, do mesmo livro.

– Para quê? Para mudar nosso trabalho? Você está pondo defeito nas nossas reuniões?

– De forma alguma eu viria aqui para julgar as atividades de vocês. Cada ser é responsável pelos seus atos. Quanto a mudanças, exigem sempre coragem, determinação. Como disse, sou pequeno trabalhador, que vem pedir, jamais para impor, menos ainda condenar.

– Estou sentindo que você quer nos falar mais alguma coisa... Pode falar para mim, que eu decidirei por todos, já que a casa é minha e nela mando eu.

– Na verdade, sim, tenho algo importante a dizer, mas não apenas para você, mas para todos que me ouvem. Estão chegando os tempos em que vocês serão convocados a prestar contas do que estão fazendo.

– Espere um pouco, prestar contas para quem?

– À própria consciência.

– Ora, meu amigo, diga logo o que você quer e se retire depois, pois temos muito a fazer.

– Vou retirar-me. Antes, peço a cada um que consulte o coração e responda, não para mim, mas para si próprio: o que vem fazendo aqui, há tanto tempo, trouxe-lhe felicidade?

Jules disse essas palavras com tanta humildade, sem qualquer conotação condenatória. Tocados no íntimo, os médiuns refletiram, mesmo, que não eram felizes. Campos, o líder, teve a sensação de que um tribunal íntimo se instalara de repente e vozes interiores, vindas da alma, respondiam à simples pergunta daquele desconhecido: “não sou feliz com o que faço aqui”.

Nesse momento, algo de impressionante beleza existencial aconteceu, a pequena sala fora iluminada por claridade emergente e suave perfume tresandou pelo ambiente, fato jamais sucedido ali.

Com a maior simplicidade, Jules solicitou permissão para orar e como Campos se mantivesse silente, recitou, com a voz do coração, a prece do "Pai Nosso". Aí, graças à Bondade de Jesus, Jules conseguiu transferir-lhe fluidos altamente energizados, que lhe possibilitaram, inclusive, a mediunidade da vidência, inda que episódica, mas por absoluta necessidade do auxílio em andamento. E Campos viu com quem estava falando, com um Espírito de semblante amigo, em atitude de comovente humildade. Reconheceu-o:

– O rei! O rei!

Ajoelhou-se e começou a chorar, compulsivamente, ao reconhecer o antigo monarca, tantas vidas passadas.

– Levante-se, Campos, não sou mais rei e, sim, um simples servo do Senhor.

– Jules, anjo bom – disse por fim, Campos, conseguindo controlar-se em parte –, sou um pobre sofredor, nada dá certo na minha vida. Vivo doloridamente. Minha vida nunca foi boa, mas nos últimos tempos está insuportável. Que posso fazer?

– Seguir o mandamento de Jesus que recomenda que as bênçãos recebidas do Pai, jamais sejam comercializadas. E, infelizmente, meu filho, a maneira equivocada como vocês recebem visitantes espirituais já transformou essa casa numa loja de comércio espiritual. Inclusive, há em torno da sua casa uma espécie de cerca de espinhos, havendo uma pequena abertura, por onde entram só os Espíritos que são atraídos para esse comércio.

– Oh! Quando eu permito que os médiuns conversem com as almas é para ajudar alguém...

– Faça um exame de consciência e diga-me o que tem feito da mediunidade que Deus lhe emprestou. Deveria ser exercida a benefício do próximo, de maneira inteiramente desinteressada e, no entanto, o que mais se cuida neste grupo é do interesse próprio.

– Interesse próprio? Isso é interesse próprio? Nunca estive tão infeliz e o senhor me diz que eu deveria agir de modo diferente?

– Você e os demais só estão infelizes porque se afastaram do Evangelho de Jesus. Aliás, estou aqui porque o Cristo, na sua incomensurável caridade, autorizou que vocês fossem lembrados dos deveres de todo médium. Devo esclarecer-lhes que até aqui seu livre-arbítrio foi inteiramente respeitado e é por isso que vocês conseguem recepcionar os companheiros desencarnados com os quais estabelecem planos. Mas, respondam-me com sinceridade: até agora, qual o sucesso dos planos que vocês fizeram? Como você próprio diz, Campos, como vem vivendo nos últimos tempos?

Campos caiu em si. Com profundo mal-estar íntimo, não físico, mas algo assim como se de repente o peito encostasse num bloco de gelo.

Jules concluiu:

– Deus, de infinito amor, zela permanentemente por todos os Seus filhos. As Leis Divinas que operam em nosso favor advertem que é chegada a hora de você, Campos, e seu grupo de encarnados e desencarnados, despertarem para as responsabilidades do trabalho construtivo. Não sou ninguém para julgá-los, apenas um irmão, igualmente com erros.

Dirigiu-se aos outros médiuns e aos Espíritos desencarnados:

– Imploro a vocês que pensem em Jesus, neste momento, ao menos por um segundo, pregando o Sermão das Bem-aventuranças, dizendo-nos *“Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei”*²².

Grande paz, pela primeira vez, reinou naquele tosco ambiente, favorecendo aos médiuns e aos Espíritos desencarnados que ali viviam estacionários, quase que o tempo todo, e não apenas durante as perturbadas reuniões.

²² Mateus, 11:28 - Nota do Médium

As palavras de Jules, referentes a Jesus e ao autoexame, reverberaram em todos e sem grande dificuldade, concluíram que eram mesmo infelizes.

"F A", mesmo distante, captou a mudança brusca da sintonia dos seus auxiliares e correu para verificar a causa daquela "anormalidade". Ao chegar, não conseguiu aproximar-se, desacreditando no que via.

De fato, quem, encarnado, se estivesse do lado de fora daquela casa e tivesse a condição de ver a sombria paisagem espiritual na qual vivia mergulhada, se espantaria com a metamorfose que se operou. A casa, até então "embrulhada" em algo semelhante a grandes plásticos, dos usados para cobrir grãos ou mercadorias, estocadas em pátios, protegendo-os da chuva, começou a iluminar-se, de fora para dentro, por focos de luz, concentrados, que varavam aquelas paredes e a própria noite.

O mais extraordinário do encantador fenômeno espiritual é que as luzes, após desintegrarem a infeliz barreira de espinhos, atravessavam as paredes e clareando o ambiente, como que acariciavam os presentes dos dois planos da vida.

A grande cobertura fluídica negativa sobre a casa, da cor do ébano, começou a dissolver-se, pouco a pouco e após alguns minutos, desapareceu por completo.

É notável o efeito da paz nos corações, mensageira da felicidade, quando chega, na maioria dos casos proporciona bem-estar tão grande às criaturas que muitas delas, no geral, vindas de demorados sofrimentos, choram.

Ali não foi diferente. Fazendo um enorme esforço para "não desatar a chorar como mulher" os médiuns masculinos perderam essa batalha fazendo coro com as mulheres participantes da reunião, ninguém ficou sem chorar. A emoção detonou a barreira que separa os dois planos da vida e as lágrimas, represadas desde há muito, por tantas decepções, frustrações, angústias e dores morais, jorraram face abaixo.

Campos, mola mestra do grupo dos encarnados, sentiu outra sensação vinda da alma, que parecia crescer dentro do peito, invadida por um sentimento tão doce como jamais experimentara em toda a vida.

Outro componente interessante da felicidade é que ela é contagiante e esse foi o motivo pelo qual os médiuns, vendo o "chefe" tão sensibilizado, sentindo que as palavras e o carinho de Jules eram também para eles próprios, desabaram mesmo em prantos convulsos. Espíritos de há muito mergulhados em infelizes comportamentos e tarefas comandadas por "F A", das quais sempre resultavam problemas para os encarnados aos quais assediavam, captaram que aquele se lhes apresentava como um instante crucial de decisão: abandonar o que vinham fazendo e acompanhar Jules rumo a um novo porvir que lhes trouxesse ao menos um pouco daquela paz agora experimentada ou permanecer no que vinham fazendo. A emoção que a todos envolveu e as lágrimas que igualmente lhes assomaram inesperadas, decidiram por eles: acercaram-se de Jules e tentaram beijar-lhe as mãos, muitos deles ajoelhados e cabisbaixos como Campos ainda permanecia.

Jules retribuiu o gesto beijando as mãos e a face de um por um dos Espíritos. Demonstrando grande senso de oportunidade, congratulou-se não só com os desencarnados mas também com os médiuns. Aconselhou todos a buscarem ajuda divina sempre pela prece e jamais evocarem Espíritos para a solução de problemas materiais. Exemplificando, proferiu uma prece deixando que o coração falasse mais que a própria mente:

"Oh!, meu Jesus, quantas graças recebemos todos nós aqui, reunidos em Seu nome. Somos os pecadores arrependidos que nesta noite de reflexão e de mudança de rota moral declaramos nossa vontade de caminhar na Sua direção. Rogamos que nos aceite como os mais humildes tarefeiros do Seu Evangelho, na sacrossanta cruzada redentora a que agora nos propomos. Obrigado, Jesus!"

Jules demonstrava ali rara humildade, em se comparando com os demais, postura essa absolutamente sincera, fato comprovado pelas luzes que agora se desprendiam do seu peito e alcançavam um a um dos que ali se encontravam.

Assim, já não era apenas a casa que brilhava dentro da noite, mas grande área adjacente, fato que atraiu muitos Espíritos bondosos que, em coro, começaram a entoar uma suave canção:

*"Nossos corações se enchem desta paz e de luz
E da felicidade que estas almas solfejam
Ao Céu, na mensagem dos arrependidos, a Jesus
Dizendo: vamos para os justos que lá estejam".*

Estrilho:

*"Noventa e nove justos alegres, com o Cristo
Esperam um arrependido, que ao Céu chega benquisto".*

Ao afastar-se, Jules viu "F A", destilando tremendo ódio. Olhou-a com ternura inexecidível, mas isso só fez aumentar mais ainda a ira dela:

– Um dia me vingarei dessa expulsão!

Desapareceu dentro da noite, repetindo que tinha sido expulsa, ciente de que ali jamais poderia realizar as atividades que até então comandava.

Ninguém testemunhou as lágrimas a se derramarem em Jules. Aliás, apenas as estrelas.

A primeira coisa que Campos fez quando a reunião se encerrou foi rebuscar nas suas coisas para ver se encontrava o "O Livro dos Médiuns". No peito, ardia-lhe a curiosidade para ler o capítulo que o antigo rei, isto é, aquele Anjo, "viera do além para recomendá-lo". Comentou com os médiuns que iam saindo, cabisbaixos:

– Não tenho o livro que o Anjo recomendou que todos lêssemos...

– Eu tenho – atalhou Euzébio, seu vizinho, um homem idoso e que ali viera pela segunda vez, para assistir às reuniões, e que ofertou. – Vou buscá-lo.

Quando Euzébio voltou com o livro, Campos já estava sozinho, no portão, aguardando, olhando para o céu, enlevado com as estrelas. Os médiuns já tinham ido para suas casas.

– Sonhando acordado? – brincou Euzébio.

– Parece que sim, senhor Euzébio. Gosto do céu estrelado e estava aqui namorando aquela estrela diferente, alguém me disse que se chama “Próxima Centauri”, quando parece que ouvi algum coral... Nisso, vi um raio de fogo lambar o céu. Parece que saiu lá da estrela.

– Que bom! Fenômenos celestes podem ser um sinal de Deus. Os povos antigos diziam que um arco-íris era sinal de festa no céu. Como o arco-íris dura alguns minutos, todos são convidados, mas como o “raio de fogo” dura só um segundo, é um telegrama, só para quem o vê.

– E como seriam essas festas no céu?

– Bem... Jesus disse que há mais alegria no Céu por um pecador que se arrependa do que por noventa e nove justos que lá estejam... E eu considero que hoje, graças a Deus, muitos foram os arrependidos...

– O senhor tem razão. Venho pensando há algum tempo, que não é bom nós nos unirmos a Espíritos para obrigá-los a fazer coisas em nosso favor. Vou encerrar em definitivo essas reuniões.

– Encerrá-las aqui na sua casa, sim, mas em definitivo, nada disso, se me permite! Vamos apenas transformá-las, de balcão de pedidos materiais em pronto-socorro espiritual. Encontraremos um Centro Espírita que nos acolha e onde possamos estudar o Espiritismo e ao mesmo tempo exercer as nossas faculdades mediúnicas. Assim, ao invés de pedir, vamos doar...

– ?!

– Isso mesmo. Médiuns têm mais é que ajudar os Espíritos necessitados, doando-lhes seus fluidos salutaros, de energia vital.

E, mais que tudo, junto com esclarecimentos evangélicos, a fraternidade. Amor, enfim. Deus, que tudo vê, sempre fará retornar bênçãos ao doador.

– Minha alma diz que o senhor tem razão.

– Sabe, senhor Campos, é Jesus que o está esclarecendo e ajudando a entender os objetivos divinos da mediunidade. Exercitá-la em benefício do próximo e sempre de forma desinteressada. Peço que o senhor me desculpe a sinceridade, mas eu hoje vim disposto ou a conversar com o senhor ou abandonar essas reuniões.

– Mas... o que o senhor queria conversar? Alguém aqui o ofendeu ou prometeu resolver algum problema seu e não cumpriu a promessa?

– Nada disso, pelo contrário, vocês são bons, o que acontece é que minha formação espírita impede de aceitar mediunidade associada à solução de problemas materiais. Preces sinceras, dirigidas ao Plano Maior, sempre são atendidas por Jesus, que autoriza a Mensageiros Celestiais prestar o auxílio solicitado. Naturalmente, o merecimento é determinante de como será essa ajuda, mas em qualquer caso, sempre ela ocorre: integral ou em parte. Sou seu vizinho há pouco tempo e pela primeira vez, na semana passada, compareci à sua reunião pensando que nela encontraria Kardec...

– O dono do Espiritismo?

– O Espiritismo não tem dono, sendo oriundo de Espíritos do Senhor, que assistiram Allan Kardec para que o codificasse, desse-lhe feição de códigos, isto é, que fosse formado por um sistema estabelecido em bases pedagógicas, fáceis de serem assimiladas por qualquer pessoa, independente do grau intelectual.

– Ele ficou rico?

– De forma alguma. Era professor e viveu do seu salário como mestre. Começou a vender grande quantidade dos livros que tinha escrito, após um fato marcante na história do Espiritismo: no dia 9 de outubro de 1861, na cidade de Barcelona, Espanha, foram

queimados em praça pública 300 volumes de obras e opúsculos espíritas, a maioria com a assinatura dele.

– Quais?

– Exemplares de “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, alguns exemplares da “Revista Espírita” e de “O Que é o Espiritismo”, além dessas, algumas publicações francesas, em menor número, de outros autores, também sobre o Espiritismo. Kardec ficou bastante preocupado e chegou a pensar em impetrar um processo jurídico internacional, sendo aconselhado pelos Espíritos que o arrimavam, que se mantivesse confiante em Deus e nada fizesse. Bem, o tal auto de fé, como foi denominada a atitude inquisitorial, teve efeito oposto ao esperado por quem o tinha determinado, o Bispo de Barcelona. Em toda parte, desde aquela cidade, no país e no mundo, a opinião pública comoveu-se com aquilo, mas ao mesmo tempo quis saber do que se tratava. Resultado: os pedidos para Allan Kardec “choveram” de todos os lados, levando-o a vender grande quantidade de exemplares.

– E daí, o que ele fazia com o dinheiro das vendas?

– Reverteu-o em novas edições, além de manter em pleno funcionamento a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que ele próprio fundara em 1858; manteve, ainda, a publicação da “Revista Espírita”, fundada naquele ano, até sua desencarnação, em 1869.

– Mas, sendo autor dos livros, não pegava nem um pouquinho para ele?

– Absolutamente nada! A todos os cristãos, Jesus fez uma recomendação séria quanto a dinheiro: “*dai de graça o que de graça recebestes*”. Aliás, Kardec sabia que se não fossem os Espíritos ajudarem-no, ele sozinho não teria condição de sistematizar o Espiritismo, elaborando o trabalho de trazer as luzes espirituais para o mundo, presente sublime que Jesus prometeu quando disse: “*Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que*

*fique eternamente convosco! ... Vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito*²³.

Euzébio fez uma grande pausa. Passou o exemplar de "O Livro dos Médiuns" às mãos de Campos e ao se despedir, comentou:

– O capítulo que aquele Espírito amigo sugeriu responde a muitas perguntas que você não me fez.

Campos passou a noite lendo o livro.

De verdade, muita coisa que ele nem sequer suspeitava, aprendeu em pouco tempo, ressoando em seus ouvidos a frase do Mestre: "dai de graça...".

Prometeu solenemente, a si mesmo, que jamais aceitaria quaisquer presentes, fossem em dinheiro, roupas, objetos, alimentos etc., ou sequer uma jabuticaba que ele tanto as apreciava e delas vivia "sugerindo" doações a todos que atendia, ou melhor, às pessoas que buscavam sua intermediação com Espíritos, para que eles resolvessem problemas.

No dia seguinte, cedinho, tendo dormido apenas duas horas, foi procurar Ester na firma em que ela trabalhava. Surpreso, ficou sabendo que ela não mais trabalhava ali, tendo pedido demissão há três semanas. Ninguém conseguiu dar-lhe a menor indicação do paradeiro dela. Voltou para casa, desorientado. Veio-lhe à mente que os Espíritos que sempre o obedeciam poderiam ajudá-lo a localizar Ester e fazê-la voltar para ele. Mas, também em seguida, lembrou-se dos conselhos de Jules e de Euzébio, ambos recomendando que jamais se deve evocar Espíritos para solução de problemas materiais.

E aquele era um problema material, só dele. Refletiu demorado tempo sobre a Lei Divina de ação e reação. Fez um retrospecto mental da sua vida e logo uma certeza e uma dúvida vieram-lhe no pensamento.

²³ João, 14:15,16,26 - Nota do Médium

A certeza de que Ester representava seu ideal, era a metade que faltava ao seu coração, com ela vivera os melhores momentos da existência. Por que não descobrira isso antes? Como a deixara ir-se? Sem ao menos saber para onde.

A dúvida de que tantas e tantas vezes dardejara ódio contra o senhor Karl que talvez, por isso, seus problemas de agora nada mais seriam do que o retorno à origem, ele próprio, daqueles dardos mentais envenenados.

Estas simples reflexões atraíram Jules que passou a intuí-lo: a prece. Lembrou-se, na sequência dos pensamentos, de que Jules lhe respondera ser a prece a melhor maneira de acalmar todos os sofrimentos, aliviar todas as dores, e mais que tudo, encontrar forças para resistir às tentações e conseguir ajuda divina. Aliás, Jules, ali presente, ele próprio o recordara disso.

Arrependeu-se na hora de nem sequer ter pensado em voltar a evocar Espíritos. Decidiu orar. Por julgar que seria melhor atendido, ajoelhou-se no meio da pequena sala, aquela mesma onde antes realizava as infelizes reuniões. Cabisbaixo, orou: *"Meu Pai, não tenho sido bom filho, bom homem, bom médium... Nada, nada! Tenho errado em tudo, tudo! Mas quero recomeçar e colocar ordem na bagunça que está minha vida. Será que o Senhor não pode emprestar um Anjo para me orientar? Só até eu sair do atoleiro em que me encontro... Nem sei se estou orando do jeito certo, mas é de coração! Estou pronto para pagar minhas dívidas, só peço ao Senhor para ter um pouquinho mais de paciência e me dar um tempinho. Vou buscar a Ester e se ela me quiser de volta, vamos nos casar. Já que estou me abrindo, preciso confessar que estou arrependido, muito arrependido de desejar coisas ruins para o senhor Karl. Eu era um motorista muito folgado, mesmo. Proteja-o, Senhor, sempre!"*

Definitivamente, aquela alma despertara para as claridades evangélicas.

Jules chorava, feliz. Outros Espíritos bons foram atraídos e se comoveram com a rude sinceridade de Campos a extravasar-lhe do sofrido coração.

Campos ainda ia dizer mais coisas para Deus, pois julgava-se “confessando” da mesma forma como aprendera quando criança, com seus pais, aos quais abandonara há anos.

Batidas leves na porta interromperam aquele que era um sublime instante de comunhão da criatura com o Criador. Com ingênua suavidade interrompeu a prece, murmurando: *“Deus-Pai: ainda tenho muitas coisas para falar com o Senhor. Vou ver quem me procura e volto logo”*.

Abriu a porta. Era ela: Ester.

O mundo pareceu girar vertiginosamente e ele, por uma fração de segundo, sentiu-se qual astronauta em órbita.

A impressão foi rápida, mas forte.

E era verdade. Ela estava ali, bem à sua frente.

Ester trazia no olhar duas expressões que Campos jamais vislumbrara nela: humildade e fulgor. A primeira, autoexplicativa, noticiava a decisão de reatar com ele. Com efeito, Ester se dispusera a promover convivência pacífica com o ex-amante, para o que contava com a ajuda de Jesus. Sim, em preces ao Cristo, vinha suplicando que Campos interrompesse “aquelas reuniões” com os Espíritos, pois hoje estava absolutamente convicta de que era por causa daquilo que ambos foram alcançados por tantos problemas.

A segunda expressão, o fulgor...

– Ester!

– Campos, voltei, para ficarmos juntos, se você ainda me quiser e se Deus permitir...

Abraçaram-se com grande ardor, por demorado tempo. Rosto a rosto, olhando-se intensamente, logo trocaram um ardente beijo. Ardente mesmo. O amor, agora convidado especial dos seus corações, os visitava e eles o hospedaram em suas almas, para sempre.

– Preciso ser sincera com você.

– Ora, Ester, você voltou para mim e isso é tudo quanto eu queria... Aliás, quem vai ser sincero, serei eu: agora mesmo estava fazendo uma prece, pedindo a Deus Pai para que você voltasse. Não é sensacional? Deus é demais, demais!

– É sobre minha volta que quero falar... Não voltei sozinha...

– ?!

– Isso mesmo: não estou só. Estou com meu filho...

– Filho? Desde quando? Onde? Onde? Lá fora?

Ester respondeu passando a mão com delicadeza sobre a barriga.

Campos ouviu, então, a frase mais doce de toda a sua vida:

– É nosso filho!

Entendeu. Perdeu a voz. Perdeu o fôlego. Num gesto espontâneo, vindo do coração e não do cérebro, ajoelhou-se e com ternura colou o ouvido à barriga de Ester, assim ficando alguns instantes. Intuiu, no mesmo instante, que o filho era seu, sim. Mas quis ouvir confirmação:

– Meu filho?

– Sim. Seu! E meu! Nosso!

Comovidos, conversaram até a hora do almoço, um contando para o outro tudo o que tinha acontecido naquele breve espaço de tempo em que tinham ficado separados. Ao final, duas decisões: a primeira, iriam se casar e a segunda, a de que, juntos, passariam a frequentar o “Centro Espírita do doutor Edson”.

• • •

Na “H&H”, a ideia da cogestão sugerida por Karl, de início, sofreu grande rejeição, não só por parte de muitos empregados, mas principalmente por parte das concessionárias que comercializavam os veículos da marca.

O presidente realizou repetidas e minuciosas reuniões com os diretores e principalmente com o Conselho de Acionistas, contando sempre com apoio jurídico de renomados advogados trabalhistas e tributaristas. Convocava sempre representantes dos sindicatos ligados à área automotiva, incentivando-os a opinar. E, principalmente, convidou especialistas em “marketing”.

Tão forte foi o empenho de Karl, cuja sinceridade de propósitos a todos impressionara, que o plano acabou sendo aceito pela maioria, conquanto com modificações que não causaram prejuízo à ideia original, integração total dos empregados.

A seguir, uma bem orientada campanha publicitária despertou curiosidade em vários segmentos industriais e comerciais, muitos deles nem mesmo ligados ao ramo automobilístico. Todos queriam saber como e por que aquela tradicional fábrica de automóveis mudara tão radicalmente seus métodos, fabris e administrativos.

Nos dias seguintes, enquanto Karl administrava a transformação na “H&H”, assessorado por Evaldo, Cássia foi em busca do Juizado de Menores para a adoção de um filho.

Passaram-se dois meses e a adoção não prosperava, pois nenhuma das crianças indicadas pelas Assistentes Sociais do Juizado de Menores sensibilizou o coração de Cássia.

Surgiu outro feriado próximo ao fim de semana e mais uma vez o casal decidiu ir para as montanhas. Dessa vez, convidaram Angélica para ir com eles. Na véspera, Cássia perguntou à filha:

– Vou com seu pai amanhã para Campos do Jordão. Imaginamos que talvez fosse bom você ir conosco, para descansar um pouco, pois os exames do vestibular estão deixando-a muito tensa, sem apetite...

– Não sei, mãe, talvez seja melhor eu ficar... Não ando disposta...

– O clima de lá é tão salutar que só bem poderá fazer a você.

– Vou verificar quais as provas da semana que vem e logo mais à noite dou a resposta.

À noite, quando voltou da casa das colegas, onde foi estudar, Angélica procurou os pais:

– Decidi ir com vocês.

– Que bom! Arrume sua mala e não se esqueça de que lá é muito frio. De dia até podemos usar bermuda, mas à noite, só com um abrigo bem quentinho.

– Quero pedir uma coisa: gostaria que o Tom fosse conosco.

– O quê?! O incendiário, filho daquele gerente bajulador? Nem pensar... nem pensar... – atalhou Cássia, irritada.

– Ex-gerente – corrigiu-a Karl, questionando. – O que tem aquele rapazinho a ver com você? Será que vocês... estão de namoro?

– Mais ou menos, pai. Mas nada sério. Só que ele é meu melhor amigo e se não fosse ele eu nem conseguiria entender muitas matérias.

– Minha filha – ponderou Cássia –, podendo ter os melhores professores do mundo, você vai procurar justamente aquele rapaz complicado? Já se esqueceu dos delírios que ele tem? Aquela gente é muito esquisita e o melhor para você é ficar longe dele.

– Não, mãe, ele não tem delírios. É uma pessoa bondosa e é meu amigo. Quanto ao pai dele, desde que papai o demitiu, vem passando por muitas humilhações, pois ninguém quer dar-lhe um emprego no nível do que tinha na “H&H”.

– O quê? – atalhou Karl – quem trabalha para mim é sempre cobijado profissionalmente pelos concorrentes!

– Não sei disso, pois no caso dele andaram espalhando que foi ele que provocou aqueles dois incêndios, um em cada fábrica.

– Ele?! Por que faria uma coisa dessas?

– Por vingança, é o que dizem.

– Muito bem... vingança de quê?

– O primeiro incêndio, por causa do senhor afastá-lo da família e o segundo, por ter ido lá e tirar toda a autoridade dele, transferindo-a para o engenheiro Evaldo.

– Nunca havia pensado nisso, mas faz sentido. Diga-me, como o filho dele, lá na praia, disse que foi ele que começou os incêndios? De um jeito ou do outro, temos que ambos, pai e filho, são mentirosos, e o que é pior, bandidos.

– Pai, como o senhor pode pensar uma coisa dessas deles? Eu não vou mais com vocês. Vão sozinhos!

Soluçando convulsivamente, Angélica foi para seu quarto. Resistiu a todos os apelos de Cássia para que abrisse a porta, para conversarem.

Nisso, tocou a campainha. Era Tom. Cássia atendeu-o, sem convidá-lo para entrar:

– O que você quer aqui, a essas horas?

– Boa-noite, senhora. Vim devolver um caderno para a Angélica.

– Pode me entregar!

O rapaz, meio sem jeito, entregou o caderno à dona da casa, quando Karl aproximou-se e ironizou:

– Ora, ora, então o “professor” veio ver a aluna?

– Boa noite, doutor Karl. Não sou professor, na verdade, eu vim para contar a ela...

– Contar, o quê?

Embaraçado, Tom não respondeu. Ante a agressividade com que foi recepcionado, sentia-se extremamente constrangido.

– Voltarei outra hora, para falar com ela.

Ia se retirando quando Angélica assomou à porta, vindo do seu quarto ao ouvir a voz de Tom.

– Tom! – exclamou Angélica, que passou pelos pais e ficou bem juntinho do colega, numa demonstração clara de que lado estava.

– Ele veio trazer um caderno para você... só que o caderno é dele – disse Cássia, entregando o caderno de volta a Tom.

– Você não tinha outro golpe mais inteligente para vir aqui nos perturbar? – fulminou-o Karl.

Cássia fez-lhe coro na agressão:

– Vamos ter que tomar sérias providências para lhe dar mais um pouquinho de educação.

Angélica, alheia às ameaças dos pais e demonstrando intenso nervosismo pegou na mão de Tom e perguntou-lhe, aflita:

– Tom, qual o resultado?

Corando intensamente, trêmulo, envergonhado, Tom ia dizer algo quando um fato surpreendente assustou aos quatro, de forma espontânea, o caderno começou a fumer e logo se incendiou. Tom arremessou-o ao chão e pisou-o.

– Jesus Cristo, protegei-nos – balbuciou Cássia, apavorada.

Em resposta à rogativa, Jules apresentou-se, no mesmo instante. Os restos de folhas chamuscadas, as cinzas, a fumaça e o cheiro de papel queimado comprovavam o incrível fenômeno de efeito físico que a mediunidade de Tom proporcionara.

O próprio Tom estava assustado, ele que de forma inconsciente emprestara seus fluidos específicos ao Espírito da mulher que era chamada de “Fogo Aceso” por infelizes auxiliares.

Ali, “F A” agia sozinha; de há muito, todos os auxiliares tinham a abandonado. Muitos deles, com a motivação de reconstruir suas vidas, iam agora, com Campos, Ester e Euzébio ao Centro Espírita que eles passaram a frequentar, dirigido pelo doutor Edson.

A figura de “F A”, medonha, felizmente não foi vista por nenhum dos encarnados, pois a simples visão de tão sinistra entidade poderia desequilibrá-los. Até mesmo Karl, cuja vidência vinha acentuando-se, naquele momento teve a proteção espiritual de não vê-la.

A chegada de Jules surpreendeu ao Espírito tão infeliz, no momento preciso que utilizara os fluidos de Tom para incendiar o caderno, na desesperada tentativa de desestabilizar a família de

Karl, tendo induzido Tom a ir ali, àquela hora, para provocar mesmo confusão.

Antes de Jules abrir a boca para dizer-lhe palavras fraternais, "F A" abandonou o local em desabalada carreira, desprendendo faíscas que caíam no seu rastro, na fantástica fuga noite adentro. Desapareceu na escuridão, proferindo imprecações contra tudo e contra todos, em total desequilíbrio.

A simples presença de Jules acalmou o ambiente.

Karl, protetor, abraçou a esposa e pousou o braço com suavidade no ombro da filha, que não se separara de Tom. Tremendo como um gatinho molhado e abandonado, Tom desculpou-se com sincera humildade:

– Perdoem-me... E não queria que essas coisas voltassem a acontecer... Ainda mais com vocês, a quem tanto estimo...

O sentimento nas palavras do jovem era tão comovente e seu olhar para Angélica tão terno, que sensibilizou os donos da casa. Cássia adiantou-se:

– Vamos entrar... ao menos para tomar uma água com açúcar.

Acomodaram-se na ampla sala de visitas e quando Cássia ia à cozinha, ouviu Angélica repetir a pergunta a Tom:

– Pelo amor de Deus... qual foi o resultado?

– Deu *positivo*...

Angélica achegou-se a ele e beijou-o com suavidade.

Olhando firme para os donos da casa, Tom ia contar:

– Dona Cássia, doutor Karl, não vim aqui para tratar da escola. Na verdade, vim para ter uma conversa sincera com vocês. Sobre mim e Angélica.

Cássia e Karl entreolharam-se, espantados e ansiosos.

Angélica interrompeu-o e com um brilho nos olhos nunca visto pelos pais, com lágrimas discretas, participou-lhes:

– Vamos ter um filho!

Pego assim de supetão, o casal sentiu qual se uma bomba explodisse ali na sala, aliás, duas bombas: uma, dentro do coração

de Cássia e outra, na mente de Karl. Cássia, até então de pé, ao lado do marido, não se sentou, desabou. Angélica abraçou Tom e assim permaneceu, sufocando-o, aguardando o que estava por vir, mas demonstrando que o que viesse teria que vir “para os três”.

– Um filho? – tartamudeou Cássia.

– Um neto? – comentou Karl.

– Quando... vocês... – Cássia não conseguia completar a pergunta, de todo inócua.

– Naquela noite que vocês foram para Campos do Jordão – informou Angélica, com precisão, complementando –, aliás, combinei com o Tom que se o resultado dos exames comprovassem gravidez, iríamos contar para vocês lá, por isso insisti para ele nos acompanhar.

– Não é isso que eu queria saber. O que ia perguntar é quando vocês ficaram sabendo que iriam ser pais e quem, qual o médico que lhes disse isso?

– Hoje! – assumiu Tom, acrescentando. – Conte primeiro para papai e mamãe e eles me aconselharam a vir até aqui contar também para vocês.

– Seus pais ficaram sabendo antes de nós? – indignou-se Karl, acostumado a ter primazia em tudo.

– Foi papai que pagou a consulta no médico.

– Que médico?

– Um conhecido dele, o doutor Edson, que é ginecologista.

– E o que o seu pai tem a ver com médicos ginecologistas?

– Mamãe teve um pequeno problema e o doutor Edson atendeu-a, no Posto Médico, pois não temos dinheiro para pagar consulta em consultório particular.

– Mas, se não tinha dinheiro para sua mãe, como é que seu pai arranjou para a Angélica?

– Pediu emprestado. Considerou que a Angélica ficaria em grande constrangimento num Posto Médico onde só são atendidas pessoas pobres.

– Hum... Seu pai agiu bem. Depois, quando souberam o resultado, o que aconselharam seus pais?

– O mesmo que eu próprio já havia decidido: vou assumir toda a responsabilidade e, se a Angélica aceitar, vamos nos casar.

Angélica pulou sobre Tom e beijou-o, entre carinhos delicados. Disse:

– Alguma dúvida, “futuro papai”? Quero, sim, e muito, ser a “senhora Tom”, brincou.

Karl coçou a cabeça e refletiu por vários instantes. Logo, sentenciou:

– É, o melhor e o certo é vocês se casarem. Quero meu neto com meu nome.

A ideia de adotar um filho evaporou-se no ato.

Após breves instantes, Karl interpelou Tom:

– Diga-me, esse negócio do fogo aparecer... isso é comum? Vem acontecendo sempre?

– Não, senhor. Aconteceu na construção da nova fábrica, no pavilhão de pintura da “H&H”, uma vez em casa, queimando um armário, e hoje.

– Temos que saber o que é isso.

– Mais ou menos, eu já sei. O doutor Evaldo me explicou que quando eu fico agitado, de forma inconsciente libero uns fluidos que algum Espírito utiliza para, juntando com os fluidos dele, provocar esses incêndios.

– E ele não disse como você pode se livrar dessa maldição?
– atalhou Cássia.

– Não é maldição, dona Cássia. É mediunidade. O doutor Evaldo explicou-me, sim, como evitar isso. Eu é que não dei ouvidos a ele, mas agora vou fazer o que ele sugeriu.

– E o que foi?

– Sugeriu-me que educasse essa faculdade, frequentando um curso de médiuns, num Centro Espírita. E que por preces atraísse bons Espíritos, pois os maus ou fúteis, que provocam essas coisas, se afastariam.

– E ele garante que com esse curso você vai sarar?

– Não se trata de doença, e, sim, de faculdade mediúnica. O doutor Evaldo esclareceu-me que esses mesmos fluidos que põem fogo nas coisas podem ser direcionados para o bem, isto é, podem “queimar” fluidos ruins de pessoas doentes.

– Você não acha isso meio complicado?

– Reconheço que não é normal tudo isso, mas até hoje ninguém, a não ser o Espiritismo, conseguiu explicar esses fenômenos, com lógica e bom senso, preconizando sua administração em benefício do próximo. Muitos estudiosos da Parapsicologia enquadraram esses fenômenos na condição de paranormalidade, analisando-os quanto à especificidade, repetência, condições do meio onde eclodem, bem como quanto ao agente catalisador, isto é, a pessoa encarnada sem a qual ele não ocorre.

– E o que a pessoa que tem essa faculdade ganha usando-a para ajudar na cura de pessoas doentes?

– O doutor Evaldo disse que não há felicidade igual àquela que sentimos quando ajudamos alguém, pois nesses momentos nós nos tornamos coparticipantes dos planos de Deus, eternamente a nos amparar.

11. AMOR NA TEMPERATURA MÁXIMA

Evaldo, como de costume, antes de dormir, leu uma página de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. A seguir, orou. Adormeceu. Sonhou com um Espírito bondoso que o convidou para, em breve saída, ir com ele a um local distante, conhecer o esconderijo de uma mulher sofrida e tentarem ajudá-la.

Aquiesceu.

Pela manhã, ao acordar, lembrou-se do sonho, mas não do atendimento.

Uma semana após, voltou a ter o mesmo sonho e a relembrar-se dele, ao acordar. Aí, na noite seguinte, após a leitura da página evangélica, orou a Jesus, colocando-se como voluntário ao socorro da mulher necessitada que nem sequer conhecia e sobre a qual não fazia a menor ideia.

Adormeceu.

– Muita paz, Evaldo. Sou Jules.

Era o mensageiro espiritual dos sonhos, que vinha carinhosamente recepcioná-lo na estada de todas as noites, no chamado “reino de Morfeu”, o mitológico deus grego dos sonhos, filho da Noite e do Sono.

Teve leve impressão de já conhecê-lo há muito tempo.

– Como vai, Jules? Sei que há uma mulher precisando de ajuda.

– Isso mesmo. O caso da nossa irmã é grave. Por enquanto, vamos chamá-la de Pérsia.

– Conte comigo.

– Graças a Deus! Contamos com Jesus. Vamos.

Evaldo sentia tranquilidade ao lado de Jules, intuindo que com ele não corria o menor perigo. Fossem aonde fossem. Em passo regular adentraram numa região inóspita, pontilhada de arbustos ressecados, sobre os quais aves de aspecto sinistro volta e

meia agitavam mui lentamente as asas sem saírem do lugar. Uma ou outra ave que intentava voar caía estrepitosamente, emitindo pios lancinantes.

– Não se perturbe, Evaldo, Jesus está conosco! Aliás, nossa missão é deveras importante. Qualquer sensação física de desconforto poderá ser dissipada pela confiança no Amor do Pai. Como você mesmo já disse, nesse momento estamos sendo coparticipantes dos Planos de Deus, no caso, a Caridade. Confie!

– Foi bom você falar isso, Jules, pois estou sentindo um estranho calor, que está aumentando cada vez mais.

– É natural que você tenha essa impressão. Mentalize Jesus e nada lhe acontecerá. Se por outro lado, não houver possibilidade de sua participação nessa tarefa, você será recambiado ao corpo físico, sem nenhum dano. Aliás, devo informá-lo de que foi trazido até perto daqui nos seus sonhos, como treinamento de adaptação a esse ambiente hostil.

Evaldo rememorou, sem cessar, passagens de Jesus, Seus ensinamentos, Seus exemplos, Sua caridade, Seu amor. Prosseguiu. Aliás, prosseguiram.

Saía fumaça do chão.

E esquentava cada vez mais.

Evaldo tinha consciência da elevação da temperatura, mas com o pensamento voltado para o Cristo, imaginava-se mero auxiliar d'Ele, o Bom Pastor, indo socorrer uma ovelha extraviada. Não obstante seu esforço em não fraquejar, o calor crescente e os gases fizeram com que esmorecesse. Jules segurou-lhe a mão e advertiu:

– *“Tende bom ânimo, sou eu, não temais..”*. Lembra-se de quando Jesus disse essas palavras? O Evangelista Mateus narra²⁴ que Pedro e os outros discípulos do Mestre estavam num barco e que o instante era de grande perigo, com o vento forte açoitando o mar. Avistando o Cristo andando sobre as águas, assustaram-se,

²⁴ Mateus, 14:22 a 32 - Nota do Médiun

quando Jesus os encorajou; logo, Pedro também começou a andar sobre o mar a convite de Jesus, contudo, começou a afundar, sendo salvo pelo Mestre que repreendeu-o por ter vacilado na fé.

Evaldo, no mesmo instante, assimilou a advertência e entendeu porque Jules pegou sua mão, com isso lhe dando tanta segurança, estavam aproximando-se de uma cratera fumegante.

– Um vulcão!

– Sim, um vulcão. Só que sob o solo.

– Como assim?

– Se você observar bem verá que estamos numa imensa caverna e essa cratera recebe calor e gases vindos do centro da Terra, os quais impossibilitam qualquer ser vivo de chegar até aqui.

– Mas...

– Já sei... nossa tarefa é tentar transferir daqui um Espírito cristalizado no mal, e com potencialidades mediúnicas transviadas, que se constituem em revestimento perispiritual capaz de possibilitar-lhe refugiar-se por estas bandas.

– Como assim, Jules, “potencialidades mediúnicas transviadas”? Você se refere à Pérsia? Refugiar-se de quem? Ou de quê?

– O Espírito a que me refiro é ela, sim. Dotada de rara capacidade, conquistada após séculos de treinamento, quando se viu na posse plena, optou pela “porta larga da perdição”. Encarnada, em não poucas existências, foi responsável direta por inúmeros incêndios, com vítimas fatais. Desperdiçou todas as oportunidades que lhe foram concedidas pela caridade do Pai, no sentido de refazer tão infeliz roteiro. Acumulou tantos débitos que a Providência Divina receitou-lhe caridosas existências físicas a bordo de uma das mais tristes patologias, o pênfigo foliáceo, mais comumente denominado de “fogo selvagem”. Nem assim permitiu que o coração se pacificasse, ao contrário, mais ódio acumulou na alma, contra a vida, tendo cometido suicídio mais de uma vez.

– Você se referiu a várias existências com o “fogo selvagem”, a suicídio repetido... Tantas eram assim suas dívidas morais?

– Ajuíze você mesmo. Qual o incêndio mais tenebroso que a História registra?

– Santo Deus... Roma?!

– Infelizmente, sim... No ano 64 da era cristã. Não obstante desenfaixada do corpo físico, fazia parte de um grupo de obsessores responsáveis por aquele triste evento. Somente agora, passados tantos séculos, as últimas vítimas se reequilibraram o suficiente para nenhuma delas nutrir-lhe ódio ou ideias vingativas. Mas ela continua se refugiando aqui, temerosa de ser atacada, como tantas vezes o foi, fator que lhe garantiu pequena atenuante em tantos crimes, já que em muitos deles agiu sob poderosa influência hipnótica dos vingadores do passado.

– Mas como conseguiu sobreviver, ou, como consegue viver?

– Seu arcabouço astral permite-lhe estacionar por aqui, livrando-a dos ataques de novos vingadores que seus crimes angaria. Há até encarnados que desejam massacrá-la. Por algum tempo manteve sob seu poder um sítio, não distante daqui, associando-se com outros malfeitores desencarnados que lhe davam alguma segurança, de onde escolhiam vítimas encarnadas e planejavam incêndios, em suas propriedades.

– E o que aconteceu para agora estar só?

– Novamente Jesus, com infinita caridade, está ofertando-lhe chance de reparação, de refazimento. Muitos ex-auxiliares de Pérsia aceitaram a doce oferta do Mestre e atualmente estão alistados na equipe de trabalhos caridosos junto a Espíritos altamente sofrendores. Outros se dispersaram. Os que despertaram para as claridades do Evangelho reúnem-se semanalmente no Centro Espírita presidido pelo irmão Edson, com o qual sintonizam bem, pois são conhecidos há muito tempo.

– Como ajudar Pérsia?

– Essa a sua tarefa.

Evaldo silenciou.

Um grito horroroso, feminino, tirou-o da contemplação interior:

– Atrevidos!

Viram uma mulher, de cujos poros saíam minúsculas faíscas que logo desapareciam. Evaldo intuiu quem era ela: Pérsia.

Jules, em prece silenciosa, suplicou a Jesus que Evaldo e Pérsia tivessem lembranças e a memória recuada.

Olhando-se frente a frente, Evaldo e Pérsia quedaram imobilizados por um enorme espanto, ao se reconhecerem. Difícil quantificar, ali, há quantos séculos não se viam.

Os olhos de Pérsia adquiriram um instantâneo e intenso fulgor, de brilhante escarlate, como se fossem brasas assopradadas.

– Oh! sua majestade... O grande e único rei Shantezim!

– Xaril, Xaril... quanto tempo...

– Ó, grande rei, nem tanto assim. Da última vez que nos vimos, faz apenas dezenove séculos, lá no meio do fogaréu romano... Mas desde que de princesa fui jogada por você na ralé, já se passaram vinte e um séculos. O supremo rei não se lembra? – arrematou, mordaz e cruel.

Nele, uma centelha de luz arremessou-o a um cenário distante, há muito tempo.

À lembrança vivificaram-se-lhe, em rapidíssima sucessão, cenas familiares de quando eram irmãos gêmeos, tendo ele a relegado, ao ser aclamado rei, por ocasião da morte do pai.

Por isso Jules dissera que “por enquanto” a chamaria de Pérsia. Na verdade, era Xaril, sua irmã gêmea.

Lembrou-se bem de como agiu então. Xaril foi mandada tutelar um feudo distante de onde só poderia se afastar com permissão real que, aliás, jamais concedeu, caracterizando o desterro que lhe impôs. Para fazer cumprir essa maldade, contou com a cumplicidade de um nobre, cujo filho boêmio e irresponsável, vinha causando grandes transtornos ao pai. Este, pediu ao rei que o ajudasse, designando tarefa qualquer para o filho, mas que o

mandasse para bem distante dali. O rei, aproveitando-se desse pedido, mandou o rapaz para acompanhar a princesa ao feudo longínquo, também ele só podendo retornar mediante deferimento real. Que também jamais aconteceu. Assim, rei e nobre afastaram os objetos que ameaçavam sua paz. Nas vezes que Xaril quis retornar, o filho do nobre impediu-a, às vezes, usando até violência. Xaril iniciaria ali, o cultivo do ódio ao irmão, o rei, ao nobre e ao guardião, o qual também passou a odiar o pai e o rei, posto que ambos foram responsáveis pelo seu desterro. No feudo, abusando do título de princesa, voltou seu ódio contra pobres inocentes, adquirindo estranha compulsão por incêndios, pois, pessoalmente queimava-lhes as palhoças, a título de "purificação". Não contente, humilhada, carente, revoltada e vingativa, desde, então, Xaril desenvolveu poderes espirituais, empregando-os a benefício próprio, primeiro para concretizar vingança contra o irmão e depois, num equivocado gosto que adquiriu, o de ver ricos soçobremem, de preferência, por causa de incêndios. Que ela provocava.

O filho do nobre, de início julgando-se carcereiro da princesa, não tardou a descobrir que na verdade ambos eram prisioneiros da trama real, à qual se acumpliciara o próprio pai. Passou a odiar o pai, a quem atribuiu toda culpa.

Evaldo teve vários momentos de vacilação espiritual.

Isso não lhe impediu recordar: o nobre era Helmuth, e Karl, o filho dele.

Todos esses fatos vieram-lhe à lembrança numa desconhecida dimensão do tempo, pois estava consciente de que nem um segundo se passara.

O Tempo, guardião da vida, ignorando quantos séculos haviam se passado desde então, demonstrava ali a Sabedoria Suprema de Deus que, com bondade infinita, sempre oferta a todas as criaturas, oportunidades preciosas de reconstrução daquilo que tenham destruído.

E mais, ele, o Tempo, sempre se apresenta no instante exato do despertar, gerando sábio oportunismo espiritual, colocando

culpados e vítimas frente a frente, na dimensão adequada ao perdão recíproco.

Jules, olhos semicerrados, em oração silenciosa, era a única testemunha daquele impressionante reencontro, de Espíritos enredados no passado longínquo e que dois milênios de separação física provavam que entre ambos jamais houvera separação espiritual.

Naquele ambiente da subcrosta terrestre, de atmosfera sufocante e superaquecida, o clima espiritual era igualmente adverso. Da crosta até ali, concentrava-se grande quantidade de fluidos deletérios, pelo sucessivo acúmulo de maus pensamentos, não só de Xaril, mas de muitos outros malfeitores da espiritualidade, aos quais ela se associara por demorados tempos.

Não obstante, os olhos de Evaldo foram inevitavelmente invadidos por uma torrente de lágrimas, que abundantes, rolavam face abaixo, no mais absoluto silêncio. Logo, num gesto que a humildade comandou, ajoelhou-se diante da irmã e implorou:

– Xaril, minha irmã, perdão! Por Deus, suplico seu perdão!

– Perdão? Você tem coragem de me pedir perdão? E o que eu passei? Você imagina o que aconteceu comigo, quantas vezes morri, na miséria, doente, desamparada?

Como o irmão não retrucasse, prosseguiu, brutal:

– Você já sentiu a dor do seu corpo pegar fogo durante anos e você não ter a bênção da morte?... pois foi isso que sofri, com a doença do fogo.

– Sim, sim – balbuciou Evaldo –, também sofri o fogo...

– A culpa foi sua. Quem mandou se bandear para o lado daqueles fanáticos seguidores do Cordeiro Judeu? Eu e meus companheiros não tivemos, mesmo, escolha, a não ser encaminhá-los para aquela fogueira... na igreja...

– Meu Deus! Frígia! Então você estava lá? Oh, Xaril, por que fez isso, matando tantos cristãos?

– Isso mesmo, minha vingança esperou quase quatro séculos. Aproveitei que meus amigos reencontraram vários inimigos

deles distantes de Roma, lá na Ásia Menor e me chamaram. Com os inimigos nossos, vimos alguns traidores, reunidos na Igreja de Frígia, você inclusive. Todos tinham se tornado “nos fiéis” “infiéis”, isto é, estavam convertidos à palavra do Messias. Meus companheiros se vingaram da infidelidade e da traição, mas eu, mais que eles, vinguei-me do seu desprezo real. Arderam todos, queimando seus pecados.

– Quantos tormentos no seu coração! Como você deve estar sofrendo. Por Deus! Deixe-me ajudá-la, minha irmã. Quero fazer tudo o que puder para fazê-la feliz. Jesus há de me dar forças para eu consertar meu grande erro. Mas, ao menos uma vez, responda-me com a voz do coração, você é feliz?

O sofrido Espírito, pela primeira vez, sentiu fraquejar sua disposição. A humildade de Evaldo conseguiu trincar aquele rochedo de desventuras.

Num autoexame deduziu mesmo que jamais fora feliz.

Tal constatação reverberou-lhe célula a célula do corpo espiritual.

– É tarde. Estou perdida para sempre! Olhe para mim... só perto do fogo é que me sinto segura. Vendo-o rastejar, estou vingada. Por várias outras vezes quis destruí-lo, depois de Frígia, mas você ficou inatingível por mim e meus companheiros... sempre com pensamentos nisso que chama de Evangelho. E ultimamente você voltou a prejudicar-me, livrando da minha ação também aquele pai e filho que lá atrás cumpriram suas ordens e me torturaram com o exílio.

Jules, até então, em preces mudas, ajoelhou-se também.

Olhando para o fumegante teto da caverna exorou:

“Jesus, Mestre amado, aceite nossa gratidão por esse reencontro, de almas envolvidas em desenganos, que somos nós três. De todos, Jesus, sou o maior devedor, mas suplico Sua misericórdia para amainar a tempestade no coração da minha filha, cuja alma traz o fogo da vingança, que se alimenta de ódio. Que o

Seu amor nos redirecione para novos caminhos, num porvir de reconstrução e amor”.

Algo sublime aconteceu. Do teto chamuscado e superaquecido da gigantesca caverna, sobre aqueles três Espíritos, começaram a cair gotículas, qual serena neve. Desconhecidos faróis acenderam-se e iluminaram aquele sítio subterrâneo, envolvido ora em labaredas, ora em brumas esfumadas de vapor tóxico, talvez por milhões de anos. Até pareceu que o Sol rebrilhou ali.

O ambiente material, agressivo, deixou de sê-lo para eles.

Xaril e Shantezim, Pérsia e Evaldo, foram subitamente gratificados pela maior surpresa de toda a sua existência, até então: Jules, rodeado de intensa claridade, teve seu perispírito lentamente modificado, até parecer outra pessoa. Era-lhes o pai, o rei de então, que ao morrer, foi sucedido no trono pelo filho Shantezim, o agora Evaldo.

Ambos exclamaram a uma só voz:

– Papai!

– Filhos queridos!

Estupefata, diante da tremenda carga emotiva que aquilo despejava em sua mente, decorrente dos raríssimos e sublimes momentos nos quais vinte séculos evaporam-se numa fração de segundo, Xaril ajoelhou-se diante do pai e beijou-lhe a fronte.

Jules, graças à sua evolução espiritual, utilizando a propriedade que tem o perispírito de plasmar a aparência que lhe convier²⁵, apresentava-se agora como o velho rei, ancião, pai de ambos, nos esquecidos tempos. Para aquela abençoada missão junto aos filhos de tantos séculos atrás, com reflexos não apenas para eles, mas para muitos outros enredados naquela trama, Jules contava com sublime apoio do Plano Maior, dada a profundidade de sua tarefa ali.

²⁵ Em “O Livro dos Espíritos”, Parte 2ª, Cap I, questão 95: “O perispírito tem a forma que o Espírito queira...”. - Nota do Médiun

O pai, diante dos filhos enlevados, em lágrimas, não conseguia falar, pois a transcendental emoção roubara-lhe a voz. Mas seus olhos falavam e falavam alto a linguagem do amor. Envolveu os dois num carinhoso abraço.

Foi inevitável. Intermináveis lágrimas, represadas há séculos por Xaril, viram-se de repente libertas das amarras do ódio, e saltitantes, “felizes até”, vinham à tona e em profusão escorriam pela face, proporcionando-lhe o frescor da paz. Esquecido frescor, por quase toda a humanidade.

Jules olhava-os com ternura indescritível.

Compreenderam o apelo. À reconciliação. E que fosse total!

Os irmãos abraçaram-se com inaudita emoção, trocando fraternais carinhos, armazenados por séculos e séculos. Seus corpos se amalgamaram na forma do perdão, conferindo-lhes, também a eles, inconfundível luminosidade.

Nesse preciso momento ouviram um suave estribilho que um invisível coral entoava:

*“Noventa e nove justos alegres, com o Cristo
Esperam um arrependido, que ao Céu chega benquisto”.*

Jules e Xaril trocaram significativo olhar. Disse ela:

– Antes, ao ouvir esse coral, sofri a dor da expulsão. Como é que agora, sinto tanto bem-estar?

– É porque, filha do coração, naquela oportunidade, tudo o que ouvia se contaminava de ódio e agora você ouve a voz da consciência.

Depois de demorado período, os três, abraçados e chorosos ainda, deixaram aquele sítio. Evaldo, em grande alegria, passava a mão afetuosamente na cabeça da irmã.

À entrada da caverna viu dois enfermeiros espirituais, aguardando-os, com uma maca. Jules instruiu os enfermeiros:

– Vamos levar minha filha, em nome de Deus!

Assim dizendo, interpôs a mão suavemente na frente de Xaril que, em seguida, adormeceu, sendo carinhosamente colocada na maca.

Evaldo acordou.

Não se lembrava do sonho, apenas tinha vaga lembrança de que tinha dado um passe em alguém muito querido ao coração. Indefinida, restou-lhe, do sonho, a recordação de que assumira o compromisso de ajudar alguém unido a ele no passado distante.

Por sua vez, Jules e os enfermeiros conduziram Xaril à "Seara dos Espíritos", onde ela permaneceria em prolongado refazimento. Quando chegaram, Jules propôs:

– Agradecemos a Jesus que nos permitiu caminhar rumo ao futuro, em justos resgates.

Após breve prece de gratidão a Jesus, refletiu: "Há séculos vinha tentando ajudá-la e agora a oportunidade chegou, trazendo-me alegrias ao coração. Não mais nos separaremos, pois mesmo que estejamos em diferentes planos da vida, ou aqui mesmo em sítios distantes, nossos pensamentos serão o indestrutível elo daqueles que se unem por amor fraternal".

Assim, ao cabo de três meses foi mantida por seu pai em recuperação sonoterápica, assistida em tempo quase que integral pelo bondoso mentor espiritual, que providenciou que, se essa fosse a Vontade de Jesus, ela só se encontrasse com Helmuth no momento mais adequado.

Considerando já alcançada parcial restauração, Jules despertou-a. Xaril, a temível "F A" de outrora, abraçou o pai e por demorado tempo assim permaneceu. O milenar estio de carinho, diante de tanto desvelo, transformou-a em criatura receptiva.

Nos dias seguintes, ouvindo e assimilando os bons conselhos que Jules lhe deu, foi, por ele, informada, sempre com bastante ponderação e de forma indene a condenações sobre o roteiro futuro que ela teria que palmilhar, ressarcindo não poucas dívidas.

– Meu Deus! – exclamou Xaril, vendo alguns dos seus delitos, assim mesmo os de menor gravidade. – O que fiz? Quantos inocentes sofreram por minha causa...

– Minha filha, realmente, todos nós cometemos erros. No caso das pessoas que foram prejudicadas pelos seus atos, cumpre lembrar que a Justiça Divina não permite que o mal atinja aos justos. Aquelas pessoas tinham que passar pelas dores e provações que as alcançaram, mas Deus, na Sua Infinita Sabedoria, utiliza até mesmo do mal para gerar o bem. É claro que o Pai não necessita da nossa ajuda, ainda mais pelo erro, para que se façam os reajustes. A própria natureza tem mecanismos precisos de reequilibrar a balança do bem e do mal, existente em nossas almas, para o controle dos nossos méritos ou débitos. Tempo virá no futuro a que a cada instante nos arremete a Evolução, em que só um prato existirá, o do bem, já então integralizado.

Xaril ouvia embevecida os conceitos evangélicos de Jules. Inquiriu:

– Então quer dizer que, mesmo desconhecendo-o, indiretamente fui instrumento da Justiça Divina, quando agia criminosamente?

– Sem dúvida nenhuma. Mas, dispensável instrumento. Consideremos um exemplo: quando alguém sofre grave violência, sem ter dado causa, seja por parte de um assaltante ou mesmo de forma inteiramente acidental, digamos, um projétil disparado e em rumo perdido, essa vítima trazia já previsto em seu roteiro reencarnatório tal desconforto. Estar no local do assalto ou na trajetória do projétil perdido, isso, sim, pode ter sido providência dos Espíritos Siderais, que zelam pelo cumprimento da Justiça Divina. Vemos a Sabedoria de Deus até mesmo nesses acontecimentos infelizes. É claro que o atingido quita-se de um débito, não menor sendo a certeza de que aquele que fez o assalto ou o disparo acidental, endivida-se perante as Leis Morais. A Lei de Ação e Reação circula parêlha com a consciência dos culpados, cedo ou tarde levando-os a querer resgatar as dívidas.

– Pai, quero pagar essa terrível dívida. Inclusive, andei perturbando outra família que nada me fez de mal. Refiro-me ao jovem Tom e sua mãe. O rapaz tem com ele o poder do fogo e eu o obriguei a me obedecer. Ajude-me, pai, o que devo fazer? Já vivi algumas vezes com fogo nas carnes... Será preciso repetir essas dolorosas experiências?

– Filha amada, aguarde o futuro com fé e jamais se esqueça da oração. Deus não nos criou para a dor, mas, sim, para a felicidade. O Pai não quer ver filhos sofrendo, chorando. O que a vida sugere a todos nós para alcançarmos a felicidade é que nos amemos uns aos outros, da mesma forma como Jesus nos amou e ama. Aliás, é literalmente d'Ele essa sugestão, a qual vem exemplificando desde que a vida se instalou na Terra.

– Mas não é somente pela dor que se paga o mal que fizemos?

– A Lei de Justiça divina, representada por ação e reação, assim como a colheita será sempre consequência da plantação, não significa que "somente pela dor" o mal é resgatado. Isso seria o mesmo que julgar ser a natureza um carrasco, matematicamente nivelador de contas, numa justiça onde a Misericórdia Divina estivesse com acesso proibido. Na verdade, minha filha, Deus é Pai de infinito amor e leva em consideração o que vai no coração dos Seus filhos, quando réprobos e sinceramente arrependidos.

Fez pausa para ela assimilar o que dizia e continuou:

– Imaginemos alguém que venha se mantendo distante do amor ao próximo, em equivocadas existências, causando sérios prejuízos a muitos. Esse alguém, ao despertar para o Evangelho de Jesus, reconhecendo seus desvios da rota do Bem, pedirá a Deus a bênção de muitas e muitas existências terrenas reparando os males praticados.

– Implorarei a Deus essa bênção e forças para conseguir reparar tantos erros, mesmo sabendo que não será fácil.

– Deus concederá tantas vidas terrenas quantas forem necessárias. Sim, terá dificuldades, mas quem ajuda o próximo está

sempre ao reconforto de Espíritos Protetores. Assim, as expiações que vivenciar, com o entendimento de que são benéficas, como toda expiação o é, muito mais fácil será suportá-las.

Xaril compreendeu que o pai tomava-a como exemplo, mas, por caridade, utilizou-se da expressão “alguém”.

Jules meditou alguns instantes e complementou:

— Aquele rapaz, o que possui aquilo que você denomina “poder de fogo” é uma raríssima faculdade que Deus empresta a alguns dos Seus filhos para que a utilizem a benefício do próximo. Você aprenderá, logo, as maravilhas do Espiritismo e saberá que essas faculdades são ferramentas denominadas “mediunidades”, emprestadas para socorrer necessitados, a partir de quem as emprega. No caso, o emprego correto é o de promover curas, justamente em pessoas que tenham fluidos muito viscosos, causando-lhes doenças e dores atrozes.

– Fluidos viscosos?

– Sim. Cada um de nós é Espírito, revestido de uma camada extrafísica ou semimaterial, denominada perispírito, por sua vez revestida do corpo físico. Ao longo das várias reencarnações, vindo dos reinos inferiores da criação, rumamos inexoravelmente para o progresso moral. Adentrando na humanidade, a inteligência nos dá condições de ajuizar o que é bom e o que é mau, com reflexos interiores de felicidade ou infelicidade, sob tutela da consciência. Os fluidos viscosos a que me referi seriam os graves erros que pela repetência se acumulam no corpo perispiritual, danificando-o e criando moldes negativos que se refletirão no físico.

Xaril retraiu-se de repente, imaginando-se repleta de tais fluidos. Jules captou seu pensamento e confortou-a:

– Filha, repito, tenha fé na Justiça Divina e não vacile na caminhada futura. Jesus, nosso Mestre, o modelo de comportamento moral que Deus oferta para todos nós, está sempre ao lado daquele cujo coração é despertado pelo arrependimento. Você própria é testemunha da bondade divina, pois tão logo uma

única centelha do bem aflorou em seu coração, brilhou mais que todo o fulgor das chamas da vingança que o envolviam.

– Pai, por diversas vezes ouvi falar de Jesus e jamais quis encontrá-lo. Agora, compreendo meu grande equívoco. E é justamente por isso que vacilo neste momento, pois de há muito venho me opondo a Ele, procurando exatamente o contrário de Suas obras.

O perdão é imanente, incondicional e infinito no coração de Jesus, minha filha...

– Feri pessoas... Feri amores do passado...

– Não se atormente, apenas mantenha firme a decisão de reconstruir esse passado.

– Há alguém que neste momento está sofrendo muito por minha causa. Numa existência distante deu-me todo o seu amor... e eu o destruí...

– Sei a quem você se refere, Mirênio. Conheço a ligação afetiva entre vocês, mas considere que não será justo perturbá-lo com sua presença, que fatalmente despertará nele reminiscências que por enquanto devem permanecer ocultas, para o bem-estar de toda a família. Seu afastamento já será fator de reequilíbrio para ele.

– Preciso confessar que tenho realmente o atormentado, com meu ciúme, desde que o reencontrei nessa existência física dele, quando conheci o filho, com “aquela” mediunidade.

Suspirando sofredamente continuou:

– Meu prazer permanente era humilhá-lo. Conseguia, sem dificuldade, obrigá-lo a demonstrar exagerada submissão aos donos da fábrica, resultando disso cenas ridículas e desprezo dos colegas. Quando ele se mudou para outra cidade, para gerenciar a construção daquela fábrica, consegui me vingar do seu abandono a mim, separando-o da mulher, a quem influenciei para não acompanhá-lo. Depois, instiguei o dono da fábrica para demiti-lo – refletiu, arrependida. – E agora ele e a família estão em grandes provações por minha causa. À época, fiquei contente com isso, mas

há algum tempo o remorso vem doendo muito dentro do meu peito.

– São benéficas essas suas reflexões, demonstrando que você não mais cometerá tais desatinos. Para tranquilizá-la, vou contar algo bastante auspicioso. Tom apaixonou-se pela filha do dono da fábrica, sendo correspondido, inclusive, breve serão pais, o que está aproximando as duas famílias. Há possibilidade de Mirênio retornar ao antigo emprego, talvez em outro cargo.

Arrematou a informação, elucidando:

– Sabe como conseguimos, seu irmão e eu, aproximarmos de você? Foi em razão desse arrependimento quanto ao Mirênio, gesto que se constituiu num pedido de perdão a Deus. E, na verdade, quando isso acontece, não é a Deus que estamos implorando perdão e, sim, a nós mesmos, ou melhor, à nossa consciência. Essa é a sublimidade do Amor do Pai. O arrependimento dói mesmo muito, dentro do peito, mas Deus, podemos dizer que no mesmo instante, sempre oferta a única anestesia a essa dor: a possibilidade de reparação e reconciliação. Já se vê, minha filha, que tal dor pode durar um segundo ou um século, até mais, dependendo tão somente da disposição firme do arrependido palmilhar novas rotas, sob o sol do Evangelho de Jesus.

Quando Tom chegou a casa contou a Mirênio e Nilce a feliz aceitação dos pais de Angélica, a ele próprio e àquela situação, a de brevemente ser pai e da ideia de se casar com ela, grávida do seu filho.

Os pais abraçaram-no e Tom comentou:

– O doutor Karl quer que o senhor o procure amanhã cedo.

– Para quê?! Será que é para...

– Claro, pai, só pode ser para lhe devolver o emprego.

– Louvado seja Deus – exclamou Nilce, abraçando e beijando Mirênio, emudecido pelas lágrimas abundantes, há muito bem guardadas e mesmo bem escondidas na alma, por tantas humilhações e tantas angústias.

Quando na manhã seguinte Mirênio se viu frente a frente com Karl, ambos fitaram-se longamente, mudos, como se um quisesse penetrar no pensamento do outro. De fato, eram outros. A vida os havia modificado para melhor. Essa certeza visitou-os no ato. Mirênio eliminara a insuportável postura de bajulador contumaz, que por invigilância moral, permitia fosse incensada por "F A", cujo assédio obsessivo terminara. Ao falar, trazia firmeza no olhar, ausente qualquer impressão de arrogância:

– O senhor convocou-me e aqui estou.

– Sim, Mirênio, para dois assuntos importantes: o primeiro, estou precisando dos seus serviços aqui na "H&H", para ser nosso diretor nacional de supervisão às agências autorizadas.

O brilho no olhar de Mirênio avalizou a readmissão na "H&H". Impassível, aguardou o segundo assunto.

Sabia qual seria.

– O outro ponto que quero falar é sobre... nosso neto.

– Ou neta.

Abraçaram-se efusivamente. De tanta felicidade, lágrimas de ambos foram testemunhas. Karl, vendo-o lacrimejar, desabou também a chorar, sem saber direito se pela gravidez da filha ou pelo retorno ao seu convívio profissional do ex-gerente e pela lembrança do pai. Pela mente do poderoso dono da "H&H" perpassou uma veloz reflexão: "Interessante, até parece que agora eu é que estou bajulando o Mirênio, pois vendo-o em lágrimas, chorei mais que ele".

• • •

Karl e Cássia marcaram consulta com o doutor Edson em seu consultório particular. Ao serem atendidos, surpreenderam-no, quando contaram seu propósito, saber o andamento da gravidez de Angélica.

Após identificar de quem se tratava, com a ficha médica de Angélica à mão, Dr. Edson comentou:

– Então ela é sua filha? Esteve aqui uma vez e preocupadíssima com a reação dos pais, isto é, de vocês.

– Como está a saúde dela? – atalhou Cássia, direta.

– Muito bem! Sem problemas. Vocês serão avós de uma criança muito saudável.

– Obrigado, doutor. Por favor, cuide dela da melhor forma possível.

– Fiquem tranquilos. Tenho sempre um presente especial para os bebês que Deus me dá a honra de recepcionar na sua chegada ao mundo: Amor.

O casal estava deixando o consultório do médico, despedindo-se dele, quando, de chofre, Campos adentrou na sala de espera. Esbaforido, não cumprimentou ninguém e pediu ajuda ao Dr. Edson, pois sua mulher estava em casa, passando mal, sinalizando parto iminente.

O médico concordou em ir à casa dele. Foi até à sala de consultas para apanhar sua maleta.

Campos e Karl olharam-se por um segundo. Olhar fixo. Tenso. Nenhuma palavra. Deram-se as costas.

Karl e Cássia estavam já no carro, que ele próprio dirigia, quando viu o Dr. Edson sair do prédio, na companhia de Campos, aflitíssimo. Sem dizer palavra.

Na mente do casal bailava uma pergunta: “Será que a mulher de Campos é...?”. Um incontrolável impulso fê-los acompanhar o carro do médico, guardando alguma distância para não serem percebidos por Campos. Quando chegaram à casa do ex-motorista, Karl aguardou que ele e o médico entrassem. Após alguns instantes desceu do carro, dirigindo-se ao portão de entrada. Cássia acompanhou-o. Um homem, com uma criança de uns quatro anos ao colo, cumprimentou-o:

– Doutor Karl, o senhor por aqui?

Era Mauro, o vigilante noturno da “H&H”, com o filho, Maurinho. Karl sabia que o conhecia, “mas não sabia de onde”. Mauro ajudou-o:

– Sou segurança na fábrica do senhor. Trabalho à noite. Às vezes, vejo o senhor chegar bem cedinho.

– Ah! Agora me lembro. O que você está fazendo aqui?

– O Campos é meu compadre. Somos vizinhos e quando a mulher dele começou a passar mal para ter o bebê ele foi me acordar e pediu-me que olhasse por ela, pois não tem nenhum parente para cuidar dela. Minha mulher está fazendo faxina numa casa e eu tomo conta do nosso filho aqui, o Maurinho.

Nisso, ouviram gritos lancinantes de mulher, na casa.

Entraram rápido.

Sim. Era ela, Ester! Tanto Karl quanto Cássia custaram a reconhecê-la, tal o deplorável estado. Ao lado dela, Campos, segurando-lhe afetosamente na mão. Estava sendo atendida pelo Dr. Edson.

A expressão de piedade do rico casal, ao reconhecê-la, impediu que Campos expulsasse o ex-patrão da sua casa, pois o considerava a causa da miséria a que ele e Ester haviam sido jogados. Porém, numa fração de tempo, raciocinou: “Se ele vem até aqui é porque deve estar arrependido do que fez conosco. E eu também andei odiando-o tanto, é melhor interromper essa sintonia, conforme aprendi no livro do Allan Kardec”.

O perdão, uma das faces do Amor, realiza mesmo fatos surpreendentes, considerados “milagres”, tais como aquela aceitação de alguém tão pobre a alguém tão rico, tido como o responsável por tal pobreza. Aquele gesto demonstrava solidariedade e não invasão de domicílio. Campos assim captou-o.

– Precisamos removê-la para o hospital, com urgência – diagnosticou Dr. Edson, explicando. – O parto será prematuro. Temos que chamar uma ambulância, mas o problema é que demora a vir, ainda mais tão longe como aqui, rua de terra, sem placa do nome.

Karl adiantou-se:

– Quero ajudá-los. Deixem-me ajudá-los pelo amor de Deus!
O olhar de Campos, súplice, demonstrou concordância.

Doutor Edson, sem dizer palavra, com os olhos expressou interrogação: “O que o senhor pode fazer?”

Em resposta, Karl perguntou a Campos o nome da rua, o número, qual era aquele bairro e como seria mais fácil identificar o local. Após, foi até o carro e em contato com a “H&H” determinou ao diretor de transporte: “Mande meu helicóptero agora, aqui”. Passou as coordenadas e determinou que o piloto verificasse o local mais adequado para um pouso de emergência, quando teria que transportar uma gestante para o hospital. Informou ainda que seu carro seria um ponto de referência para o piloto, pois iria aguardar a chegada.

Antes do helicóptero chegar, Karl ofertou ao Dr. Edson:

– Gostaria que o senhor acompanhasse a dona Ester e que fossem ao “meu hospital”. Todas as despesas correrão por conta da “H&H”.

O médico concordou, até porque também ali prestava atendimentos. Utilizando o mesmo intercomunicador a bordo da limusine, Karl determinou à sua secretária na “H&H” que providenciasse, junto ao hospital, o atendimento a Ester, “dentro de minutos”.

Oito minutos depois, os moradores do pobre bairro, estupefatos, viram a lustrosa aeronave provocar imensas nuvens de poeira do chão rústico, formando impressionante turbilhão de pó, que alcançou casas distantes até 200 metros do local do pouso. O helicóptero decolou, tão logo embarcaram o médico, a paciente e Campos. Novos tufos de poeira espalharam-se pela área, dando um “banho-reverso” em dezenas de deslumbradas pessoas que a tudo assistiam. Só quando a aeronave ganhou altura e foi embora é que se deram conta de que estavam com poeira pelo corpo todo. Aí, passada a admiração, não poucos xingaram aquilo que até há pouco lhes era deslumbramento.

Karl e Cássia, de dentro do carro para se protegerem da poeira, ficaram um tanto constrangidos ante a reação daqueles que com razão reclamavam. Karl, dirigiu-se a Mauro:

– Vocês não pediram ainda à Prefeitura para asfaltar sua rua?

– E quantas vezes, doutor Karl. Mas o senhor sabe como é, não temos força, por aqui todo mundo é pobre.

O filho de Mauro tentou articular alguma palavra. Não conseguiu.

Karl, antes de partir, até então sem prestar atenção à criança, vendo-a com dificuldades para falar, inquiriu Mauro:

– Seu filho... o que ele tem? Não consegue falar direito?

– É, doutor. Desde que nasceu tem uns problemas da boca para dentro e não tem jeito de ele aprender a falar.

– Hum... Você já o levou a um médico especializado?

– Levar eu levei, mas o doutor disse que o menino precisa de uma operação complicada e cara. Mesmo tendo direito trabalhista a médico, não consegui ainda achar um jeito de o Maurinho operar, pois os hospitais estão sempre sem vaga para esse tipo de operação.

No mesmo instante Karl tomou uma decisão:

– Amanhã você leve o menino à “H&H” e veremos o que se pode fazer.

Agora foi a vez de Mauro perder a voz, sensibilizado pela oferta. Em pensamento, falou com Deus: “Oh, Deus Pai, como o Senhor é bom, ouvindo as preces minhas e da minha mulher, para que o nosso Maurinho seja curado”. Com efeito, em sua mente, já via o filho falando “até pelos cotovelos”, para tirar o atraso de quatro anos.

No caminho de volta para sua casa, Karl comentou com a esposa:

– Que coincidência, quando eu era criança também tive esse tipo de problema para falar, que os médicos denominam de dislalia. Essa anomalia relaciona-se com lesão dos órgãos externos da

linguagem e na maioria dos casos a cirurgia corrige-a. Tive um impulso muito forte de ajudar aquela família, pois me lembrei de como meus pais sofriam vendo-me querendo falar e a voz não saindo. Sei exatamente o que aquele menino sente.

No dia seguinte, com efeito, sob patrocínio da “H&H”, Maurinho foi internado numa clínica especializada em problemas da fonação. Após vários exames, havendo consenso dos médicos para a cirurgia, a criança foi operada.

Campos e Ester, agora pais de uma linda menina, Estela, naquele mesmo dia, na maternidade, receberam a visita de Karl e Cássia.

– Viemos cumprimentá-los e desejar à Estela mil felicidades. Inclusive, para que ela seja mesmo muito feliz, o pai dela bem que poderia aceitar a gerência de atendimento a clientes, lá na “H&H”.

Campos, extravasando felicidade pelo nascimento da filha, olhou para Ester e também num arroubo de fraternidade, misto de gratidão, condicionou:

– Aceito, com uma condição: que o senhor e a dona Cássia sejam os padrinhos da Estela.

Ester aprovou totalmente, pois seu sorriso bem que o demonstrou. Karl e Cássia, pegos de surpresa, também ficaram emocionados. Aceitaram:

– Nem nós – adjuntou Cássia ao gesto de aprovação de Karl – admitiríamos que a Estela tivesse outros padrinhos. Se vocês não nos convidassem, nós nos convidaríamos.

Dirigiu-se a Ester:

– Estamos pensando em instalar uma creche lá na “H&H”, pois breve seremos avós e os pais do nosso neto já decidiram que irão trabalhar lá, assim será necessária uma pessoa que goste de crianças para dirigir a creche. Você aceitaria também essa incumbência?

Enternecida, Ester sinalizou com os olhos que queria, sim. Aquele convite representava que ficaria com Estela o tempo todo,

ficaria perto de Campos e ainda por cima retornaria a ser funcionária da "H&H" num cargo expressivo.

Mais alguns meses, nasceu Cassiano, filho de Angélica e Tom. Cássia não cabia em si de contente, pois o nome do neto a homenageava.

A pedido de Karl, as autoridades municipais anteciparam o cronograma de asfaltamento do bairro onde moravam as famílias de Campos e de Mauro e contemplaram a rua de suas casas e outras ruas, com tal melhoramento. Os moradores, felizes com o asfalto, em gratidão à "mãozinha dada pelo doutor Karl", resolveram manifestar o agradecimento pedindo aos vereadores que aquela rua, até então denominada de "Rua A", passasse a se chamar "Rua Dr. Helmuth Heinrich", o que sem dificuldade foi aprovado na Câmara Municipal.

Por essa ocasião, Helmuth era aluno no curso de evangelização na Instituição para onde fora transferido. Recebeu visita de Jules:

- Vim convidá-lo a participar de uma solenidade.
- Que alegria! Irei, com todo prazer.

Assim, quando a placa da rua foi descerrada, nos festejos programados pelos moradores da Rua Dr. Helmuth Heinrich, ele, em Espírito, lá estava.

Emocionado com a presença do filho, da nora, da neta e do bisneto, mais ainda ficou quando um menino de quase seis anos, demonstrando que já sabia ler, proferiu um minidiscorso, de apenas uma frase, de agradecimento ao patrono daquele logradouro.

Disse a criança, no microfone instalado no palanque das autoridades:

- Deus abençoe o doutor Helmuth onde ele estiver!

A criança era Maurinho.



Na “Seara dos Espíritos”, Xaril, de início, recebeu tratamento específico para refazimento de energias vitais – a bendita sonoterapia. Na sequência do tratamento preconizado por Jules, passou por intensos treinamentos para transformação gradativa das imagens que trazia em sua tela mental. Numa terceira fase, ouviu palestras doutrinárias coletivas, recebeu aulas individuais de evangelização, logo passando a frequentar classe com outros convalescentes.

Aos poucos, integrou-se com os Espíritos bondosos que a atendiam, todos zelosos e fraternais. Mais importante do que tudo, porém, foi o fato de refletir longamente sobre o equívoco da sua conduta até ali.

Nessas ocasiões, de reflexão e introspecção, teve várias recaídas, várias crises de desespero, inúmeros períodos com depressão. Mas sempre contou com a paciência e a caridade dos atendentes, o que acabou por conferir-lhe relativo equilíbrio espiritual.

Quando finalmente conseguiu fazer vários amigos, foi chamada por Jules, que lhe informou:

– Graças a Jesus, nosso Mestre, você já reúne condições para seguir na rota evolutiva mais adequada às suas condições. Hoje, como grande trunfo para seu progresso moral é a certeza de que só o perdão dissolve os laços que o ódio entrelaça, algemando corações endurecidos e vingativos.

Já com lágrimas nos olhos, Jules prosseguiu:

– É chegada a hora de darmos testemunho da nossa gratidão a Deus, pelas bênçãos que a cada instante se renovam à nossa frente.

Xaril ouvia-o com doçura e controlada curiosidade. Jules prosseguiu:

– Estaremos sempre unidos pelo coração, conquanto às vezes separados nas atividades futuras, necessárias ao nosso progresso moral. Depois, o pêndulo do progresso vai reconduzi-la à reencarnação.

O pranto explodiu em Xaril. Jules pacificou-a:

– Seu retorno à carne não será para tão breve, minha filha, talvez dentro de duas décadas... nem você irá sozinha.

A curiosidade agora suplantou todos os sentimentos. Xaril olhou-o demoradamente, pois ele também silenciou por longo período, para logo dizer:

– Vinte anos passam depressa para aqueles que trabalham. Esse período ajudará você a reaprender vários conceitos de vida em coletividade e nada melhor do que treinar, fazendo parte de uma equipe daqui do Plano Espiritual, de atendentes a infelizes irmãos nossos, desencarnados, vítimas dos infortúnios causados pela vingança. Aqui no Plano em que nos encontramos neste momento, você tem estrutura fluídica adequada a ir a locais onde poucos sobreviveriam. Isso será sublime passaporte para sua incursão em zonas umbralinas de perigosa densidade fluídica, mas para a qual você tem resistência. Também nessas incursões você jamais estará desprotegida, pois Jesus, o Médico das almas, proporcionará a segurança necessária.

Como Xaril demonstrasse no olhar alguma incompreensão, Jules explicou:

– Antigos companheiros seus, ora também em processo de autorreforma íntima, já manifestaram alegria quando consultados se gostariam de voltar a agir com você, em tarefas socorristas.

Ajuizou, confortando-a:

– Como vê, Deus utiliza todos os meios para o Bem. A propriedade que você desenvolveu, para destruir, será agora justamente sua principal ferramenta de reparação. E quem antes era cúmplice, será irmão na tarefa. Infelizes vítimas de incêndios serão atendidas por você e seus companheiros, já a partir do plano terreno. Vocês serão prestimosos auxiliares dos Espíritos socorristas.

Xaril interrompeu-o, extremamente curiosa:

– Aqueles do “balão”?

– Isso mesmo, a equipe “Águas Calmas”. Entre eles existem especialistas em desatar o perispírito do corpo físico. Poucos Espíritos têm condições de ingressar no fogo e é em meio às chamas, muitas vezes, que aquele desligamento precisa ser feito. O apoio de vocês, nessas horas, será utilíssimo. Como vê, nada se perde na natureza.

Xaril encantou-se com o futuro que se desdobrava, quando poderia recuperar-se, recuperando criaturas necessitadas, qual ela era até pouco tempo. Foi-lhe impossível não bendizer a Deus que ofertava-lhe, e aos ex-auxiliares, a chance de transitar por estradas bem conhecidas, mas em efeito reverso de suas ações.

– Pai, o senhor disse que quando eu reencarnar não irei sozinha. O que quer dizer?

– Ainda está em conjeturas, mas há possibilidade de você caminhar, quando encarnada, ao lado de Helmuth, eis que também ele, em outra Instituição Espiritual, está em trabalho de autorrecuperação. Em breve, você o verá.

Mais alguns dias e chegou a hora de Xaril partir para seu novo endereço, a Instituição que a abrigaria, aproximadamente, pelos próximos vinte anos. Vários amigos vieram despedir-se dela, chorosos, já com saudades.

Jules beijou-a com ternura paternal e encorajou-a:

– A hora da despedida, minha filha, qualquer despedida, congela o adeus daqueles que se amam, mas jamais o pulsar da vida e do pensamento deles que, dinâmicos e unidos, seguem em busca da eternidade. Almas que se amam, quando se afastam, estão sempre em companhia de saudades e lembranças, que não deixam a chama do amor apagar.

Xaril, espirituosa, filosofou:

– Sim, meu pai, tanto tempo estive equivocada quanto a chamas. Essa a que o senhor se refere aquece as almas, enquanto as outras...



Nos anos seguintes, conforme prometera, por algumas vezes Jules visitou a filha, outras vezes, convidou-a a participar de estágios educativos da moral cristã na "Seara dos Espíritos".

Num desses encontros, Xaril encontrou-se com Helmuth.

"De surpresa", isto é, Jules programou tal encontro, convocando Helmuth, que se encontrava em atividades assistenciais, em outra cidade espiritual. Propositadamente, não informou nem a um nem a outro que se veriam e, mais que isso, que permaneceriam juntos por alguns dias, ambos participando dos estudos evangélicos programados para então.

Eram, agora, caminhantes na estrada da redenção, que o Evangelho asfalta, ofertando pausas e pousos para refazimento, no descanso justo da Paz que têm direito todos aqueles que se dedicam ao próximo.

Sim, porque Helmuth há tempos vinha dedicando-se a recepcionar Espíritos recém-desencarnados, revoltados com a morte física que lhes roubara, abruptamente, suas grandes fortunas.

Quem, como ele, para entender-lhes as angústias, os equivocados julgamentos, as aflições da ausência de mordomias, longamente usufruídas, além de se constituírem em presa fácil a escravagistas do além que lhes explorasse tal revolta? Sobretudo, só começou a participar dessas tarefas renovadoras quando conseguiu perdoar dois dos seus mais cruéis algozes: os dois Espíritos que tantos crimes perpetraram quando pertenciam ao bando de "F A", o homem-animal, grosseiro e truculento e o rapaz franzino, mas de inusitada crueldade. Desde que foram catapultados às trevosas regiões, na ocasião em que o pavilhão de pintura da "H&H" foi posto sob segurança da equipe socorrista espiritual "Águas Calmas", ambos passaram a ter sofrimentos atrozes, sentindo-se queimar o tempo todo. Jules e os dois padioleiros mostraram a Helmuth as terríveis dores daqueles dois Espíritos e convidaram-no para se juntar a eles e irem socorrê-los.

Condoído, Helmuth aquiesceu.

Seu perdão, naquele momento, conferiu-lhe o sublime galardão de incorporar-se à equipe socorrista "Águas Calmas", o que vinha fazendo há tempos, pois quando os atendidos chegavam à Instituição, incumbiam-se de proporcionar-lhes recepção fraternal e acompanhamento durante o refazimento.

Essa tarefa aproximou-o de Xaril, diversas vezes.

Na primeira vez, ex-algoz e ex-vítima olharam-se por instantes que o tempo alongou.

Contudo, num gesto que a espontaneidade lhes ditou, olharam para Jules que, com olhar expressivo, algo brincalhão, de raras ocasiões, parecia dizer-lhes: "O que lhes ensinei sobre o perdão?"

Helmuth lembrou-se, na hora, daquele "490...".

Xaril também.

Espíritos de fortes impulsos, temperados na forja de muitas existências, personalidade marcante, indenes a indecisões, sem qualquer titubeio, caminharam um para o outro.

Helmuth estendeu a mão.

Xaril aceitou o cumprimento e a ele aduziu algo mais: abraçou-o.

Novamente o tempo congelou aquele instante, pois ambos foram invadidos por raro bem-estar. Assim, não havia motivos para não permanecerem abraçados mais um pouquinho. Quando encerraram aquele bendito contrato de reconciliação, volveram o olhar para Jules que, embora transbordando de felicidade, trazia júbilo no semblante, por algo indefinido.

Aqueles reencontros entre os dois repetiram-se mais algumas vezes, em espaçados anos.

À certa altura, Madeleine visitou Helmuth e informou-lhe que novos embates a aguardavam no plano terreno. Vinha testemunhar-lhe grande afeto e desejar felicidades nas abençoadas tarefas assistenciais a que ele se dedicava. Num gesto de grande alcance moral, abraçou Xaril e tomando-lhe a mão, levou-a até o

ex-marido. Com grande meiguice, uniu a mão de Xaril à de Helmuth.

Semblante sereno, despediu-se deles exprimindo-se:

– Deus os abençoe!

Aquele era o selo sublime do sentimento nascido entre Helmuth e Xaril. Não havia mais dúvidas em seus corações que de há muito uma força indômita os atraía.

Já não era apenas amizade, fraternidade.

Muito à frente, num dia inesquecível, Jules confirmou-lhes:

– Meus filhos, é chegada a hora de darmos novos testemunhos da nossa gratidão a Deus pelas bênçãos que a cada instante se renovam em nosso caminho. A Lei Divina da Evolução volta a convocá-los para novos rumos.

Ouviam-no com doçura e controlada ansiedade. Jules prosseguiu:

– A bênção da reencarnação lhes foi renovada.

Antes do protetor concluir sentiram-se invadidos por tremenda energia, que só o amor confere. Abraçaram-se comovidos e ouviram:

– Juntos, terão a sacrossanta oportunidade de muito progresso moral, eis que o Pai criou-nos para evoluir incessantemente e para sermos felizes. E o nosso progresso é sempre dimensionado na razão direta do progresso que proporcionarmos ao próximo, em gestos de solidariedade fraternal.

Advertiu-os:

– Certo, terão não poucas dificuldades, principalmente Xaril, mas jamais nos esqueçamos de que nosso mundo, embora de provas e expiações, é casa, sublime escola e mãe das nossas necessidades materiais. Mais que isso, a Terra é abençoada oficina onde aprendemos a pôr em prática as lições do amor universal, tão bem exemplificadas por Jesus.

– Mas... – balbuciaram, quase que a uma só voz – ficaremos longe um do outro?

– Vejam só. No primeiro segundo de uma nova fase e seus corações já vacilam – repreendeu-os Jules, com leveza paternal. Logo, completou. – O amor é talvez a criação maior de Deus...

– Então...

– Isso mesmo... se unirão por amor.

Xaril e Helmuth solicitaram-lhe vários esclarecimentos sobre o futuro que os aguardava. O bondoso Espírito, com paciência, informou-lhes que planos reencarnatórios constituem roteiro benéfico a todos os que retornam aos embates terrenos, tendo como meta principal a evolução moral de cada um.

– Como saberemos o que fazer? – perguntaram os dois.

– Pela prece elevem o pensamento sempre ao Mais Alto e deixem que o coração faça as perguntas. Em resposta, invariavelmente, o Amor de Deus nos protege, orienta e socorre, atendendo nossas necessidades e dissolvendo dúvidas.

Bastante compenetrado, Jules informou-lhes:

– A Lei de Justiça, sublime e sábia como todas as coisas de Deus, agindo pela caridade de Jesus, proporciona a cada devedor os meios adequados, indutores à respectiva quitação perante a própria consciência. Vocês terão esse benefício.

Dirigiu-se a Xaril:

– Como ex-incendiária, a seu próprio benefício, embora com deficiência respiratória congênita, de início será encaminhada para cursar Medicina, optando pela área da dermatologia, quando atenderá vítimas de incêndios.

E para Helmuth:

– O grande magnata de antanho, não seguirá a profissão do pai e do avô, a de engenheiro. Cedo, demonstrará pendor para viver em ambiente rural, o que poderá acontecer numa pequena fazenda de criação de gado leiteiro. Ali, desde criança lidando com o rebanho, o ex-portentoso presidente da multinacional de veículos terá excelente oportunidade de exercitar humildade, ao invés de comandar um império de bólidos sofisticados, luxuosíssimos e

velozes, cuidará de bois e vacas, animais dóceis, mas que se deslocam, quando muito, a dois quilômetros por hora.

Xaril, algo tímida, encheu-se de coragem e perguntou:

– Todos os que lidam com pessoas queimadas e os trabalhadores rurais, têm um passado igual ao nosso?

– De forma alguma. Nas escolas terrenas, o fato de vários alunos frequentarem uma mesma classe não significa que tenham a mesma família, a mesma capacidade intelectual, a mesma capacidade de aprendizado.

Fazendo ligeira pausa, logo completou:

– Alunos se agrupam para aprender a mesma lição, mas nem todos seguem a mesma profissão. A Terra é escola generosa, os Espíritos que reencarnam e se aproximam num mesmo contexto familiar, profissional ou social nem sempre têm o mesmo histórico de vidas passadas. E nem suas vidas terão roteiro semelhante. Têm, sim, em comum, o tempo de aprendizado e a sublime oportunidade de se unirem pela fraternidade, fato que só a eterna Sabedoria e a suprema Bondade do Pai poderiam proporcionar a todos os Seus filhos.

Arrematou:

– O livre-arbítrio é sagrado, mas exige respeito às Leis de Deus. Quando alguém desvirtua seu emprego, necessariamente terá que recuperar o direito dessa bênção.

Helmuth e Xaril entenderam perfeitamente que o amoroso pai de antanho se referia a eles, embora falasse de modo geral.

Quando Karl e Cássia festejaram os quarenta anos de casados, promoveram uma grande festa. Cassiano, então com vinte anos e já casado há um ano, aproveitou o clima alegre e informou aos pais que breve seria pai.

– Meu Deus! – fingiu resmungar Cássia, justificando, feminina e ainda vaidosa. – Imaginem, eu, bisavó?

Evaldo e Julieta, amigos de longos anos da família, fizeram coro a Cássia:

– Vejam que alegria... e nós seremos avós. Nosso filho Júlio e a esposa, Norma, em breve serão pais.

Assim, antes daquele ano se findar, duas crianças compromissadas entre si aportaram em lares distintos: Xaril, no lar de Cassiano e Estela; Helmuth, como filho de Júlio e Norma.

De futuro, segundo programação reencarnatória, como sempre com previsão de progresso para os reencarnantes, forças maiores, sagradas, os aproximariam. Juntos, enfrentariam os embates que os elevaria na escala moral, expiando culpas acumuladas no passado e aprimorando a prática das virtudes que todos temos, em potencial, desde nossa criação.

Ainda crianças, ambos ficaram muito amiguinhos, amizade essa que de futuro evoluiria, unindo-os para o compromisso assumido na Espiritualidade.

Como a menina sofresse de bronquite crônica, de quando em quando, por indicação médica, precisava ser levada à zona rural, para respirar o ar das montanhas.

Evaldo ofereceu a pequena fazenda “Via Láctea”, de sua propriedade, para esses benéficos estágios no campo.

O convite foi aceito.

Até porque, Karl tinha especial carinho pelo neto de Evaldo – que fora seu pai, Helmuth –, sentindo grande alegria em aproximar-se dele.

Assim, ora o bisavô, ora Tom levavam menina, bisneta e neta – aquela que fora Xaril –, respectivamente, para passar alguns dias naquela fazenda, onde o neto do fazendeiro a divertia, mostrando como “inventara” uma nova maneira de aboiar, de fato, os bois “o obedeciam” apenas com uma pequena tossidela sua, seguida de característicos resmungos.

Já adultos se casaram, por amor e sob as bênçãos da vida.